

Jaqueline Boldo

**INTERCORRÊNCIAS NA CULTURA E NA IDENTIDADE
SURDA COM O USO DA LITERATURA INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, na linha de Ensino e Formação de Educadores, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiana Tramonte

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Gladis Perlin

Tradutoras: Ana Paula Jung e Natália Rigo

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Boldo, Jaqueline
INTERCORRÊNCIAS NA CULTURA E NA IDENTIDADE SURDA COM O
USO DA LITERATURA INFANTIL / Jaqueline Boldo ;
orientadora, Cristiana Tramonte ; coorientadora, Gladis
Perlin. - Florianópolis, SC, 2015.
135 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Literatura Surda. 3. Cultura Surda. 4.
Língua de Sinais. 5. Tradução Cultural. I. Tramonte,
Cristiana. II. Perlin, Gladis. III. Universidade Federal
de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV.
Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

"INTERCORRÊNCIAS NA CULTURA E NA IDENTIDADE SURDA COM O USO DA LITERATURA INFANTIL"

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de Mestrado em Educação do Centro de Ciências da Educação em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 14/07/2015

Dra. Cristiana de Azevedo Tramonte (PPGE/UFSC-Orientadora)

Dra. Gládis Perlin (UFSC-Co-orientadora)

Dra. Marianne Stumpf Rossi (CCE/UFSC-Examinadora)


Dra. Rachel Sutton-Spence (CCE/UFSC-Examinadora)

Dra. Tatiana Lebedeff (UFPEL-Examinadora)

Dra. Karin Strobel (CCE/UFSC-Suplente)

JAQUELINE BOLDO

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/JULHO/2015


Prof. Ione Ribeiro Valle
Coordenadora do PPGE/CED/UFSC
Portaria n. 1746/GR/2014

Dedico este trabalho
aos meus alunos surdos
que contribuíram para a literatura
e a cultura surda.

*Escrever.
Não posso.
Ninguém pode.
É preciso dizer: não se pode.
E se escreve.
É o desconhecido que trazemos conosco:
escrever, é isto o que se alcança.
Isto ou nada.*

(Marguerite Duras)

AGRADECIMENTOS

Neste espaço quero agradecer:

- . primeiramente, a Deus por me permitir mais esta conquista.
- . aos meus queridos pais, Nelson Boldo e Elvira Boldo, pela vida e por serem os melhores pais do mundo. Dedico este título de Mestre a vocês, do fundo do meu coração.
- . aos meus irmãos, sobrinhos e cunhados, por alegrarem minha vida em todos os momentos e, também, por acreditarem em mim com fé. Vocês sempre estarão dentro de meu coração.
- . à minha irmã, Josane Boldo, minha melhor amiga que não imagina o quanto a admiro e és realmente muito importante pra mim.
- . ao meu noivo, Leonardo de Almeida, pelo total apoio e companheirismo de puro coração.
- . à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Cristiana Tramonte pela oportunidade, orientação, paciência, compreensão e sugestões valiosas.
- . à minha coorientadora Prof.^a Dr.^a Gladis Perlin pela sensibilidade em perceber e compreender minhas angústias e identificar a pesquisa que me proporcionou tamanha aprendizagem. Também agradeço pela paciência, dedicação, e ensinamentos durante a orientação deste trabalho.
- . aos professores dos demais Programas de Pós-Graduação que frequentei na UFSC e também membros da banca, Prof.^a Dr.^a Rachel Sutton-Spence, Prof.^a Dr.^a Marianne Rossi Stumpf e Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães, pelas sugestões, dedicação, paciência e carinho. Também por terem feito parte da minha vida. Tenham certeza que tudo o que aprendi com vocês levarei para vida toda.
- . à tradutora-intérprete Daniela Bieleski que acompanhou minha trajetória no mestrado, interpretando as disciplinas cursadas, meus encontros e reuniões de orientação; também obrigadas às queridas tradutora-intérprete Ana Paula Jung e Natália Rigo pelas ajudas com a finalização deste trabalho.
- . aos meus queridos alunos da cidade de Erechim, RS. Com vocês aprendi muito sobre cultura e sobre identidade surda.
- . em especial às minhas amigas, pela delicadeza, carinho e energia e, aos meus amigos pelo entusiasmo e força.
- . ao Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGEdo Centro de Educação da UFSC, por terem me aceito no programa como aluna e à FADESC pelo apoio financeiro oportunizado na realização desta pesquisa.

Por fim, meu muito obrigado a todas e todos.

RESUMO

A presente dissertação pretende focar a questão sobre como a criança surda, em contato com a Literatura Surda, adquire conhecimento cultural e, em especial, como se dá a estimulação dos canais visuais para que possa perceber e entender o mundo. O objetivo da pesquisa tem como foco a tradução cultural de clássicos da literatura infantil surda, a fim de perceber as intercorrências das transformações culturais e identitárias que ocorrem devido à presença de signos culturais na história infantil. O aparato teórico se baseia em autores como que se posicionam junto às teorias de cultura, identidade e literatura surdas. O método passa pelo uso de narrativas onde os sujeitos relatam o contato com o texto do livro *A Cigarra Surda e as Formigas*, que foi traduzido para a cultura surda em atividades realizadas em classe bilíngue. A produção final entende que a literatura surda, campo de conhecimento imprescindível, favorece a criança o contado com seu ser nativo.

Palavras-chave: literatura surda, cultura surda, tradução cultural, língua de sinais, educação bilíngue.

ABSTRACT

This dissertation addresses the problem of how a deaf child in contact with deaf literature acquires cultural knowledge and in particular, how it helps to stimulate the use of visual channels to perceive and understand the world. The goal is to focus on the cultural translation of classic deaf children's literature in order to understand the complications of cultural and identity transformations that when there are cultural signs in the story. The theoretical approach is based on authors such as positioned within theories of culture, identity and deaf literature. The method uses narratives in which participants described their experience in a bilingual class of the text of the classic children's book "The deaf grasshopper and the ant" (translated to include deaf culture). The study reveals that deaf literature is a vital field of knowledge to help the child as it is delivered in his native medium.

Key words: deaf literature, deaf culture, cultural translation, sign language, bilingual education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapeamento de Intercorrências.....	28
Figura 2: Ilustração de alguns livros com histórias traduzidas.....	48
Figura 3: Coleção Contos Clássicos em Libras, figura captada na internet.....	49
Figura 4: Tradução Interlingual e Intermodal	69
Figura 5: Capa do Livro.	73
Figura 6: desenho ilustrando personagens sinalizando (Lívia Roberta Lira).....	82
Figura 7: Construção de Maquete.	84
Figura 8: Teatro em Língua de Sinais.	86
Figura 9: Mapeamento com o <i>corpus</i> de pesquisa.	90

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Escrita de Sinais e Português	85
Foto 2: A Vassoura da Bruxa Bruxela	114
Foto 3: O Fantasma Ziguezague	114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL – American Sign Language

CM – Configuração de Mão

EF – Expressão facial

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

ISL – International Sign Language

L - Local

Libras – Língua Brasileira de Sinais

L1 – Primeira Língua

L2 – Segunda Língua

LA – Língua Alvo

LF – Língua Fonte

LP – Língua Portuguesa

LS – Língua de Sinais

LSB – Língua de Sinais Brasileira

MEC – Ministério da Educação

M- movimento

SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.

SW – *SignWriting*

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	21
2. CAMINHOS TEÓRICOS	27
2.1. Formação de identidades e culturas pela literatura	29
2.2. Cultura surda e identidade surda.....	33
2.3. Como a criança aprende?	37
2.4. Clássicos da literatura infantil.....	41
2.5. O fabular nas produções de imagens e textos - <i>A Cigarra e a Formiga</i>	44
2.6. O que é Literatura Surda?	46
2.7. Produtividade em escrita de sinais - SignWriting	52
2.8. Letramento visual.....	56
2.9. Educação Bilíngue: possibilidades culturais.....	59
2.10. Tradução cultural dos clássicos infantis para a cultura surda.....	63
2.11. Tradução linguística.....	68
2.12. Tradução interlingual	69
2.13. Tradução intermodal	71
2.14. Tradução intersemiótica.....	72
2.15. As diferentes traduções no livro <i>A Cigarra e a Formiga</i>	74
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	76
3.1. Usando a Narrativa	79
3.2. Contextualizando o Local da Pesquisa.....	82
3.3. Contextualizando a Tradução Realizada	83
3.4. Questões da Pesquisa	87
3.5. Sujeitos da Pesquisa.....	87
3.6. Coletando narrativas	88
3.7. Identificação das Narrativas.....	89
3.8. Mapeamento das Narrativas dos Estudantes.....	89
3.9. Transcrição para o texto.....	92
4. INTERCORRÊNCIAS DO CONTATO COM A LITERATURA.....	93
4.1. Identificação Cultural e Identidade	93
4.2. Fixação no visual, a imagem.....	97

4.3. Intercorrências em Língua de Sinais.....	99
4.4. Tradução Cultural	104
4.5. Literatura em Língua de Sinais	108
4.6. Teatro em Língua de Sinais	112
4.7. Letramento Visual: percebendo o mundo do sujeito surdo	117
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

1. INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa, *Intercorrências¹ na Cultura e na Identidade Surda com uso de Literatura Infantil*, decorre dos muitos questionamentos surgidos durante a minha reflexão para a escolha do foco do anteprojeto de pesquisa para ingresso na seleção de mestrado. Em meio a tantas leituras e contatos com professores surdos e ouvintes, travei conhecimento com a produção acadêmica de autoria surda e ouvinte sobre literatura surda. Para mim era instigante compreender os discursos produzidos por surdos universitários sobre sua própria condição. Eu, também surda, passei a observar o crescente ingresso de surdos na pós-graduação *stricto sensu*, o que me causou, ao mesmo tempo, admiração e curiosidade.

Decidida a seguir por este caminho, pensei em investigar a criação de literatura surda e suas implicações sobre o sujeito surdo, aliando em parte novos interesses com minhas vivências neste campo educacional: já atuei como professora, período no qual fui autora de um livro, discutido e referenciado nesta pesquisa. Revendo todo este processo vivenciado, neste momento em que apresento minhas reflexões percebo que hoje penso de forma diferente sobre os livros de literatura surda e a influência dos mesmos sobre a identidade e a cultura dos surdos. O fenômeno histórico e sócio educacional da literatura surda é aquele que envolve a tradução cultural e vem ocupando espaço nas classes de surdos e escolas bilíngues².

Esta pesquisa envolve a minha experiência no trabalho de tradução realizado a partir de um livro clássico da literatura infantil para a literatura surda. Esta experiência inédita me possibilitou observar o

¹ O termo *Intercorrências* será descrito e conceituado mais adiante nesta dissertação, no Capítulo I.

² Cabe mencionar, que as Escolas Bilíngues, ainda não são espaços oficialmente implementados no Brasil, pela SECADI/MEC; muitas, contudo, são tidas como instituições de políticas bilíngues, tendo em vista a prática envolvida nesses espaços semelhantes aos métodos relativos às vistas de uma Política Nacional de Educação Bilíngue, cuja constituição deve ser conjunta com a Política Nacional para as Línguas. Ainda vive-se em tempos de políticas de inclusão, no entanto, neste trabalho não emprego o termo “inclusão” e nem refiro à política inclusiva do MEC, uma vez que entendo a inclusão efetiva das pessoas surdas a partir de uma Educação Bilíngue não me filiando, portanto, à perspectiva inclusivista, cujos profissionais que a defendem e tentam aplicá-la, geralmente, desconhecem a verdadeira Educação dos Surdos.

desenvolvimento de crianças surdas a partir do momento que interagem com a história adaptada, construindo conhecimento e aprendizagens, o que resultou no livro de minha autoria “*A Cigarra Surda e as Formigas*”. Esta vivência foi um momento importante para meu próprio conhecimento e reflexão acerca da cultura surda e a construção de identidade e tudo começou com a história “*A cigarra Surda e as Formigas*”³ foi elaborada com um grupo de alunos, com o objetivo de que preparar uma peça de teatro para apresentar na Semana do Surdo, visando com isso proporcionar momentos de encontro e de celebração da cultura surda.

Assim, desenvolvemos um projeto⁴ que contemplou uma história escolhida, que foi adaptada através da tradução para Libras – Língua Brasileira de Sinais, e que foi muito bem recebido por todos os envolvidos. Entre tantas outras vivências desenvolvidas no âmbito da educação de surdos, esta experiência em especial fez com que eu me inquietasse com alguns questionamentos: O que representa a literatura surda? Num processo de tradução, que elementos podem ser identificados como sendo signos da cultura surda?

Estas perguntas formaram o ponto de partida para que eu comesse a refletir e, em seguida, desenvolver meu projeto de pesquisa. Ao rever este processo, que desencadeou toda a presente pesquisa, percebo que desde o princípio mantive a convicção de que através do estímulo da comunicação do diferente, a criança surda, na convivência com seus pares, passa a conhecer a cultura e a identidade surda e, essencialmente, passa percebê-las.

Para tecer minhas considerações, no referencial teórico opto por pautar minhas reflexões a partir dos Estudos Culturais⁵, dos quais faço

³ Livro de minha autoria “*A cigarra surda e as formigas*” tradução do clássico infantil para a cultura surda e publicado pela Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, em 2004. Em co-autoria. Foi produzido a partir de intenso trabalho em conjunto com meus alunos e que envolveu diferentes tipos de traduções

⁴ O Projeto em questão foi notificado na imprensa.

⁵ Stuart Hall (2003, p. 227) esclarece: [...] *os estudos culturais “começaram” em Birmingham, no Reino Unido, com uma interrogação sobre as categorias de alto/baixo do debate cultural... Em parte estes termos foram herdados da preocupação de Leavis com o desaparecimento de uma cultura popular “viva” e orgânica no século dezoito e sua substituição por uma “civilização de massa” degradada que representava uma séria ameaça à “cultura minoritária ou da minoria”*. Desta forma, estes estudos serviram para enfatizar as culturas e trazer à tona suas especificações, valores e crenças.

alguns recortes para então agregar aos estudos realizados para fins desta pesquisa. Este foi o caminho que encontrei para apresentar argumentos plausíveis para a tradução da história *A Cigarra e a Formiga* feita pelos próprios alunos surdos, onde a partir das cenas apresentadas no livro tornava-se possível captar as narrativas posteriores, além de possibilitar também verificar como elas contribuem para a expressão da literatura e da cultura surda, fazendo com que acontecem as intercorrências.

Aventurei-me por um referencial teórico extenso em Estudos Culturais e Estudos Surdos, nos aspectos educacionais e linguísticos, priorizando alguns autores, tais como Hall (1997), Skliar (1999), Silveira (2000), Costa (2004), Bhabha (2005), Giordani (2005), Perlin (2006), Strobel (2006 e 2008), Quadros (2006), Sutton-Spence (2006), Stumpf (2007), Magalhães Jr. (2007), Jakobson *apud* Vasconcellos (2008), Karnopp (2009), Lebedeff (2010), Mourão (2011) e Rosa & Klein (2012).

Estes autores subsidiam minha construção uma vez que seus textos tratam da teoria cultural, da apresentação de novos significados culturais, onde surge a perspectiva da tradução cultural, salientando o que é a literatura em nossa sociedade (sendo que alguns autores tratam especificamente da literatura surda), apontando outros aspectos relevantes, como por exemplo a formação de identidades culturais por meio da literatura infantil e a produtividade.

Unindo minhas observações e interesses às experiências práticas a escolha do tema de pesquisa finalmente se definiu e desta forma consegui determinar também o contexto de onde provém o meu interesse acadêmico pela pesquisa em literatura surda, que está intimamente ligada à percepção da sua importância para o sujeito surdo.

É neste contexto que surge a pergunta através da qual interagi no corpus investigativo: *como a criança surda, em contato com a literatura surda, adquire conhecimento cultural e, em especial, como se dá a estimulação dos canais visuais, para que possa perceber o mundo e acessar o conhecimento universal produzido da pela humanidade?*

Um dado interessante a ser destacado refere-se ao fato de que crianças surdas que convivem em famílias ouvintes normalmente perdem muitas das oportunidades de desenvolvimento em função da diferença cultural e linguística que se estabelece nesta convivência. Nestes contextos, pais e familiares raramente sabem a língua de sinais.

Os clássicos infantis e outras histórias traduzidas para as Línguas de Sinais possibilitam que as crianças surdas aprendam conceitos sociais e culturais da humanidade que são repassados pelas histórias da literatura infantil, visualizando da maneira mais adequada as

mensagens, os signos e as ideias contidas nestas histórias. Muitas vezes, para as crianças surdas, o primeiro contato com as histórias contadas em língua de sinais se dá por meio da escola. É necessário que elas tenham acesso à literatura surda em sua própria língua, fortalecendo sua identidade cultural e linguística. Compreendendo como fundamental o incentivo para a produção da literatura surda, justifica-se consequentemente a importância desta pesquisa.

Pesquisar em uma perspectiva de Estudos Culturais depende de como entendo, o olhar que estendo sobre os fenômenos socioculturais que imperam entre os surdos, bem como as ferramentas de que me vou servir. Reconhecendo que esta temática redonda na importância da pesquisa, nos dados que esta pode oferecer acerca da importância da literatura surda em contato com o aluno surdo dentro da escola, posicionei meu olhar nesta perspectiva. Pude perceber mais nitidamente que a ampliação de experiências voltadas à apropriação dos conhecimentos da sociedade, através da tradução, como no caso especificado nesta pesquisa, pode ser responsável por permitir e promover o acesso à língua de sinais, à cultura e à identidade surdas, atuando na aquisição e na ampliação dos conhecimentos.

Nesse sentido, busca-se compreender o papel da literatura surda no processo de criação e conhecimentos culturais e identitários do sujeito surdo. A partir da atividade desenvolvida com a literatura surda, fora possível observar também as intercorrências que acontecem com esses alunos no que tange a cultura e identidade surda.

No primeiro capítulo apresento minha incursão teórica, meus interesses de pesquisa e o surgimento do tema relativo à literatura infantil, usando a mesma contextualização no mapeamento temático. Apresento alguns clássicos da literatura infantil e fábulas, observando a forma como são elaboradas as produções de imagens e textos especificamente com relação à história *A Cigarra e a Formiga*. Teço considerações a respeito das crianças, como se dá o comportamento humano e o quanto às narrativas orais produzidas pelas pessoas são importantes. Também apresento reflexões sobre o que é a literatura surda, falando um pouco da história da tradução: a tradução em si, a adaptação e a criação de histórias que são trazidas nos registros das narrativas de pessoas surdas, assim como tem sido realizado na produção de materiais como livros, DVDs, representações, entre outros.

Compreendendo a importância de aprofundar alguns conceitos, apresento ainda algumas diferenças entre tradução, adaptação e criação de histórias. Em seguida abordo sobre a escrita de sinais, o sistema *SignWriting* especificamente, e sua produtividade, mostrando que a

escrita de língua de sinais é uma modalidade já existente e possível. Também apresento algumas reflexões e referências sobre o letramento visual, destacando a questão da visualidade das pessoas surdas que utilizam meios visuais de experiência e vivência de mundo.

Nesse capítulo ainda falo sobre a educação bilíngue como área de possibilidade cultural que viabiliza o aprendizado da segunda língua (L2) na modalidade escrita ou oral, com base na língua natural dos surdos, a língua de sinais. Ainda, trato sobre a tradução cultural dos clássicos infantis para a cultura surda, apresentando a tradução de clássicos infantis para a língua de sinais; as traduções linguísticas, a tradução interlingual, tradução intermodal e intersemiótica. Neste direcionamento, apresento ainda que a tradução cultural é um conceito usado nos Estudos Culturais, considerando a criação de novos significados para os símbolos culturais presentes na tradução dos clássicos infantis. Cultura surda e identidade surda são questões refletidas e trazidas a partir de um contexto de diferentes modalidades culturais, finalizando este capítulo abordando como a criança surda necessita adquirir a língua de sinais como primeira língua (L1).

No segundo capítulo, que compreende a metodologia da pesquisa, apresento as teorias metodológicas usadas, as estratégias de pesquisa, o contexto de investigação, a busca das narrativas e a identificação das mesmas e, por fim, a realização do mapeamento nesta pesquisa proposto. Minha intenção foi de mapear os estudos a serem desenvolvidos entre a teoria e a narrativa, identificando estratégias metodológicas utilizadas sobre a temática: *Intercorrências na Cultura e na Identidade Surda com uso de Literatura Infantil*. Procurei uma metodologia para dialogar de forma efetiva com a teoria e as narrativas dos alunos que envolvem depoimentos carregados de conhecimentos na cultura e identidade surda, como bem se refere Silveira (2005, p.198, A).

No terceiro capítulo aprofundo minha pesquisa teórica em conexão com as narrativas dos sujeitos pesquisados, apresentando minha reflexão com relação ao mapeamento realizado sobre o tema do estudo. Trata-se de um capítulo em que a teoria, as narrativas e as minhas reflexões dialogam com algumas explicações.

Meu conhecimento teórico delimitado até aqui nos estudos da pós-graduação e perpassado pelo contexto de alguns autores servira de base teórica no mapeamento. Do mesmo modo, as narrativas contadas pelos alunos (as), sujeitos da pesquisa, as histórias por eles contadas e as intercorrências que aconteceram como implicantes na identidade cultural. Comentários por mim feitos complementam e unem este

aspecto final da pesquisa. São essenciais para organizar a parte final de minha reflexão no mestrado.

Antes de introduzir os caminhos teóricos nos quais esse trabalho se inscreve, cabe considerar na conclusão deste primeiro capítulo introdutório que ler histórias em língua de sinais significa ler visualmente, ou seja, visualizar o mundo, que por vezes é encantador e cheio mistérios e surpresas. Este mundo, sem dúvida, apresenta-se sempre muito interessante e curioso, capaz de divertir e ensinar. A relação lúdica e prazerosa da criança com a obra literária é o que a forma enquanto leitora. A criança aprende brincando em um mundo de imaginação, sonhos e fantasias. Desta forma, é por meio de experiências felizes com histórias, com contos infantis em sala de aula, que a criança tem a possibilidade de interagir com diversos textos, possibilitando o entendimento do mundo em que vive e permitindo uma construção significativa de seu próprio conhecimento.

2. CAMINHOS TEÓRICOS

A minha incursão teórica por diferentes temas me ajudam a entender e fundamentar o objetivo de pesquisa, lançando mão de algumas ferramentas na direção do tema central, que considero muito instigante. O referencial teórico escolhido ajuda a função de validar a dimensão interna do construto da pesquisa, estabelecendo relações causais que serão operacionalizadas com a ajuda deste referencial.

A intercorrência para este capítulo segue sua trajetória no campo dos Estudos Culturais em Educação e da Linguística, com referência à cultura e identidade e tradução cultural, além das contribuições dos Estudos Surdos em Educação. No aspecto da diferença, transito também pelo campo da Linguística Aplicada no que se refere aos aspectos próprios das línguas de sinais, como a escrita de sinais e a tradução. Ainda, seleciono algumas ferramentas teóricas refletindo sobre os diferentes tipos de tradução, tais como a tradução cultural e suas designações no campo linguístico, a cultura e a identidade surda, língua de sinais e sua escrita, a educação bilíngue, refletindo como se dá a aprendizagem na criança surda em relação a aproximação com a literatura surda. Nesta perspectiva multifocal é que me propus conduzir minhas reflexões. Acredito serem estas as ferramentas que me possibilitam alcançar respostas à questão que busco.

Significativamente a epistemologia da palavra “intercorrência” refere-se ao fato que ocorre entre dois extremos, ou seja, o produto que se insere ou impõe ao resultado de ações. Melo (2005, p. 96) aponta que

As praticas orais e escritas das crianças exemplificam as características do ser humano enquanto organismo, regido por leis biológicas da espécie, convergindo para o encontro de sua cultura e dos produtos culturais de seu ambiente. Tais praticas oferecem a possibilidade de observação de como este encontro se desenvolve ao longo dos anos e, também, das nuances que ele apresenta quando ha alguma intercorrência, algum fato que interfira neste processo natural. (MELO, 2005, p. 96).

Portanto, para as ciências sociais, a palavra *intercorrência* refere a algum fato que interfira no processo natural das nuances apresentadas. Quando há alguma *intercorrência* esta pode salientar-se

como um fato importante, por exemplo, quando acontece o ensino na hora do conto. A *intercorrência* que se observa pode vir a ser a expressão cultural através da literatura, ou o fato de que durante o desenrolar do conto, este repleto de signos culturais, a criança surda vai percebendo sua própria identidade surda. A *intercorrência* refere então a uma soma considerável de fatores sociais, culturais e linguísticos que ocorrem e conduzem a políticas inerentes.

A figura abaixo é a chave para o entendimento de como foi feita a tradução cultural do clássico infantil; trata-se de um mapeamento das *intercorrências* a partir da hora do conto da *Cigarra e da Formiga*. O mapeamento realizado é produzido para uma leitura de direcionamento de baixo para cima. Trata-se de uma estratégia de explicação, utilizada para melhor compreensão e interpretação. A ilustração pretende mostrar como se dá o desenvolvimento dos diferentes temas relevantes da pesquisa, o que é apresentado no capítulo final, juntamente com a imagem da planta do mapeamento.

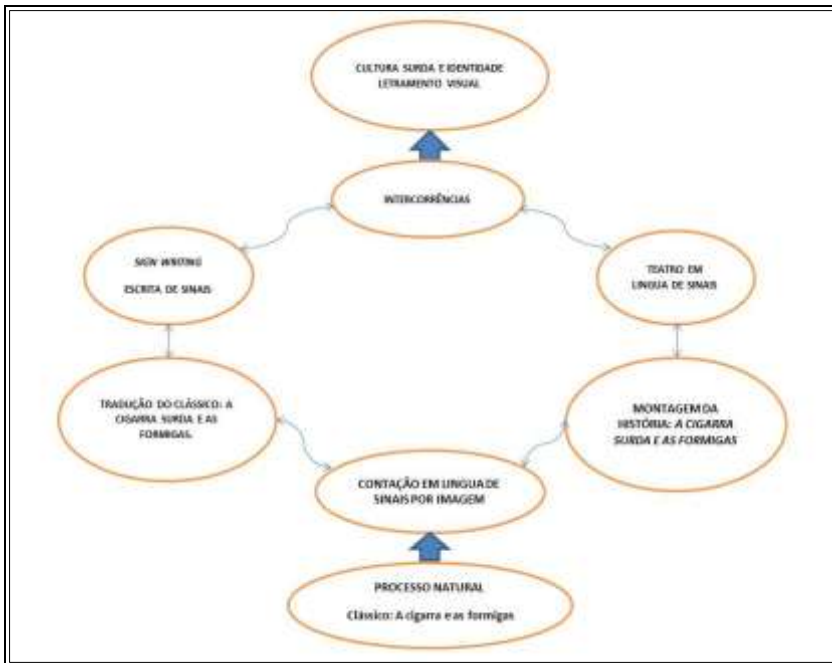


Figura 1: Mapeamento de Intercorrências

Fonte: Autora Jaqueline Boldo

2.1. Formação de identidades e culturas pela literatura

Nos últimos tempos, graças ao conceito de tradução e a formação de identidades culturais, tradutores e pesquisadores, por meio de estudos de tradução, conseguiram firmar algo importante, destacando algumas pesquisas e mostrando qual tem sido o papel da tradução ao longo da história, bem como os efeitos de suas intercorrências na formação de identidades culturais.

O entendimento da questão das identidades surdas está diretamente relacionado com a noção de língua e de cultura, porque a constituição da subjetividade se dá pelo exercício do poder da linguagem e da cultura que se estabelece no contato entre surdos. Ao focar a questão da identidade, chega-se à questão da diferença, visto que a identidade cultural só pode ser compreendida em sua conexão com a produção desta diferença, que não é outra coisa senão um processo social. Segundo a pesquisadora Avelar (2010 p.46),

“Como se abordou, mas retomada a questão do choque cultural, a tradução não é apenas entre línguas, mas entre culturas e também se destaca a questão da singularidade das traduções literárias. Como exemplo, no clássico infantil “Alice no país das maravilhas”, a equipe de tradução se deparou com o desafio de como traduzir a passagem na qual Alice, dentro do túnel, ouve os passos apressados (pisadinhas) do Coelho se aproximando. A sugestão da tradutora surda, acatada pela equipe, foi a visualização da sombra das orelhas do Coelho Branco, tremendo de nervoso. A opção da tradutora foi “ensurdecer” (tornar surda) Alice e seus companheiros em todo texto” (AVELAR, 2010, p. 46).

Como ocorre na história adaptada *A Cigarra Surda e as Formigas*, seus personagens também assumem características culturais específicas do povo surdo, como o uso da língua de sinais entre outros aspectos visuais. Daí os personagens da história passaram a usar os olhos para se comunicar, pois é desta forma que eles leem⁶, sinalizam no

⁶Ler os sinais falados ou escritos no ar é uma característica surda, atribuída à cigarra surda pelos surdos, pois os surdos usam a experiência mesma de olhar para captar

ar. Esse recurso de fazer com que os personagens usem os olhos e as mãos, promove que ocorra a modificação do enredo dos clássicos infantis durante as traduções para a Língua de Sinais, aproximando a história original de características presentes na cultura surda. Nas últimas décadas tal fato tem sido constante, pelo que comprovam os títulos *Cinderela Surda* (HESSEL, ROSA, KARNOPP, 2003); *A Cigarra Surda e as Formigas* (BOLDO e OLIVEIRA, 2004); *Rapunzel Surda* (HESSEL, ROSA, KARNOPP, 2005) e *Patinho Surdo* (ROSA e KARNOPP, 2005).

Esses trabalhos apresentam contextos que correspondem à prática de tradução livre, atentando, em certa medida, à necessidade de o surdo afirmar sua identidade.

Quadros e Sutton-Spence citam este grupo visual que forma esta comunidade, o povo surdo, com língua própria e cultura partilhada.

“A identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros, frequentemente, vivem num ambiente bilíngue e multicultural. Por um lado, as pessoas surdas fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial. É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, eles fazem parte de uma sociedade nacional, com uma Língua de Sinais própria e com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país” (QUADROS E SUTTON-SPENCE, 2006, p.111).

Assim a identidade surge no interior da cultura: ambas andam juntas e se complementam. Perlin refere que

“as identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que tornam seu corpo menos habitável, da sensação de

mensagens. Isto é diferente dos ouvintes que usam os ouvidos e, no caso, colocaram a cigarra cantando.

invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos-valia social”. (PERLIN, 2004, p.77-78).

Para surdos participantes das comunidades surdas, a cultura surda é algo que “se sente na pele”, algo que compartilham e que têm em comum. Pode-se dizer que é um conjunto de princípios, conduta, valores e comportamentos. Hall contribui no entendimento do conceito de cultura por dizer que

“A cultura tem a ver com a produção e intercâmbio de significados – o “dar e receber de significados” – entre os membros de uma sociedade ou grupo. Dizer que duas pessoas pertencem a uma mesma cultura é dizer que elas interpretam o mundo da mesma maneira mais ou menos parecido e podem se expressar, seus pensamentos e sentimentos concernentes ao mundo, de forma que seja compreendida por cada um. Assim sendo, a cultura depende de que seus participantes interpretem, de forma significativa, o que esteja ocorrendo ao seu redor e “entendam” o mundo de forma geral semelhante” (HALL, 1997, p. 2).

A cultura surda é desenvolvida por sujeitos surdos e como cultura é transmitida por intermédio de signos e significados visuais. As crianças surdas a adquirem pelo contato com adultos surdos, por produtos gerados por determinados grupos de surdos em relação ao teatro, poesia visual, brinquedos e a literatura surda. Esta transmissão da cultura surda tem um papel fundamental na construção da identidade, tornando possível a expressão das subjetividades. Strobel (2008, p.112) afirma que “A cultura surda é profunda e ampla, ela permeia, mesmo que não a percebamos, como sopro da vida ao povo surdo com suas subjetividades e identidades”.

Segundo Rosa e Klein

“a literatura surda constitui-se das histórias que há em Língua de Sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes nas narrativas. Mas porque precisamos de uma literatura surda? Muitos surdos não conhecem sua própria língua. Ao conhecer a LS, estranham saber que existe uma cultura surda. A literatura surda auxilia no

conhecimento da língua e cultura para os surdos que ainda não têm acesso a elas. Para as crianças surdas, a literatura surda é um meio de referência e também cria uma aproximação com a própria cultura e o aprendizado da sua primeira língua que será de auxílio na construção de sua identidade”.(ROSA E KLEIN, 2012, p.189).

As autoras Rosa e Klein (2012, p, 68) esclarecem, ainda, que isso se deve a alguns fatores presentes “nas produções e identificados como elementos da cultura surda: a língua de sinais, o movimento, as expressões faciais e corporais, itens facilmente absorvidos pelo indivíduo surdo que as assiste”.

Vários materiais multimídia em língua de sinais foram distribuídos nos últimos anos. Entre eles, encontramos produções variadas de literatura surda, desde histórias traduzidas e adaptadas, até histórias criadas por surdos ou ouvintes em língua de sinais. Muitas pessoas têm acesso a estes materiais de multimídia sinalizados, os quais circulam entre os surdos, nas suas famílias e escolas, pois fica mais claro e fácil o entendimento.

O que determina a base da cultura surda é a experiência visual. Segundo Lopes e Veiga-Neto

O olhar para o surdo muito mais do que uma sentido é uma possibilidade de ser outra coisa e de ocupar outra posição na rede social. O olhar entendido como um marcador surdo é o que permite o contemplar-se, é o que permite ler um modo de vida de diferentes formas, é o que permite o cuidado de uns sobre os outros, é o que permite o interesse por coisas particulares, é o que permite interpretar e ser de outra forma depois da experiência surda, enfim, o olhar como uma marca, é o que permite a construção de uma alteridade surda. (LOPES E VEIGA-NETO, 2006, p.90).

Nesta experiência visual vai constituindo-se a cultura surda que, segundo Perlin (2004), tem na língua de sinais um dos pontos mais fortes dentre uma cultura suavemente rica; ela, a língua própria dos surdos. As línguas de sinais surgem através da cultura de cada país e de acordo com ela, respeitando-a sempre.

Existem diversos elementos que participam desta cultura, como o contato com semelhantes, as piadas, as histórias, o teatro, a tecnologia usada como estratégias para adaptação da vida dos surdos neste mundo predominantemente ouvinte, tudo isso contribui para a construção da sua identidade como povo surdo. A literatura surda é muito rica em informações, o que exige do professor muito esforço para saber adequar o conteúdo dos livros escritos para os surdos, proporcionando prazer e estimulação para o aprendizado através da língua de sinais, da leitura e da escrita.

O livro é importante para os alunos aprendam e estudem, pois assume papel importante no contato dos surdos com os conhecimentos nele expressos. Os surdos desenvolvem aprendizagens através da leitura e da experiência visual. Porém, sozinhos não têm poder de se formar como leitores e de serem também leitores visuais. Necessitam para tanto do livro, de seus textos e das imagens, para que possam desenvolver sua capacidade visual e de leitura. As experiências vivenciadas na condição de contadora de histórias mostraram-me que os surdos são naturalmente interessadas nas informações visuais, especialmente expressos na língua de sinais.

2.2. Cultura surda e identidade surda

As autoras surdas Perlin e Reis, quando referem à cultura surda, afirmam que

Quando nos referimos aos surdos e aos estudos surdos no mundo contemporâneo é útil começar pensando que não podemos dizer que hoje existe uma cultura hegemônica, dominante e uma cultura menos boa frágil, pouco útil como a cultura surda. É útil começar refletindo que temos um contexto de diferentes modalidades culturais. A sociedade contemporânea lida com sujeitos provenientes de culturas diferentes e afetados e movidos pela polifonia de discursos que vem das diversas fontes de informação. Os artefatos contemporâneos, do ponto de vista do surdo, são instituições ancoradas nos pontos de vista conservadores ou da substituição e da tolerância. (PERLIN E REIS, 2012. p. 29.)

Os sujeitos surdos são construtores de um jeito de ser, de uma cultura distinta: fazem parte de um povo que se identifica com seus membros totêmicos. Assim, é preciso haver maior união no trabalho educativo entre surdos e ouvintes, tendo uma troca mútua sobre suas culturas e suas histórias relacionadas à vida social.

Hoje a necessidade da participação de profissionais surdos nestes debates aumenta cada vez mais, sendo de fundamental importância o conhecimento da língua de sinais e da cultura do povo surdo pelos profissionais ouvintes que atuam nessa área, bem como o respeito mútuo pelas opiniões e críticas, para que juntos se possa construir uma educação bilíngue no Brasil. Segundo Perlin (2008) “as pessoas se espantam e questionam com perguntas como: os surdos têm cultura? Como pode haver uma cultura surda? Será que as festas dos surdos há músicas?”

Em relação a dúvidas, Magnani (2014) argumenta que a “experiência com os surdos era como a da maioria das pessoas, a de alguma vez ter visto duas pessoas conversando por meio de sinais, sem prestar maior atenção - o olhar não treinado não vai além do que o senso comum registra.”

A experiência visual constrói a cultura surda que tem na língua de sinais um dos mais expressivos marcadores culturais do povo surdo. É possível vir a entender o processo da cultura surda e a busca pela garantia de direitos na narrativa de sua alteridade. As identidades surdas são construídas dentro de representações possíveis. Contar histórias, piadas, festas, teatros e episódios em línguas de sinais pelos próprios surdos é fator de grande importância neste contexto. Assim, é fundamental registrar as narrativas dos surdos, mantendo a língua de sinais e a cultura surda viva.

Como descreve Strobel,

“[...] cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo” (STROBEL, 2008, p. 24).

Isto tudo leva a discutir a questão dos surdos, enquanto um grupo cultural, sendo fundamental criticar o senso comum coletivo que

categoriza os surdos como deficientes sem entender, contudo, sua diferença cultural, identitária e linguística. Na sua grande maioria, os sujeitos surdos são membros de famílias de ouvintes que desconhecem a cultura surda e a língua de sinais. Assim, iniciam tardiamente o contato com a cultura surda, com a sua língua. Segundo relatos, várias pessoas surdas⁷ dizem se sentir plenamente felizes somente depois de terem conhecido a língua de sinais, se encontrando dentro de uma comunidade surda. Isto leva a constatação de que, como afirma Perlin (2013), “o encontro surdo-surdo é necessário para a construção das identidades diferenciadas”.

Souza (1998) e Klein (2005) destacam que a língua de sinais é uma das principais razões de encontro entre os surdos, pois é através desta vivência de compartilhar uma língua de modalidade gestual-visual que eles têm oportunidades de trocar experiências, conversar, aprender.

Ainda, segundo Perlin

“Estão presentes no grupo pelo qual entram os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita. Noto nesses surdos formas muito diversificadas de usar a comunicação visual. No entanto, o uso da comunicação visual caracteriza o grupo levando para o centro do específico surdo. Wrigley (1996, p. 25), tenta descrever o mundo surdo como “um país cuja história é reescrita de geração a geração... As culturas dos sinais bem como o ‘conhecimento’ social da surdez, são necessariamente ressuscitados e refeitos dentro de cada geração”. (PERLIN, 2013, p. 63).

Dessa forma os encontros surdo-surdo favorecem o surgimento da cultura surda com seus variados aspectos. Sendo assim, os sujeitos surdos reconhecem modelos e valores históricos através de várias gerações de surdos. Nas comunidades surdas as piadas, anedotas, conhecimentos de fábulas ou conto de fadas, repassadas de geração em geração, assim como adaptações de vários gêneros, como romance, lendas e outras manifestações culturais, constituem um conjunto de valores e ricas heranças culturais e linguísticas.

⁷ Comentários de pessoas surdas em associações e clubes de surdos dos quais participei ao longo de minha vida.

A cultura surda se desdobra em diferentes ramos. Não apenas no aspecto linguístico, mas também na história cultural de seus heróis, nas lutas surdas. É neste contexto que desenrola-se a construção de uma política para a educação bilíngue, onde se discute o fortalecimento das escolas próprias para surdos, dando ênfase no desenvolvimento da língua de sinais, na profissionalização de intérpretes, no estímulo a organização de espaço específico nas universidades, no estímulo a formação e a atuação de professores surdos, na promoção da acessibilidade tecnológica, entre outras.

As obras literárias produzidas por sujeitos surdos têm nas suas narrativas a presença da língua de sinais, seja nas artes plásticas, no teatro, no cinema, bem como na literatura escrita. Nelas se percebem as intercorrências na cultura e na identidade da comunidade surda. As traduções para a língua de sinais nas narrativas da literatura surda contribuem para o conhecimento e para a divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda.

Na descrição da pesquisadora Perlin (2004), “As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito”, característica essencial para entender a existência da diferença que impera entre os surdos.

A identidade é entendida, no campo cultural, como um processo social discursivo. Devido a isso, no caso dos surdos, a identidade surda surge de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. O que a potencializa é o jeito cultural de entender o mundo. Neste caso, o sujeito surdo faz uso da visão. É possível entender o processo da cultura surda na formação das identidades surdas na narrativa de sua alteridade, pois as identidades surdas, como representações possíveis da cultura surda, carregam as diferenças específicas do uso da visão. Daí que as narrativas, os poemas, as piadas e os mitos que são produzidos de forma visual servirem como evidências da identidade e da cultura surdas. Assim, a identidade particular a ser focada especificamente é a identidade surda. Perlin (2013) afirma ainda que “Ao focalizar a representação da identidade surda em Estudos Culturais, tenho de me afastar do conceito de corpo danificado para chegar a uma representação da alteridade cultural que simplesmente vai indicar a identidade surda”.

Esta identidade compartilhada faz com que os surdos se sintam, em sua diferença do ouvinte, presentes na representação de sua diferença cultural. Como nos diz Perlin(2013), a concepção do surdo

como deficiente deve ser afastada e o surdo transparecer em sua alteridade cultural. Desta forma passamos a dizer “nós surdos, e eles, os ouvintes”, devido às diferentes culturas. Este aspecto de diferenciação sempre estará presente, sempre vai interferir em qualquer produção surda.

Discutir a identidade e a cultura surdas, presentes na literatura surda e suas intercorrências são importantes na medida em que os surdos não são sujeitos iguais, e que podem ocorrer situações que se modificam. As intercorrências culturais são parte constitutiva do ser humano e de seus grupos. A identidade é entendida no campo cultural como um processo social discursivo. Devido a isso, no caso dos surdos, a cultura surda bem como a identidade surda surge de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. É possível vir a entender o processo da cultura surda e os direitos de vir a ser cultura na narrativa de sua alteridade. As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural, também pelo sujeito. As narrativas, os poemas, as piadas e os mitos que são produzidos servem como evidências da identidade e da cultura surda.

A visão dos surdos sobre a postura e o sujeito do professor surdo no senso comum é simplista, uma vez que se aloca na percepção de uma identidade fica em detrimento do processo dinâmico de construção da subjetividade. É esse profissional que revela sua cultura, sua língua de sinais, sua identidade e sua alteridade, a partir da qual foi construído seu jeito de ser.

2.3. Como a criança aprende?

Segundo Giordani:

“O espaço da diferença dentro da escola de surdos foi subjugado em detrimento do processo de normalização: na legitimação da língua oral como língua oficial da escola, na representação da surdez como *déficit*, na desvalorização de um espaço cultural e identitário das comunidades surdas. Essas políticas acabam se constituindo num espaço no quais se produzem e se reproduzem estratégias de “normalização” dos surdos em ouvintes, desconsiderando aspectos históricos, sociais, culturais e linguísticos da

comunidade surda”. (GIORDANI, 2005, p. 88-89).

A criança surda precisa adquirir a língua de sinais como primeira língua, o que se constitui como imprescindível ao seu desenvolvimento cognitivo, bem como conviver em sociedade de maneira participativa. A criança surda não utiliza o canal auditivo, utiliza-se da visão para interpretar as informações de seu cotidiano. Dessa forma, é inadequado querer que ela “decore” a forma oral com que as pessoas ouvintes comunicam-se. A língua de sinais surge para os surdos de maneira espontânea e a aprendizagem ocorre de forma natural. Não é necessário que se ensine a língua de sinais para os surdos se eles estiverem em grupo. Nesta perspectiva, a criança surda tem como modelo linguístico adultos que dominam a língua de sinais.

Percebe-se em Rozek que

A criança constrói na interação como o meio físico e social as condições prévias do conhecimento, que são ao mesmo tempo, as condições prévias de socialização. Na matriz social em que se cria, se desenvolve e aprende, submetido e diferentes determinações simbólicas e aos usos rituais próprios de seu contexto sociocultural. (ROZEK, 2005, p. 281).

Do mesmo modo, Rozek afirma que o processo de aprender

depende da condição do pensamento, pois formam-se conceitos e classificam-se impressões das mais diversas pela capacidade de pensar. As percepções que temos do mundo apresentam componentes emocionais, formam parte da realidade da vida e acompanham nossas vivências (ROZEK, 2005, p. 283).

O conhecimento constitui o patrimônio do outro e é adquirido na elaboração conjunta do sujeito que ensina e do que aprende. As estruturas do conhecimento são construídas e, apesar do caráter hereditário da inteligência como aptidão humana, não são consideradas inatas.

A informação adquirida implica experiências individuais que motivam os sujeitos a aprender ou não aprender, assim, não se podem

ignorar os aspectos emocionais no processo de aprendizagem, nem diluí-los nos aspectos cognitivos.

Segundo Rozek, o aprender

implica uma relação dinâmica do sujeito no contexto social. Toda aprendizagem está vinculada a significações muito peculiares para cada sujeito, inscritas na subjetividade de cada um através dos movimentos do tempo e da história. Assim como a leitura e a escrita são códigos reconhecidos culturalmente, também são produzidos por significados e representações subjetivas que podem tornar difícil e doloroso o desenvolvimento do processo de ler e escrever. (ROZEK, 2005, p. 286).

Os alunos aprendem a escrever por meio do sistema *SignWriting*. Eles conseguem fazer escrita em língua de sinais de uma maneira muito própria da cultura surda. Neste sentido, criar um livro de contação em língua de sinais é muito importante, próprio na cultura surda, ação que amplia o conhecimento na escola dos surdos e ouvintes sobre os aspectos culturais expressos através da literatura surda. Minha própria experiência como contadora de história me mostra que os surdos são naturalmente interessados na visualidade presente na língua de sinais.

Neste contexto, Silveira e Bonin afirmam que

Deve-se citar, também, nesta conjunção entre literatura para crianças e intenções pedagógicas, o papel da escola, responsabilizada, na sociedade contemporânea, pela introdução formal das crianças às experiências de leitura e, mais recentemente, pelo fomento ao gosto pela leitura, através, principalmente, do acesso a variados livros de literatura. (SILVEIRA & BONIN, 2011, p. 192).

A literatura multiplica-se em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais. Karnopp (1992) faz referência a respeito desse artefato cultural, afirmando que utilizamos a

expressão “literatura surda” para histórias que tem a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa.

Segundos Rosa e Klein (2012) para as crianças surdas “a literatura surda é um meio de referencia e também cria uma aproximação com a própria cultura e o aprendizado da sua primeira língua, que facilitará na construção de sua identidade”. Assim, é possível afirmar que existem diferentes tipos de livros na Literatura Surda, sendo que podemos destacar três processos na produção destes livros: a produção por tradução cultural da Língua Portuguesa para Língua de Sinais; a produção através da adaptação cultural da história, substituindo o que vem a ser específico da cultura de ouvintes por questões que culturalmente aceitas pelos surdos - levando em consideração a comunidade e a identidade surda - e a produção/criação em Libras feita por surdos de maneira espontânea e criativa na contação de histórias e piadas.

É possível constatar que na Literatura Surda já existem livros publicados na modalidade de tradução cultural. É feita a tradução de histórias como, por exemplo, *A cigarra surda e formiga*, utilizando para tanto o processo de tradução cultural, pois o público alvo são crianças surdas que fazem uso da língua de sinais como sua primeira língua. A tradução cultural tem como um dos principais objetivos esclarecer para os surdos as histórias da literatura convencional, através da língua de sinais, por meio de expressão bem claras e através da locação bem marcadas dos personagens.

As relações cognitivas são importantes para o desenvolvimento e relacionam a capacidade da criança em organizar suas ideias e pensamentos através de uma língua na interação com os demais colegas e adultos que discutem e pensam sobre o mundo no processo de aquisição da leitura em sinais ou em português, escrita de sinais ou em português, respeitando prioritariamente a opção do aluno. As histórias e a literatura são meios de explorar tais aspectos e tornar acessível à criança todos os recursos possível de serem explorados. O professor surdo tem identidade e cultura forte, de muito valor, e assim as crianças surdas olham o sujeito modelo como o professor surdo, entre relação ao contato.

A escola precisa do apoio da família para que seus objetivo sejam melhor alcançados com os alunos. A família que participa entende melhor o que vem a ser o trabalho com o aluno surdo e qual a proposta da escola, ajudando assim seu filho. Os professores se sentem apoiados e com mais entusiasmo para desenvolver a educação dos surdos. Ao assumir sua identidade o surdo usa a língua de sinais como base para a

comunicação, faz uso da ajuda do profissional interprete, participa da comunidade surda, participa das lutas dos surdos, está consciente e se aceita como surdo. Esse grupo é produtor da cultura surda. É guardião da língua de sinais que em sua pureza se origina da comunidade destas pessoas e que tem esta identidade.

2.4. Clássicos da literatura infantil

A publicação de histórias guardadas na memória implica na interação, na construção de sentidos do texto, com base no diálogo com os sujeitos e suas representações. Cabe considerar que inúmeras histórias são contadas, mas que não são de imediato, registradas. Elas amadurecem com o tempo e se adaptam às múltiplas culturas onde foram criadas, bem como se adaptam também aos tempos em que são usadas.

Nota-se que as adaptações são variadas. Na história *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, algumas vezes o lobo é mau, outras, o lobo é bom. Às vezes se usa o termo lenhador, outras vezes, caçador. E quando este chega à casa da avó, ou o lobo já comeu a avó, e mata o lobo mau, ou o lobo esconde a avó e o caçador liberta a avó do armário. Estas adaptações também exercem influência sobre a criança. Elas são adaptadas de modo a influir no seu comportamento tendo, por objetivo, transmitir ensinamentos de moral, psicologia, entre outros. E a cada leitura, sempre mais a criança vai moldando sua conduta. A leitura destes clássicos tem influência na transmissão do conhecimento cultural dos povos, de geração em geração, o que resulta no enriquecimento da cultura daquele que ouve as histórias. Isto denota o aspecto didático da leitura pela transmissão de valores ou de conhecimentos.

Clássicos infantis são, então, as histórias para crianças que, ao longo dos tempos, foram recebendo diferentes adaptações em suas características e narrativas. Estas histórias contadas foram evoluindo de país para país, da forma que cada nação, a partir de suas imagens literárias e do respeito à sua própria cultura, conseguia compreender e transpor para vida real. De acordo com Shavit (2003) “[...] a criação da noção de infância foi uma premissa indispensável para a produção de livros para crianças e determinou em larga medida o desenvolvimento e as opções de desenvolvimento da literatura para crianças”. A importância da literatura infantil para as crianças, assim, fica evidente, pois esta foi registrada em livros e impressa para a divulgação e leitura em escolas, nas famílias, enfim, na sociedade em geral.

Nas palavras de Silveira e Bonin,

[...] a literatura infantil é necessária para qualquer trabalho que a tome como material empírico. Atualmente, é consensual o entendimento de que tal literatura surgiu articulada com a emergência de uma concepção de infância como um período da vida em que os sujeitos necessitam de atenção, formação e educação dirigida pelos adultos (SILVEIRA E BONIN, 2011, p.191).

Nesta conjunção entre literatura e crianças existem intenções pedagógicas. Estas podem ser observadas na introdução formal das crianças às experiências de leitura e, mais recentemente, pelo papel da escola, responsabilizada, provocando o gosto pela leitura, por meio do acesso a clássicos infantis variados.

Há também a tradução de uma cultura para outra, de uma língua para outra. Nestes casos, pode observar que os signos culturais aparecem de acordo com as culturas. Por exemplo, as meninas vestidas de princesas ou em trajes de baile, ou ainda com outros trajes típicos. Nestes aspectos, recontar as histórias reconstrói por meio da língua e da cultura os sentidos veiculados pelo contexto que serviu como ponto de partida para a criação de outro texto. Mas, mesmo estas traduções nem sempre são coerentes, pois algumas carecem de mais elementos e outras trazem o elemento cultural abundante.

A literatura surda não tem clássicos infantis específicos. Sua produção é recente. E ela incorpora elementos culturais à medida que vão sendo construídas as representações surdas no desenrolar cultural e no jeito de contar as histórias.

Conforme Silveira,

“O que se vê registrado na literatura são livros infantis que evidenciam uma representação anterior aos Estudos Surdos, e que trazem uma imagem da surdez sob um enfoque clínico-patológico; ainda conforme a autora, os livros com uma visão social e antropológica dos surdos eram escassos.” (SILVEIRA, 2000, p. 202).

No contemporâneo, porém, estão surgindo, graças à tradução cultural, os livros que apresentam os surdos numa perspectiva da diferença e não a partir da lógica da deficiência. Os textos atuais, contendo as narrativas do mundo surdo presentes na imagem da

literatura infantil, focalizam os surdos com os traços culturais e as reflexões produzidas sobre identidades e diferenças estão surgindo e se fortalecendo. O livro de literatura infantil, bem como o registro da história em língua de sinais, ocorrem na discussão sobre a literatura surda, vinculada à discussão sobre cultura e identidade.

Os livros de literatura infantil são artefatos culturais para um público em formação, portanto têm o objetivo de não somente informar, mas também formar esses sujeitos. Uma criança surda, ao ler um livro no qual se encontram elementos da cultura surda, como a língua de sinais, estabelece uma relação de identificação e isso favorece a sua constituição como sujeito surdo. Nesse sentido, pode a literatura infantil tornar-se um instrumento formador de modos de ser e de viver.

Karnopp e Machado evidenciam esta identificação nas histórias infantis quando afirmam que

As histórias e as representações da cultura surda, caracterizada pela experiência visual, são corporificadas em livros para crianças de um modo singular, em que o enredo, a trama, a linguagem utilizada, os desenhos e a escrita dos sinais (SW) evidenciam o caminho do autor representação dos surdos na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, legitimando sua língua, suas formas de narrar as histórias, suas formas de existência, suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem. (KARNOPP E MACHADO, 2006, p.14)

Na literatura surda, têm-se muitos livros que evidenciam a língua de sinais como uma marca surda. Um deles: *A Cigarra Surda e as Formigas*, apresenta, além da língua de sinais, outros elementos constitutivos da identidade surda, tais como a escrita de sinais e a pedagogia visual, como artefatos culturais da comunidade surda. No livro *A Cigarra Surda e as Formigas* é possível identificar como a língua de sinais é rica, sendo capaz de comunicar através de significados claramente inteligíveis, bem como esta entrelaçada por outros elementos culturais.

Segundo Santos, Silva, Cardoso e Moraes

A língua de sinais significada dentro da literatura é uma marca, compreendida de tal forma que é capaz de desenvolver processos de subjetivação. Os processos são responsáveis para construção da identidade surda, que por sua vez se utiliza da própria língua de sinais; significam as aprendizagens que são vivenciadas no contato com a comunidade surda. Valorizado e reconhecido como uma forma de expressão cultural e um instrumento de acesso à educação, bem como à de oportunidades para o povo surdo o conhecimento da literatura se faz imprescindível. (SANTOS, SILVA, CARDOSO E MORAES, 2011, p. 46).

Assim, a existência da literatura infantil com signos culturais é muito importante para a identidade surda e a cultura, bem como para o povo surdo como um todo.

2.5. O fabular nas produções de imagens e textos - *A Cigarra e a Formiga*

Para Nelly Novaes Coelho (2000) “a fábula é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa modalidade.” As fábulas são narrativas alegóricas que utilizam animais para representar e criticar o comportamento humano, uma situação real ou explicação racional de acontecimentos do cotidiano.

Segundo Nascimento e Scareli (2012), “as crianças conhecem o comportamento humano a partir de representações. Nesse sentido é possível entender as narrativas como uma ferramenta muito importante.” A fábula e a literatura, por exemplo, são formas para se explorar aspectos dessa representação de forma a ser acessível à criança. O professor surdo assume papel fundamental neste contexto e sua relação com os alunos surdos se dá a partir de um contato efetivo por meio da língua de sinais.

A literatura surda possui a característica de provocar diversos tipos de sentimento, ou seja, faz com que os participantes espectadores de contos, bem como os próprios contadores de histórias, vivam momentos de profundas emoções, sejam elas, emoções relacionadas à dor, à alegria, ao medo, etc. Essas emoções e sentimentos são

despertados a partir do momento em que esses sujeitos se encontram totalmente ligados e emergidos no conto e na arte da literatura em si.

O que segue abaixo, na consideração de Nascimento e Scarelli, a ilustração das fábulas, pode conter características individuais, isto é despertar sentimentos da subjetividade.

As fábulas são responsáveis por inúmeras ilustrações que inspiram a contar suas histórias, possibilitando aos leitores adentrarem um universo novo, o da imagem, incentivando uma nova versão e criação a ser pensada, além da linguagem escrita da fábula, a ilustração que foi inspirada nela, esta repleta de características individuais, subjetivas e sociais representadas por cada artista. (NASCIMENTO e SCARELI, 2012, p. 1732).

Na fábula *A Cigarra e a Formiga*, conto traduzido para língua de sinais, as emoções e os sentimentos como tristeza, medo, alegria, etc, são explicitados e, portanto, passam a ser fatores compreendidos e considerados importantes. Ao compartilhar as características e reações dos personagens da história, é possível entender o mundo da desordem, bem como as soluções para tal.

No que tange a questão das imagens presentes nos livros infantis, Almeida afirma que

“Esteja tratando de imagens e sons, como o cinema e a televisão, podemos entender que as imagens estáticas, como por exemplo, as ilustrações e as fotografias também têm educado pessoas ao longo dos séculos e, para tal, também é necessário um tipo de alfabetização visual”. (ALMEIDA, 1994, p, 46).

As imagens estáticas, as ilustrações e as fotografias presentes também podem ser empregadas de modo a enriquecer a própria experiência visual dos alunos surdos, uma vez que a visualidade é um fator característico da cultura e da identidade surda. Essa mesma visualidade é também usada nas histórias e pode ser explorada nas narrativas. Neste sentido, cabe destacar que os elementos visuais precisam ser abordados com clareza para que se efetive o aprendizado de fato da criança a partir da língua de sinais na narrativa. Cito o fato de

que na medida em que, como professora surda, fui narrando a história em língua de sinais, os meus alunos surdos passaram a aprender muito mais rápido e a compreender a língua de sinais de forma mais eficaz.

Estudar a narrativa para que a partir desta se possibilitem novas experiências significa falar justamente sobre as intercorrências da cultura e identidade surda. Se na escola não há ninguém que possibilite o acesso das histórias aos alunos surdos, é importante que mesmo que não se narre em língua de sinais, se busque alguma forma visual para que as crianças surdas aprendam a história. A criança é estimulada a produzir de forma visual e a mostrar em sua língua suas aprendizagens sobre a história, desenvolvendo o uso de narrativa sobre a mesma como uma forma particular de representação, isto é, a criança é estimulada a expressar a história de acordo com seu entendimento. O importante é a história que estará por trás da narrativa, o desenvolvimento da mesma e a construção dela na língua de sinais, a língua da criança surda.

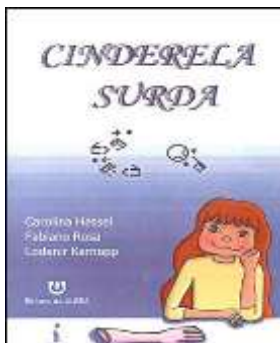
2.6. O que é Literatura Surda?

A literatura surda tem uma tradição específica. Ela difere das literaturas que transmitem suas histórias de forma oral ou escrita, mas que também contém signos orais e auditivos. O registro de histórias surdas⁸ contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. O reconhecimento destas histórias tem sido constante e crescente na atualidade. O registro da literatura surda começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da língua de sinais e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram formas visuais de registro dos sinais como os vídeos ou as plataformas on-line deste tipo de material, a exemplo do Youtube, entre outros.

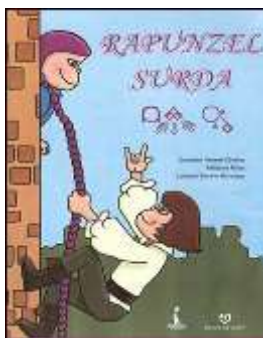
Segundo Mourão,

Há livros de literatura clássica traduzidos da língua portuguesa para a língua de sinais (disponíveis em DVD), por exemplo, textos produzidos e distribuídos pela Editora *Arara Azul*. Em relação a livros de literatura surda, podemos citar *Cinderela Surda*, *Rapunzel Surda*, *Patinho Surdo* e *Adão e Eva*, que são adaptações dos clássicos da literatura. (MOURÃO, 2011, p. 53).

⁸ A história dos surdos registra acontecimentos históricos enquanto grupo que possui uma língua específica, uma identidade e uma cultura. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_surdos>. Acesso em: abr. 2015.



Cinderela é uma jovem surda, que convive com a madrasta e as irmãs que sabem pouco a língua de sinais. O encontro com o príncipe é surpreendente, pois ele é surdo e comunica-se com Cinderela em sinais.” (SILVEIRA, ROSA, KARNOPP, 2003, p.5)



“Rapunzel é uma jovem surda, que viveu na torre e isolada. Comunica pelos gestos caseiros com a bruxa. Conheceu o príncipe e foi surpreendente, pois ele é surdo e comunica-se em Língua de Sinais. Com ele aprendeu a Língua de Sinais.” (SILVEIRA, ROSA, KARNOPP, 2003, p.5).



“Patinho Surdo conta história de um patinho que nasceu de uma família ouvinte por engano. A família estranha que o patinho se comunicava em sinais. E sai em busca de sua família que usa língua de sinais”. (ROSA, KARNOPP, 2005).

Figura 2: Ilustração de alguns livros com histórias traduzidas.
Fonte Mourão (2011)

Vale mencionar o que os autores destacam sobre a adaptação *Cinderela Surda*:

Não sabemos quem contou esta história pela primeira vez. Ela foi sendo recontada entre os surdos e nós resolvemos registrar e divulgar este belo texto. A maioria das pessoas conhece a clássica história da Cinderela. Nosso objetivo, neste texto é recontar essa história a partir de outra cultura, a cultura surda. Assim, esse livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita da língua de sinais, conhecido também como *Sign Writing*. (SILVEIRA; ROSA e KARNOPP, 2003, p.5).

Nesse sentido, é importante pensar que o uso da literatura pode ser instrumento que possibilita à criança a construção da consciência de mundo, uma vez que, através da literatura, é possível relacionar a interpretação com a realidade. Investigar a importância do uso da imagem e da linguagem da literatura, avaliando a expressão de uma literatura surda, torna-se uma tarefa bastante importante e necessária. Os alunos surdos diante das atividades propostas demonstram se sentir estimulados a participar e aprender, daí apresentam-se abertos à

Literatura Surda. Sendo assim os alunos surdos demonstram interesse pela atividade e a narrativa das histórias em língua de sinais.

Torna-se importante, assim, as escolas que possuem alunos surdos se munirem de materiais relativos à Literatura Surda, adquirindo as coleções de clássicos traduzidos em língua de sinais, por exemplo, de modo que seja oportunizando aos alunos surdos uma experiência mais prazerosa da leitura em sua própria língua, o que acaba por implicar em diferentes questões, entre elas até mesmo o comportamento dos alunos com relação aos pares, aos professores, ao conteúdo e a Literatura em si. Além disso, vale considerar que as informações de cunho afetivo podem ser entendidas como materiais didáticos na busca de um ensino pautado na língua do aluno surdo, a língua de sinais.



Figura 3: Coleção Contos Clássicos em Libras, figura captada na internet:

<<http://danianepereira.blogspot.com.br/2012/07/contos-classicos-em-libras.html>>.

Acesso em: 12 mar. 2015.

O ambiente proporcionado pela Escola Bilíngue se presta a que os alunos possam aprender sua primeira língua, ou seja, sua L1, a língua de sinais. Diferentemente disso, nas salas de aula que são constituídas de alunos surdos e também de alunos ouvintes, há uma interação a partir da língua de sinais, uma vez que trabalhos e práticas com literatura surda deverão ser desenvolvidos dentro do contexto da língua de sinais o que permitirá que os alunos ouvintes também aprendam a língua de sinais e a dominem, uma vez que é imprescindível que se pense em uma interação social entre os alunos nestes contextos. É preciso promover

união e unidade no trabalho educativo que envolve alunos surdos e ouvintes, proporcionando uma troca mútua sobre suas respectivas culturas, suas histórias, e suas vivências sociais. Hoje a necessidade da participação de profissionais surdos nos debates e na decisão de muitos aspectos que dizem respeito à Educação de Surdos e o ensino e aprendizagem de alunos surdos, aumenta cada vez, sendo fundamental o conhecimento da língua de sinais e da cultura da comunidade surda, bem como o reconhecimento desses fatores por parte dos profissionais ouvintes que atuam nessa área, assim como o respeito e valorização dos diferentes pontos de vista, opiniões e críticas construtivas, de modo que juntos seja possível solidificar uma Educação Bilíngue no Brasil.

Sendo assim a literatura surda se manifesta nas histórias contadas em sinais e usando formas visuais. O povo surdo preocupa-se com a participação da criança desde cedo em seu meio, como forma de identificação da diferença, estabelecendo laços afetivos importantes no sentido de adquirir um sentimento de pertencimento a um grupo linguístico. No contato com os surdos adultos a criança surda conhece as histórias contadas por eles, além de aprofundar o conhecimento de língua. As relações cognitivas são importantes para o desenvolvimento e estão relacionando a capacidade da criança em organizar suas ideias e pensamento por meio de uma língua na interação com os demais colegas e adultos que discutem e pensam sobre o mundo no processo de aquisição da leitura em sinais ou em português, escrita em sinais ou em português.

A expressão “literatura surda” é utilizada para histórias que têm a língua de sinais, a cultura e a identidade surda na narrativa. Segundo Karnopp

Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente. (KARNOPP, 2006, p. 161).

Ainda conforme Karnopp (2010), compartilhar a língua de sinais possibilita também a produção de narrativas e poemas que vão passando de geração a geração. Essas considerações são importantes para entendermos a produção literária em sinais. Segundo Rosa,

Temos ainda ‘Patinho Surdo’ (ROSA; KARNOPP, 2005) que narra uma história muito diferente daquele clássico infantil ‘Patinho Feio’, não sendo considerada uma adaptação, mas sendo uma criação nova de uma história de patos surdos. Precisamos de materiais que discutam a cultura surda, identidade surda, a Língua de Sinais, o visual etc. (ROSA, 2006, p. 62).

O campo da literatura infantil oferece um vasto arsenal que possibilita explorar tais aspectos e tornar acessível à literatura surda e se servir deste meio para levar às crianças surdas conhecimentos outrora negados em língua de sinais. O professor surdo, como membro legítimo da cultura surda, torna-se um habilitado para traduzir em língua de sinais os muitos clássicos infantis e outras histórias. Conjuntamente, professores bilíngues, amigos, família e a comunidade acadêmica podem se dedicar à tradução conjunta para a literatura infantil.

Existe uma diversificada literatura presente em associações de surdos, em escolas, em pontos de encontro da comunidade surda. Algumas dessas histórias são contadas e resgatadas por surdos idosos e/ou por surdos contadores de histórias. Uma pequena parcela dessas produções culturais tem sido registrada em vídeo, na língua de sinais ou, então, traduzidas para a língua portuguesa. As histórias, as narrativas, os poemas, que são produzidos servem como repertórios da identidade e da cultura surdas.

Contar histórias é um hábito tão antigo quanto a civilização. Contar histórias é um ato que pertence a todas as comunidades: comunidades indígenas, comunidades de surdos, entre outras. Contar histórias, piadas, episódios em línguas de sinais pelos próprios surdos é um hábito que acompanha a história das comunidades surdas. Grupos de pesquisadores estão se dando à tarefa de coletar as narrativas que surgem nessas comunidades, para que não desapareçam com o tempo. (KARNOPP 2008, p.7).

A literatura surda é relevante e o registro de histórias pode proporcionar, principalmente às escolas, um material baseado na cultura surda. O trabalho de registro de histórias contadas por surdos é necessário. A ficção e o imaginário surdo são abundantes e sua presença

tornam-se extremamente significativas no momento do registro das histórias em sinais. São histórias variadas envolvendo uma maior aproximação com a criação, constituição e divulgação da cultura surda, de uma diferença política, linguística e educacional.

“Surdos reúnem-se frequentemente para contar histórias e, entre as preferidas, estão às histórias de vida, as piadas e aquelas que incluem elementos da cultura surda, com personagens surdos, com tramas que, em geral, envolvem as diferenças entre o mundo surdo e o ouvinte” (ALVES e KARNOPP, 2003,p.7).

Essas considerações são importantes para entendermos a produção literária em sinais. Pessoas surdas, convivendo com ouvintes, em seu ambiente de trabalho ou com a família, se apropriam de meios visuais para entender o mundo e se relacionar com as pessoas ouvintes. Essa experiência visual, além do uso da língua de sinais, compõe a gama de características da cultura surda. De certa forma isto acontece também nas narrativas em sinais e em “*Sign Writing*”, ocasionando intercorrências na cultura surda e identidade.

2.7. Produtividade em escrita de sinais - SignWriting

A língua de sinais é uma língua visual e sua escrita, no Brasil e no mundo, continua em pesquisa. A escrita de sinais é a forma de registrar pensamentos, expressões e histórias narrados em língua de sinais. Os surdos se utilizam da escrita da língua de sinais de forma rara, sendo ainda muito poucas as obras literárias produzidas que utilizam essa escrita. Atualmente a escrita de língua de sinais vem sendo utilizada para o registro da literatura surda. Além disso, percebe-se que ainda são poucas as escolas que ensinam a escrita dos sinais para seus alunos surdos. Acredito, no entanto, que além das produções em vídeos de forma sinalizada, a escrita de sinais é uma forma potencial de registro da literatura surda, pois possibilita que os textos sejam impressos e assim circulem em diferentes tempos e espaços.

Segundo Karnopp:

De todo modo, além do *SignWriting*, a escrita da língua portuguesa hoje faz parte do mundo surdo, indispensável aos surdos brasileiros para a defesa dos seus interesses e cidadania. Há quem pense

que a escrita pode contribuir para a destruição da riqueza em sinais; mas a escrita, por si só, não é necessariamente um fator contrário. Pode-se pensar na escrita como a busca por tradução das raízes culturais, associada a outras formas de arte, como teatro e vídeo. (KARNOPP, 2010, p.103).

Nas narrativas em língua de sinais, encontramos frequentemente algumas dimensões pedagógicas, ou seja, os textos inserem lições, mensagens, objetivando ensinar algo ao leitor, muitas vezes no sentido de regular comportamentos. A inscrição do surdo em narrativas diversas apresenta várias dimensões, entre elas, a aceitação, o encontro e os desafios da comunicação.

Sobre o *SignWriting*, Stumpf afirma que

a capacidade de leitura e escrita confere ao sujeito a possibilidade de reflexão até mesmo sobre a própria língua. A pesquisadora adverte sobre a necessidade de as escolas de surdos contemplarem o ensino do *SignWriting* em seus currículos. Além de entender que a escrita de sinais se constitui em um importante instrumento para o acesso ao conhecimento e para a organização do pensamento do surdo, a pesquisadora afirma que o domínio desse sistema de escrita facilita ao surdo o aprendizado do português escrito: A aquisição da escrita em sinais vai funcionar como suporte para a aprendizagem do português escrito. (STUMPF, 2004, p. 158).

Cabe enfatizar que a língua de sinais, principal marcador identitário da cultura surda, encontra-se desenvolvida enquanto uma língua visual-gestual e recentemente seus usuários têm utilizado a escrita dessa língua em seu cotidiano, conhecida como escrita de sinais (*Sign Writing*). A escrita de sinais, como forma de registro da língua de sinais, ainda é pouco utilizada. Algumas obras vêm sendo produzidas utilizando-se dessa escrita, conforme o mapeamento realizado na pesquisa das produções editoriais.

As publicações na escrita de sinais têm sido uma inovação na tradição de contar e recontar histórias e, por outro lado, divulgam e imprimem materiais originários na língua de sinais. No entanto, um dos problemas é a abrangência do público leitor nessa forma de registro da

língua de sinais, já que poucos são usuários desse sistema, mesmo nas comunidades de surdos.

Conforme Stumpf,

[...] as crianças são postas em contato com o sistema *Sign Writing* por meio de legendas de fotos, livros infantis já traduzidos e jogos de dominó, em que elas precisam unir o objeto à escrita no sistema em aprendizagem, ou ainda registrar em escrita dos sinais diálogos estabelecidos em Libras. (STUMPF, 2004, p.138).

Essa abrangência tende a ser maior a partir do momento em que o ensino da escrita de sinais começa a fazer parte do currículo escolar e circular em produções literárias. Nesse sentido, livros de literatura infantil com o texto na escrita de sinais desempenham um papel fundamental na divulgação dessa língua e dessa tradição surda através de seu registro escrito.

Costa (2004) define a escrita de sinais, ou o sistema *SignWriting*, como sendo

[...] um sistema de escrita com características gráfico-esquemáticas, que permite uma representação de textos de línguas de sinais através de uma forma intuitiva e de fácil compreensão. O sistema é constituído de um conjunto de símbolos e um conjunto de regras de escrita, definidos para representar os diversos aspectos fonético-fonológicos das línguas de sinais. Desse modo, o *SignWriting* apresenta a feição de um sistema de escrita fonética para línguas de sinais, mas plenamente apto a suportar a delimitação de um subsistema de escrita de línguas de sinais que tenha características estritamente fonológicas (COSTA *et. al.*, 2004, p. 254).

A escrita de sinais não tem ainda o reconhecimento oficial na educação dos surdos, sendo usada em um número reduzido de escolas, assim como também a língua de sinais tem pouco espaço nos currículos das escolas e classes especiais. A consagrada pesquisadora surda em *SignWriting*, Marianne Rossi Stumpf, afirma a importância deste

sistema de escrita como meio de registro da língua de sinais, em especial, da língua de sinais para a educação dos surdos.

A escrita visual direta da língua de sinais *SignWriting* pode levar ao bilinguismo pleno. Enquanto isso, pelas dificuldades de ensinar que apresenta e a necessidade que representa como instrumento de inserção social, o Português escrito poderá contar com um referencial linguístico consistente na L1 que possibilitará trabalhar a L2 com propriedade (STUMPF, 2007, p. 14).

Segundo Silva,

Os surdos começam a ler diretamente uma segunda língua, a qual é totalmente divergente da sua língua natural, assim vejo um grande conflito linguístico entre compreender, expressar e produzir uma língua. Em muitos casos o surdo lê, mas não entende o que lê, não consegue construir o sentido do texto, têm o costume de ler as palavras isoladamente sem considerar seu contexto, costuma-se sempre buscar a tradução para língua de sinais. (SILVA, 2012, p. 200).

Ler e registrar é fundamental para aprender. A leitura e o registro envolvem o ler para compreender, com o posterior registro do que fora compreendido. Isto é determinante para que a criança aprenda a concentrar-se na seleção de informações importantes no texto, utilizando estratégias de aprendizagem. O ideal é que o professor planeje as aulas para que os métodos de ensino sejam adequados às crianças. É fundamental que o professor saiba trabalhar, incentivando seus alunos a ler diariamente, tornando a leitura atrativa e significativa.

Para a criança surda, a escrita de sinais leva ao contato com uma língua registrada. O português escrito, como L2 ou segunda língua dos surdos, é muito difícil, enquanto que a língua de sinais se presta muito bem para o registro ou leitura de histórias. A sua escrita é, portanto, a representação própria da língua de sinais. Os sinais escritos não diferem dos sinais feitos no ar. Eles contêm a configuração da mão (CM), o movimento (M), o local (L), a expressão facial (EF). Muitos destes elementos foram identificados pelo linguista Willian Stokoe

quando, em 1960, pesquisou e reconheceu o status da língua de sinais. O seu uso nos espaços de educação de surdos é benéfico, como destaca Stumpf (2007), e se afirma como necessidade plena para a educação de surdos.

A escrita de sinais é elemento para desenvolver a identidade, a autonomia, a confiança em si, para acesso à cidadania e integração social, ao patrimônio cultural da humanidade e ao conhecimento da história, bem como das fábulas. A escrita de sinais tem um significado importante para a autoestima e possibilita ao sujeito surdo perceber sua própria identidade surda, no seio da cultura surda.

As histórias e as representações da cultura surda, caracterizadas pela experiência visual, são transmitidas ao corpo dos livros pelo *SignWriting*. As crianças, de um modo singular, entendem o enredo, a trama, a linguagem utilizada e os desenhos, cujas informações são demonstradas pela escrita de sinais. Isto evidencia o caminho da auto-representação dos surdos na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, legitimando a língua, o narrar as histórias, a existência, o jeito de ler, traduzir, criar adaptar.

O objetivo de realizar a tradução de textos de clássicos infantis e outros para a língua de sinais é importante e ainda mais válido com o uso do *SignWriting*. A partir de minhas vivências posso afirmar que a partir daí o letramento visual acontece, tema que será aprofundado mais adiante.

2.8. Letramento visual

Um aspecto importante da vida dos surdos é o uso da experiência visual citada por Skliar, apud Lebedeff (2010)

Experiência visual dos surdos envolve, para além das questões linguísticas, todo tipo de significações comunitárias e culturais. Os surdos utilizam apelidos ou nomes visuais; metáforas visuais; imagens visuais; humor visual; definição das marcas do tempo a partir de figuras visuais; entre tantas outras formas de significações. (SKLIAR apud LEBEDEFF, 2010, p.176).

A língua de sinais tem a sua real importância visual, visto que traça movimento de caracteres no ar, bem como suas implicações culturais. Ela se presta ao letramento visual. Possibilita acesso aos

espaços de arte, cultura, educação em geral, bem como figura como língua escrita – a partir do *SignWriting*, a escrita de sinais de forma comunicacional. Letramento visual se constitui em algo novo para os campos de pesquisa atual.

O letramento visual é realizado a partir de imagens e de ilustrações. Os surdos podem visualizar o conteúdo, entender e posteriormente, sinalizar o que apreenderam e compreenderam. Isto é, por meio de imagens exploradas em suas leituras, passam a perceber diferentes composições visuais, o que oportuniza a expressão de sua criação e imaginário.

Os povos surdos guardam na memória⁹ suas trajetórias, vivenciadas no passado e também no presente, desse modo trazendo a tona a memória visual, assim como o letramento visual. Memória e letramento não são idênticos. As muitas realizações e dos marcos da cultura surda vem da memória visual. Muitas dessas realizações são pioneiras, o que as tornam ainda mais relevantes e interessantes. O povo surdo trilha caminhos da memória visual desde sempre. O letramento visual implica no fortalecimento dos surdos enquanto membros de um povo que compartilham formas de comunicação visual diversas, entre elas a própria língua de sinais, que se diferencia de país para país.

O letramento visual envolve a leitura de desenhos, expressões faciais, expressões corporais e imagens visuais. Conforme Taveira e Rosada,

Em sala de aula há variados materiais de comunicação, formas e sinais e serem interpretados e reinterpretados pelos alunos e, nem sempre, os professores e os próprios alunos, ao organizá-los, possuem a consciência da importância, em termos de mensagem, da existência humana e dos aspectos sociais envolvidos nesse local”. (TAVEIRA E ROSADA, 2013, p.28).

O letramento visual parte da perspectiva de Reily (2006), de que “se a palavra é para todos, a imagem também tem que ser”, o que novamente reforça a importância deste trabalho ser realizado.

Do ponto de vista profissional, cabe mencionar que o professor surdo vem atuando como transmissor deste letramento visual, bem como alcançando novas esferas no próprio mundo dos surdos. Esses

⁹ Não cumpre aprofundar a memória visual aqui.

profissionais passam gradativamente a ser respeitados e valorizados, por pessoas surdas e também por pessoas ouvintes. Esse respeito e valorização estão atrelados também ao fortalecimento e reconhecimento de sua língua de sinais, a língua que os surdos podem dominar plenamente e que serve como instrumento essencial para todas as suas necessidades cognitivas e de comunicação.

Portanto, é necessário rever a formação de professores ouvintes que trabalham com surdos, isso porque em geral, esses professores ouvintes não são fluentes na língua de sinais, e muito menos no letramento visual, bem como não conhecem a cultura surda e portanto também não entendem de experiência visual. É necessário que se invista na formação de professores surdos bilíngues, sujeitos esses que serão os verdadeiros referenciais linguísticos dos alunos surdos. O professor que é surdo emprega diferentes métodos de ensino e aprendizagem de seus alunos, concentrando-se em metodologias que enfoquem, sobretudo, o canal visual.

Taveira e Rosada afirmam:

os signos podem querer dizer mais do que seus significados aparentemente intrínsecos, pois disso também depende o contexto da criação e de leitura da mensagem, assim como seus suportes ou meios. Há um contexto de significação percorrido pela mensagem, e carece realizar um questionamento quanto à suposta obviedade de alguns signos (TAVEIRA E ROSADA, 2013, p. 28).

A citação dos autores incita a pensar sobre a narrativa ouvinte traduzida e a narrativa surda sinalizada e o real significado visual em língua de sinais de ambas. Levam a pensar sobre uma ordem de pensamento diferenciada, com significados relacionados à cultura surda e a importância da língua de sinais, bem como um modelo das várias relações entre significante e significado e os contextos de produções de narrativas a partir do conceito da visualidade.

A narrativa em língua de sinais possui um papel importante na cultura surda, isso porque assume a função de difusora da própria literatura surda de forma geral. A narrativa visual passa a cada vez mais ser empregada visualmente, com a preocupação de uma qualidade visual focada na língua dos surdos, na língua visual de sinais. Enquanto expressão literária, as narrativas em língua de sinais passam também a

estar inseridas em novos espaços, em novos meios e como novas ferramentas.

2.9. Educação Bilíngue: possibilidades culturais

A educação bilíngue¹⁰ decorre do compartilhamento de um ambiente linguístico, entendido como uma metodologia que busca o direito da pessoa surda se expressar em sua língua a fim de ter acesso ao conhecimento sistematizado, oportunizando assim, aos educandos surdos, o aprendizado da segunda língua na modalidade escrita ou oral, mas com base na sua língua natural, a língua de sinais.

Na falta destes princípios bilíngues a realidade educacional dos surdos brasileiros é assustadora, uma vez que o aluno se forma no ensino médio sem saber ler textos simples, nem interpretar o que lê. Segundo analisa Lebedeff (2004, p.140), “é incontestável o atraso da escolaridade de crianças e adultos surdos brasileiros”. Além disso, de acordo com a autora, é enorme a evasão escolar desse alunado em razão do desafio de terem de aprender conteúdos de diferentes disciplinas numa língua, no caso português, que os surdos, em sua maioria, não dominam. Ainda, segundo a autora, em grande parte dos casos, os surdos estão expostos a um ensino de língua portuguesa que não leva em consideração o fato de que esta não é sua língua materna.

Decorrente dessa realidade, a comunidade surda tem se organizado em movimentos para exigir uma educação bilíngue que respeite a diferença linguística do surdo. Em documento¹¹ entregue ao MEC (2014), consta:

A educação bilíngue de surdos envolve a criação de ambientes linguísticos para a aquisição da Libras como primeira língua (L1) por crianças surdas, no tempo de desenvolvimento linguístico esperado e similar ao das crianças ouvintes, e a aquisição do português como segunda língua (L2). A educação bilíngue é regular, em Libras, integra as línguas envolvidas em seu currículo e não faz parte do atendimento educacional especializado.

¹⁰ Bilíngue neste trabalho é entendido como o domínio de duas línguas, sendo que aqui se refere à língua de sinais como primeira língua e português escrito com a segunda língua dos educandos surdos. Ambiente escolar bilíngue se refere às escolas onde as duas línguas transitam.

¹¹ Relatório do trabalho feito pelo GT FENEIS-MEC/SECADI.

O objetivo é garantir a aquisição e a aprendizagem das línguas envolvidas como condição necessária à educação do surdo, construindo sua identidade linguística e cultural em Libras e concluir a educação básica em situação de igualdade com as crianças ouvintes e falantes do português. (MEC, 2014, p. 6).

Além disso, Quadros (2005, p.26), afirma que no Brasil se pensa que todas as pessoas adquirem a Língua Portuguesa como primeira língua e assim “Ignora-se, portanto, que temos falantes de famílias imigrantes (japoneses, alemães, italianos, espanhóis etc.), que temos as várias comunidades indígenas que falam várias línguas nativas”. Conforme a autora, tratam-se de mais de 170 línguas indígenas de famílias totalmente diferentes, sendo que há ainda os “sinalizantes da Língua de Sinais Brasileira (LSB), os surdos e familiares de surdos brasileiros. Todas estas línguas faladas no Brasil, também são línguas brasileiras caracterizando o país que o Brasil realmente é, um país multilíngue.”

A educação bilíngue significa muito mais do que o uso de duas línguas. Compreende a diferença linguística do sujeito surdo, sua singularidade como indivíduo pertencente a um grupo cultural, o que implica em profundas mudanças em todo o processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Skliar (1999, p. 7): “A proposta de educação bilíngue para surdos pode ser definida como oposição às práticas clínicas hegemônicas e [...] como reconhecimento político da surdez como diferença”. Parafraseando este autor, a educação bilíngue ultrapassa as práticas clínicas e se situa no nível da diferença. Desta forma, concordo com Skliar ao posicionar-me favorável à aplicação de uma política diferenciada das práticas clínicas, que deve conter os aspectos culturais diferenciados do povo surdo e não apenas contemplar a língua de sinais.

Em escolas de surdos o quadro de professores necessita ter formação bilíngue e este é o principal desafio neste momento. Neste sentido, ter formação bilíngue quer dizer que os profissionais devem estar capacitados a se comunicar com os surdos, a elaborar currículos que contemplem as necessidades específicas desses estudantes e a desenvolver estratégias de aprendizagens adequadas a estes alunos.

Embora as leis, tanto de oficialização quanto de regulamentação da Língua de Sinais no Brasil, sejam instrumentos importantes para a efetivação das mudanças na educação, o Ministério da Educação tem

insistido na aplicação de sua Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva, que não contempla a perspectiva de educação bilíngue reivindicada pelos surdos. Entretanto, alguns avanços importantes foram conquistados, como o próprio reconhecimento ao direito à educação bilíngue. O Relatório de 2014, entregue ao MEC pela comunidade surda, insiste na educação bilíngue em detrimento a continuidade da perspectiva utilizada a partir das políticas nacionais voltadas à educação inclusiva:

A política linguística instaurada por meio do Decreto 5.626/2005 ao regulamentar a Lei 10.436/2002 tem como consequência um planejamento linguístico de status, pois reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua nacional usada pela comunidade surda brasileira e de intervenção, pois desdobra uma série de ações de implantação e implementação da Libras no Brasil. A regulamentação dessa lei apresenta uma série de intervenções que promovem a Libras no Brasil. A regulamentação dessa lei apresenta os surdos¹². (MEC, 2014, p.7).

Na educação bilíngue é necessário prever um espaço cultural e linguístico próprio, uma vez que a maioria das crianças surdas não tem acesso à língua no seu ambiente familiar. Desta forma, no espaço escolar as atividades para aquisição da cultura e da língua de sinais, bem como a construção e o fortalecimento da identidade envolvem interação, conversação, contação de histórias, entre outros.

A contação de histórias e a exposição da criança num ambiente cultural próprio, rico de materiais e obras literárias, são instrumentos e/ou ferramentas pedagógicas fundamentais para aprendizagem da língua de sinais. O ensino desta língua envolve três diferentes aspectos: linguísticos, socioculturais e históricos. Com base nessa premissa, a educação bilíngue objetiva desenvolver habilidades de compreensão e produção em língua de sinais, a leitura e escrita de sinais, a reflexão sobre como essa língua funciona e sobre quais são seus usos, sua gramática, o estudo da literatura produzida pelos surdos, o desenvolvimento dos sinais e dicionários, bem como a origem da língua de sinais e sua evolução.

Segundo Karnopp, Klein e Lunardi:

¹² Relatório MEC/SECADI, 2014.

[...] as produções culturais de pessoas surdas envolvem, em geral, o uso de uma língua de sinais, o pertencimento a uma comunidade surda e o contato com pessoas ouvintes, sendo que esse contato linguístico e cultural pode proporcionar uma experiência bilíngue a essa comunidade. Neste sentido, além da escrita da língua de sinais, a escrita da língua portuguesa também faz parte das possibilidades de registro das experiências surdas. A escrita na língua portuguesa tem sido indispensável aos surdos brasileiros para a escolarização, a defesa de seus interesses e cidadania (KARNOPP, KLEIN E LUNARDI, 2011, p.21)

Conforme dados da pesquisa realizada pelas autoras nos aponta também que a produção cultural dos surdos serve como uma forma de tradução das raízes culturais, no sentido de dar visibilidade às experiências de vida de sujeitos e de comunidades surdas.

A história cultural, outro artefato que deve ser usado na educação bilíngue de surdos e que também é apontada no Relatório, deve ser desenvolvida por referências surdas, unindo surdos e ouvintes na resistência contra a dependência dos padrões de normalidade historicamente impostos por ouvintes à estes sujeitos, contexto no qual se apresenta a obrigação de narrar-se como deficiente. Em detrimento à esta perspectiva, a história cultural ressalta as lutas pela língua de sinais, pela educação, por leis e por identificação cultural. Resgatar esta história é fundamental ao pleno desenvolvimento dos surdos por possibilitar apreensão do sistema de significação, especialmente pelo cultivo da lembrança, que ajuda compor uma identidade no que ela significa, em suas resistências, escolhas, conquistas do passado surdo, bem como no processo de constituição do futuro.

Este também é um mecanismo de pertencimento do Povo Surdo e que favorece a agenda de discussões políticas para pensarmos como se estabelece o que somos: qual o conceito de nós mesmos assumimos ou como nos posicionamos e refletimos sobre esta cultura onde se colocam rótulos nas diferenças e se estabelecem ambivalências. A literatura surda é outro mecanismo que não pode faltar na educação bilíngue. A existência de clássicos infantis traduzidos para a língua de sinais vale-se da cultura surda como uma prática utilizada pelos professores bilíngues

e apresenta reações positivas no desenvolvimento integral da criança surda.

A criança que faz parte e sente-se pertencente ao povo surdo, ao ser exposta às obras da literatura surda, naturalmente passa a sentir-se inserida, fazendo com que compreenda-se e aceite-se enquanto surda, valorizando sua identidade e sua particularidade, tão importantes para seu pleno desenvolvimento. A literatura surda permite que a criança possa registrar, por exemplo, histórias em escrita de sinais e, além disso, abrir novas portas para o aprendizado da língua portuguesa em sua modalidade escrita, desde que este aprendizado seja tomado como um processo envolvendo o português como segunda língua (L2). Além disso, a literatura surda possibilita a aceitação do português como L2 na Educação Bilíngue, visto que esta passa a ser entendida e abordada na mesma perspectiva de uma língua estrangeira para os alunos surdos. A Escola Bilíngue, portanto, se faz necessária por ser constituída de um ambiente enriquecedor, cultural e linguístico, adequado ao aluno surdo, ao aprendiz, o que permite promover a literatura e os demais artefatos culturais dos surdos, de modo que estes sujeitos possam se apropriar de conhecimentos historicamente produzidos pela Comunidade Surda, bem como sociedade em geral.

2.10. Tradução cultural dos clássicos infantis para a cultura surda

A tradução cultural é um conceito usado nos Estudos Culturais para denotar o processo de transformação de algo, seja linguístico ou outro, a uma dada cultura. A tradução de clássicos infantis para a língua de sinais não somente vem sendo admitida como também carrega uma gama de elementos simbólicos e tradicionais que acompanham a cultura surda. E esta é algo composto de significados simples que evocam a experiência visual do povo surdo¹³, ou seja, o modo como o surdo

¹³ Em nota de rodapé, em sua Tese de Doutorado, Perlin (2003, p 17) cita o que segue: Quero definir aqui visíveis diferenças entre povo surdo e comunidade surda. Povo surdo é tido como o grupo de surdos constituído com língua, lugar e cultura específica. Comunidade surda trata de um aspecto mais híbrido na constituição epistêmica como um grupo instável de pessoas que a constitui. Tanto podem ser os surdos, os ouvintes filhos de pais surdos, os intérpretes e os que simpatizam com os surdos. Quando cito comunidade surda faço distinção entre os sujeitos que compõem/estabelecem articulações que geram as necessidades de ser grupo do grupo, como constituição de sujeitos sociais em tempos e espaços específicos. Na minha pesquisa de mestrado distinguia a identidade surda como constituidores desse

entende o mundo, o transforma e interage com ele. Nota-se que o surdo não vai interagir com o mundo pelos sons, pela audição, mas por meio de imagens, signos e significados que favorecem o entendimento pela visão.

O intérprete de línguas orais, Magalhães Jr. (2007, p.170), dá alguns indícios que a tradução tem que carregar elementos e sentimentos culturais.

Traduzir é sempre um exercício imperfeito, em que tentamos transpor para outro universo semântico, ideias e sentimentos que não são nossos. Num tal processo, o resultado será sempre alvo potencial de censura e dissenso. Na tradução, fazemos mais do que simplesmente buscar sinônimos. Somos forçados a interpretar, a intuir o sentido de passagens, por vezes, dúbias. Fazemos escolhas a todo o momento. Elegemos. Tomamos decisões. Com isso, naturalmente, nos arriscamos ao erro. (MAGALHÃES, 2007, p.170).

Fica evidente a diferença cultural, na ideia de transpor para outro “universo cultural” também por meio da língua. Na tradução¹⁴ dos clássicos infantis para a literatura surda pode-se analisar o papel da cultura e afirmar que, embora as pesquisas demonstrem que esta contenha mais um aspecto linguístico, a sua adoção na educação de surdos é necessária e importante, bem como os demais aspectos culturais. A língua de sinais deve ser a primeira língua usada na tradução das literaturas surdas. Como uma língua natural, plenamente desenvolvida, assegura uma comunicação completa e integral.

Outro elemento da tradução cultural é identificado por Bhabha (2005, p.228) quando afirma que “as designações da diferença cultural interpelam formas de identidade que, devido à sua implicação contínua em outros sistemas simbólicos, são sempre ‘incompletas’ ou ‘abertas à tradução cultural’”. Em contato com o surdo a tradução cultural dos

agrupamento, mas hoje destingi que aqueles que são surdos e que tem uma certa autonomia política são constituidores do povo surdo.

¹⁴ Entendo como sendo tradução cultural a tradução dos clássicos infantis para a cultura surda. Minha pergunta sobre o conceito de adaptação usado por alguns escritores em literatura surda, inquirindo os mesmos me apresentaram uma vaga ideia do conceito. Daí utilizei outros autores que falam do ato de traduzir que julgo muito semelhante ao ato de adaptar. Mourão (2010, p. 61) fala de interpretação quando se da a passagem de uma a outra língua.

clássicos infantis e outras histórias induzem a colocar a marca cultural surda na narrativa da história. Em espaços culturais se percebe o quanto é necessário uma tradução cuidadosa para que o surdo possa “ler” na língua de sinais sobre o acontecimento: isso contempla a cultura surda.

Bhabha faz uma exposição deste processo, que ocorre também em outras culturas:

A intervenção da crítica pós-colonial ou negra tem por objetivo transformar as condições de enunciação no nível do signo - no qual se constitui o domínio intersubjetivo - e não simplesmente estabelecer novos símbolos de identidade, novas “imagens positivas” que alimentam uma “política de identidade” não reflexiva. O desafio à modernidade está em redefinir a relação de significação com um “presente” disjuntivo: encenando o passado como símbolo, mito, memória, história, o ancestral - mas um passado cujo valor iterativo como signo reinscreve as “lições do passado” na própria textualidade do presente, que determina tanto a identificação com a modernidade quanto o questionamento desta: o que é o “nós” que define a prerrogativa do meu presente trabalho? A possibilidade de incitar traduções culturais para entre discursos minoritários surge devido ao presente disjuntivo da modernidade. Este assegura que o que parece o “mesmo” entre culturas e negociado no entretempo do “signo” é que constitui o domínio intersubjetivo, social. Por ser de fato aquele lapso a própria estrutura da diferença e da cisão dentro do discurso da modernidade, transformando-o em um processo performativo, cada repetição do signo da modernidade é diferente, específica em suas condições históricas e culturais de enunciação. (BHABHA, 2005, p. 341).

Este processo de tradução abordado por Bhabha fala que é mais evidente na obra daqueles surdos que, ao perceberem seus limites culturais em perigo, revelam as margens escorregadias e puxam para o centro da cultura. Desta forma podemos presumir uma relação diferente com estas obras dos clássicos, não podendo aceitá-las até que as tenhamos submetido a um processo de tradução ou defasagem, até que o

sentido se torne compreensível. Daí porque as traduções de literatura para a Língua de Sinais se transformam com os signos e símbolos contemporâneos e culturais.

A questão de traduzir diferentes clássicos de literatura infantil para a literatura surda faz o tramite de experiências ouvintes para experiências surdas - o *tradutório* - criando novos significados para os símbolos culturais presentes na tradução dos clássicos infantis. Assim, os aspectos culturais ouvintes colocam seus signos culturais nas histórias clássicas de literatura infantil. A partir da tradução cultural, estes aspectos são revertidos para a cultura surda. Este conceito de tradução está ligado à questão da reinscrição. Estas reinscrições agem quando os deslocamentos põem, em choque, as diferenças culturais. Estas são as construções e as tradições, ou invenções que, quando em contato com a cultura surda, criam a reinscrição com novas construções simbólicas. Assim ao se apropriar da linguagem do clássico infantil, a cultura surda faz a troca. Por exemplo, *A Cigarra Surda e as Formigas*, que ao inserir uma característica específica à personagem principal, acaba adotando a reinscrição simbólica cultural surda. A tradução cultural surda enfatiza os significados consequentes de cultura, subjetividade, identidade, considerando a necessidade de contextualizá-los.

A tradução para a língua do povo surdo, como forma de registrar e divulgar essa produção cultural surge a partir de uma análise reflexiva do texto criado porque é muito provável que o texto não ultrapasse o nível da comunicação e sabemos que literatura não é mera comunicação, é a arte da escrita e do sentido.

A partir desse recorte, produções literárias se transformaram, seja em línguas de sinais ou em cultura surda, conhecendo autores surdos e obras produzidas em sinais. Existem textos sendo contados/traduzidos nas escolas bilíngues e no povo surdo. Surdos, pesquisadores, professores, intérpretes e outros profissionais procuram analisar o maior número possível de obras produzidas pela literatura, bem como os clássicos, traduzindo-os em sinais e signos, independentemente do público surdo ou ouvinte. Além disso, incentivam a produção literária em Língua de Sinais, seja colocando-a em escrita nessa língua, seja com signos culturais.

Podemos, de fato, reconhecer a existência da cultura surda, percebendo que estamos vivendo o momento de seu reconhecimento. Tal atitude impulsiona a querer aprofundar mais e buscar, ativamente, conhecer e explorar o tema “Literatura Surda, sua história e desenvolvimento”. Creio que podemos perceber que os livros com

histórias de literatura clássica escrita por ouvintes podem receber uma releitura a partir da cultura surda, ou mesmo, podemos ter inspiração para criar outros textos de histórias infantis a partir desta cultura.

Segundo nos aponta Perlin e Strobel, a cultura surda

é constituída de significantes e significados, tal como é contada nas narrativas surdas. Vejamos alguns aspectos da cultura surda contidos nas narrativas surdas. Primeiramente, temos narrativas pedagógicas onde se enfatiza o jeito surdo de ensinar, onde se apela por estratégias de ensino visuais, transmissão de conhecimentos em Língua de Sinais, com presença de professores surdos. (PERLIN E STROBEL, 2006, p. 34).

Assim como ocorre com as obras clássicas, lendas e demais histórias da cultura ouvinte, a tradução de obras criadas em língua de sinais para outras línguas abre as portas da literatura surda para o conhecimento do mundo, do surdo como sujeito também capaz de expressar as mais belas produções, através de histórias e contos originalmente narrados em Língua de Sinais. É neste reverso que pode ser observado um dos grandes ganhos do povo surdo¹⁵.

A tradução cultural realizada em “*A Cigarra Surda e as Formigas*” levou em consideração a cultura e a identidade surdas e a realidade de vida dos surdos, sendo que foi necessária a substituição, na história original, da característica do personagem e do acessório que a acompanha. Na história original do clássico infantil “*A cigarra e a formiga*”, as personagens são ouvintes, pertencentes a uma família ouvinte e, portanto, fazem uso da oralidade. Na história original aparecem, ainda, acessórios utilizados por ouvintes, como o canto. A equipe que fez a tradução dessa história compreendeu a necessidade de fazer substituições, como por exemplo no fato de que a cigarra passou a ser surda, usuária da língua de sinais, e a atitude de cantar (própria da língua oral) foi substituída pelo uso da língua de sinais, pois esta é visual.

A literatura surda, quando produzida por um surdo, é diferente da produzida por pessoas ouvintes. Isso se dá porque o surdo é aquele

¹⁵ Os ganhos que o povo surdo e o sujeito surdo conseguem foram estudados por H-Dirksen Bauman e Joseph J. Murray, 2014.

que vivencia as experiências dos surdos, ou seja, as experiências visuais que são próprias da sua cultura e a da língua de sinais.

Deste modo, conseguir traduzir em uma identidade cultural torna-se necessário para a produção. Essas características possibilitam aos sujeitos as negociações de acordo com os diversos contextos e o distanciamento da ideia de identidade pura, resultante de uma cultura unificada em seus conceitos e em suas práticas sociais. As preocupações não se voltam às definições, ou identificações, mas sim, para o que se está fazendo enquanto as identidades literárias estão ganhando outros contornos durante o processo de tradução cultural. Nota-se que não há uma padronização na tradução. E muitas traduções podem ter, ou não, a profundidade cultural, o que dependerá diretamente do contexto e dos próprios sujeitos envolvidos.

Os livros produzidos para a literatura surda têm sido usados pela comunidade surda, principalmente em escolas bilíngues. Mas eles também representam uma literatura possível para os sujeitos ouvintes, a fim de que possam se familiarizar com a cultura surda e aprender a língua de sinais e para que também possam reconhecer e respeitar o povo surdo. A seguir, apresento um roteiro de diferentes tipos de tradução pelos quais pode passar a tradução de clássico infantil, assim como ocorreu com “*A cigarra e a formiga*”, apresentando ainda a importância dos diferentes tipos de traduções.

2.11. Tradução linguística

Segundo Mourão,

Tradução é passar de uma língua para outra; é ato de interpretação, por exemplo: são traduzidos filmes, livros, produtos comerciais, entre outros. Especificamente, o intérprete de língua de sinais é o profissional que atua na tradução/interpretação entre libras e português em escolas, seminários ou congressos internacionais, entre outros. (MOURÃO, 2010, p. 61)

De acordo com a referência acima, a tradução linguística dos livros infantis para o uso na comunidade surda é realizada de várias maneiras. Traduzir os livros, ou filmar as histórias contadas em língua de sinais, fazer teatro ou ainda contar as histórias para posteriormente inferir signos e significados culturais surdos.

O reconhecimento da tradução do tipo interlingual e intermodal pode ser entendido como uma importante chave para seu mapeamento. As traduções apresentam condições de elaboração de um sistema de explicação ou de interpretação. Assim, a Figura 02, elaborada por Sutton-Spencer, se presta a apresentar como os temas relevantes que esta pesquisa aborda estão relacionados.

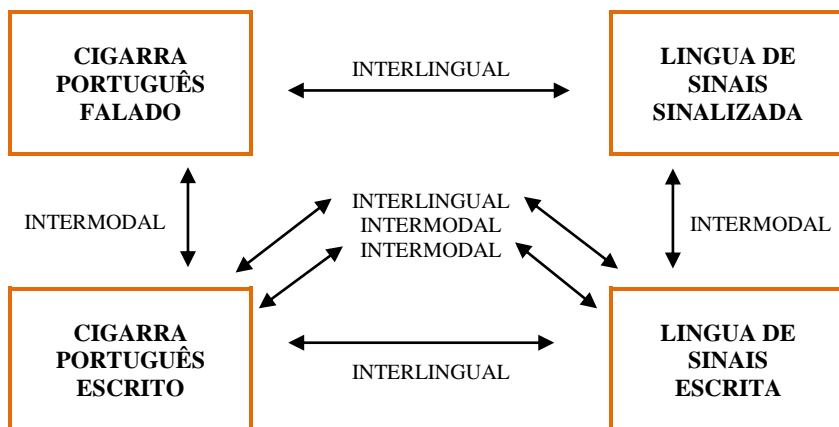


Figura 4: Tradução Interlingual e Intermodal
Fonte: Rachel Sutton-Spence 2015

2.12. Tradução interlingual

Abordando a partir de agora a tradução interlingual, ou seja, a tradução que se dá entre duas línguas, voltamos aos conceitos abordados por Mourão, ao descrever que

o prefixo “inter” quer dizer “entre”, ou seja, é uma tradução entre línguas diferentes, por exemplo: da língua portuguesa para LS; da língua japonesa pra língua espanhola, etc. Em geral, não ocorre uma tradução literal, palavra por palavra, mas uma interpretação ou tradução, para que as pessoas que usam uma língua, em outra cultura. (MOURÃO, 2011, p.63)

Um livro, escrito originalmente na língua portuguesa a partir da narrativa de pessoas ouvintes, é traduzido para língua de sinais por meio

da narrativa de surdos, adequando elementos de sua própria cultura. O povo surdo vive com, no mínimo, duas línguas: a língua de sinais e a escrita da língua majoritária de seu país de residência. Portanto, uma vez que surdos e ouvintes compartilham de mesmos espaços e, portanto, de mesmas esferas de produção e expressão literária, o que envolve narrativas, histórias, livros, etc., ganha destaque e faz-se ainda mais necessária a tradução interlingual.

A condição de tradução entre as línguas e suas diferentes modalidades – a língua falada portuguesa: oral-auditiva e a língua de sinais: gestual-visual – é compreendida no livro “*A Cigarra e a Formiga*”, uma vez que a cigarra canta e a formiga ouve. No caso do texto traduzido para o público surdo, a cigarra foi transformada em uma personagem surda que sinaliza e a formiga foi transformada em uma personagem que aprende a língua de sinais. Este ato de tradução foi o esquema fixado para se conseguir elementos culturais que substituíram os fatos de que na língua falada a cigarra canta e a formiga que trabalha escuta sua música. Nesse sentido, a condição de tradução é uma forma de registro do que parte do dia-a-dia das pessoas surdas usuárias da língua de sinais, até mesmo como forma de resistência à imposição apenas das expressões da cultura ouvinte.

É importante considerar que o ambiente escolar, em especial aquele proporcionado na escola bilingue como um todo, é responsável por criar e oportunizar um ambiente linguístico-cultural para seus alunos, de forma que os surdos possam estar efetivamente inseridos e desta forma possam acessar livremente as informações culturais e conteúdos que circundam nas mais diferentes instâncias escolares, bem como aprendam e adquiram naturalmente sua língua e cultura.

Como Mourão refere:

[...] já temos alguns materiais disponíveis em libras. Por exemplo, matérias da Editora Arara Azul como *Alice no país das maravilhas* (2002), *Iracema* (2002) e *O Alienista* (2004) caracterizam-se como traduções para os clássicos da literatura. Tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda. (MOURÃO, 2011, p. 53-54).

Em realidades educacionais voltadas aos alunos surdos, é importante a aquisição de livros que promovam a literatura sinalizada

em língua de sinais, de modo a facilitar o letramento visual dos alunos surdos em sala de aula. Nas escolas que atendem alunos surdos, as disciplinas de língua de sinais, bem como o uso desta língua no contexto educacional, são urgentes e necessários para os surdos, consequentemente promovendo o letramento visual destes alunos.

Em situações escolares onde na sala de aula há a presença de alunos surdos e também de alunos ouvintes, há também a presença das línguas de ambos os perfis de estudantes: a língua portuguesa falada empregada pelos alunos ouvintes e a língua de sinais usada pelos alunos surdos. Cada uma das línguas é composta por sua própria estrutura e forma de aplicação peculiar. Seu uso enquanto linguagem artística e literária se difere igualmente do uso comum, tanto numa como em outra língua. É importante que nos contextos específicos da escola bilíngue, as línguas sejam usadas de modo que a segunda língua do surdo, a língua portuguesa, seja ensinada a partir da língua de sinais, usada como língua de instrução do aprendizado e da apropriação do português. Dessa forma, é possível que os alunos surdos passem a entender e adquirir, de forma mais efetiva, a língua portuguesa em sua modalidade escrita.

O texto de “*A Cigarra Surda e as Formigas*”, que se prestou como uma tradução do clássico da literatura “*A Cigarra e a Formiga*” para uma história que envolve a Cultura Surda se caracteriza como uma tradução interlingual, uma vez que foi traduzida de uma língua a outra.

2.13. Tradução intermodal

Assim como ocorreu na tradução envolvida nesta pesquisa, Quadros e Souza (2008, p.3) destacam uma peculiaridade deste tipo de adaptação textual, entendendo que “a língua fonte (LF), portanto, é a língua portuguesa escrita e a língua alvo (LA), é a Língua Brasileira de Sinais”. Neste aspecto, portanto, podemos afirmar que são duas línguas diferentes, a oral e a de sinais. Como as modalidades das línguas envolvidas são diferentes, percebem-se efeitos diferentes também de modalidade.

Cabe pontuar que a tradução intermodal se dá no momento em que há alunos que se utilizam da língua portuguesa em sua modalidade escrita, o que também pode ocorrer quando há alunos surdos que escrevem a língua de sinais, também em sua modalidade escrita. Assim, os alunos surdos podem lançar mão do sistema *Sign Writing* e empregá-lo para o registro do texto na língua fonte, a partir do texto já pronto pela tradução interlingual, onde a língua traduzida materializa-se. Os

alunos também podem realizar a tradução intermodal a partir do que imaginam nas gravuras ou desenhos e visualizam nas imagens ou encenações do teatro produzido em língua de sinais. Neste sentido, afirmo que visualizar as imagens e as cenas da dramatização do livro infantil são processos de apreensão e aquisição da tradução intermodal. Em língua de sinais a tradução intermodal se realiza por meio do sistema de escrita de sinais e vice-versa.

O sistema *SignWriting*, uma ferramenta de representação gráfica que se estabelece por meio de símbolos visuais que representam as configurações de mãos, bem como os demais parâmetros da língua de sinais e movimentos corporais, presentes nas Línguas de Sinais e consequentemente nas traduções intermodais do povo surdo. Os alunos aprendem a tradução intermodal partir do sistema *SignWriting*, como foi feito com o livro “*A Cigarra Surda e as Formigas*”, com base na história. Assim, além de constatar que enriquecem a Cultura Surda, entende-se que o trabalho desenvolvido com a escrita da língua de sinais é um artefato bastante significativo, tanto para as próprias pessoas surdas como para os demais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos. Foi possível perceber que os alunos surdos conseguem se apropriar da construção que se dá através da tradução intermodal com uso da escrita de sinais, bem como expressar-se e desenvolver-se por meio desta forma de escrita, ao mesmo tempo em que isso implica na possibilidade de perceber os aspectos de potencialidade da língua de sinais para realização da tradução intermodal.

2.14. Tradução intersemiótica

Segundo Jakobson *apud* Vasconcellos, (2008, p. 22) e também *apud* Segala (2011, p. 29) a tradução intersemiótica é “definida como a transmutação de uma obra de um sistema de signos para outros, transferindo a forma e a tradução entre um sistema verbal e um não-verbal, com por exemplo, de um texto escrito para ícones, desenhos, fotos, pintura, vídeo, cinema e outros”.

Quando esse tipo de trabalho é feito, as imagens que ilustram a obra se constituem em parte de interesses por conhecer a narrativa da história. Isto facilita para que vários tipos de signos, objetos de estudo da semiótica, linguagem não-verbal, figuras, literatura, animação, teatro, linguagem corporal, etc. sejam usadas para compor o texto. Por exemplo, um texto escrito em *SignWriting* com ilustrações e desenhos passado para o teatro em língua de sinais pode vir a se constituir em

tradução intersemiótica, contando profundamente com a cultura surda implicada na história. Cada surdo pode olhar as imagens, contar a história em língua de sinais, treinar um texto escrito de sinais, desenhá-lo, e assim de fato compreender, entender a história e, conseqüentemente, aprender através do uso de uma tradução intersemiótica. Há também tal tradução na realização de teatro sinalizado em Libras, nos personagens que mostram as expressões em língua de sinais, efetivando-se assim de forma significativa.



Figura 5: Capa do Livro.

Fonte: *A Cigarra Surda e as Formiga* (BOLDO e OLIVEIRA, 2004).

Com relação a tradução intersemiótica e o signo visual, a autora surda Ana Regina e Souza Campello afirma que

O signo visual nascido ou criado culturalmente pela comunidade Surda está em constante pesquisa, uma vez que envolve uma dada percepção visual e construção de ideias e imagens visualizadas que regem ou se constituem como princípios da língua natural e da modalidade comunicativa que possibilita a interação comunicativa entre os Surdos em um mesmo ambiente linguístico ou distinto deles. Os signos visuais (ou do som da palavra para os oralizados) criam uma língua quando repassam uma ou várias informações para o cérebro e este passa para uma ação verbal ou sinalizada. E, estas informações só são significadas quando houver um sinalizante ou observador que compartilhe os mesmos conceitos contextuais. (CAMPELLO, 2008, p.100).

Os surdos olham a imagem com a respectiva tradução intersemiótica e imaginam como podem fazer para escrever em língua de sinais, ou como transpor aquelas informações utilizando-se para isso do teatro ou das narrativas a partir de seus conhecimentos em língua de sinais. Os autores dos livros cujas traduções foram citadas anteriormente (como Cinderela, Rapunzel, Patinho Feio, etc.) reconhecem nessas histórias possibilidades de significados culturais. E, a partir dessas histórias, outros autores realizam a tradução intersemiótica para a cultura surda de forma que o discurso presente no produto final em Língua de Sinais traga representações sobre os surdos.

Assim, as traduções de clássico da literatura é muito importante, sendo possível perceber que é do próprio livro clássico infantil que a tradução para a cultura surda emerge. As crianças surdas passam a conhecer, portanto, a história clássica através de signos e significados semióticos presentes no povo surdo. A partir da semiótica e do signo visual, os surdos passam a entender as narrativas das histórias contadas em língua de sinais e apreendem muito rapidamente a Cultura Surda por meio da experiência visual.

A “*Cigarra Surda e as Formigas*”, que se caracteriza como uma tradução do clássico da literatura “*A Cigarra e a Formiga*” para uma história que envolve a Cultura Surda, configura-se, portanto, em uma forma de tradução intersemiótica.

2.15. As diferentes traduções no livro A Cigarra e a Formiga

Os livros anteriormente mencionados (Cinderela Surda, Rapunzel Surda, Patinho Surdo e Adão e Eva), conforme Mourão (2011, p. 54),

são adaptações de histórias ou de contos de fadas que existem há anos. Em todos esses livros, os personagens principais são surdos, e o enredo da história muda um pouco em relação ao original. Os autores desses livros conhecem os clássicos da literatura mundial, reconhecem nessas histórias valores culturais e realizam adaptação para cultura surda de forma que o discurso traga representações sobre os surdos. (MOURÃO, 2011, p.54).

Assim, surge a ideia de criar um livro com a tradução da história de “*A Cigarra e a Formiga*”, de forma a envolver aspectos da

Cultura Surda e demais questões relativas aos surdos. Essas diferentes traduções possibilitam a comunicação por meio da língua de sinais, que é tão importante para os alunos surdos, bem como para representar no gênero literário a identidade e a cultura destes alunos. Nesse sentido, a tradução foi realizada partindo do conhecimento apreendido na sala de aula, buscando garantir aos alunos surdos o contato com sua cultura e, ao mesmo tempo, estimulando a imaginação dos estudantes, aprimorando assim suas capacidades narrativas em língua de sinais.

A partir disso, cabe pensar sobre as escolas que compreendem alunos surdos usuários da língua de sinais, no quanto nesses espaços devem refletir e repensar sobre o emprego da língua de sinais, bem como dos demais artefatos culturais, tais como a Literatura Surda, em suas práticas pedagógicas cotidianas. A Literatura Surda passa assumir um papel importantíssimo na educação de crianças e jovens surdos, uma vez que implica em sua própria constituição enquanto estudantes, enquanto cidadãos e, sobretudo, enquanto pessoas surdas. Desta forma, vale considerar a relevância do incentivo para que os próprios alunos surdos criem suas histórias ou realizem diferentes traduções de histórias já existentes, com base em suas experiências e sua cultura.

Atualmente, em tempos de novas tecnologias e recursos infindáveis, são inúmeras as possibilidades oferecidas ao professor, e também ao aluno, no trabalho e no fazer literário por meio da língua de sinais, de modo que possam se desenvolver histórias diretamente em língua de sinais, contadas e registradas por meio dessas ferramentas tecnológicas acessíveis aos surdos, nas escolas e nos mais diferentes contextos em geral.

Com isso, pontua-se que o processo de tradução feito a partir da história “*A Cigarra e a Formiga*” para a história “*A Cigarra Surda e as Formigas*” compreendeu na apresentação inicial da professora aos alunos feita a partir da história original. Uma vez que os alunos conheceram a história, foi possível então perceber uma narrativa distinta, onde foram sendo incluídos os aspectos da cultura e identidade surda na história original. Nessa nova narrativa construída, a uma série de elementos ou ferramentas educativas está presente e pode ser explicitada quanto à questão da língua, cultura e participação real.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

O capítulo que segue apresenta-se como o espaço onde coloco as ferramentas metodológicas da pesquisa, onde são elucidadas as teorias metodológicas, as estratégias de pesquisa, a forma como foram estimuladas as narrativas, o contexto, a entrevista, a identificação das narrativas e, por fim, as explanações do mapeamento realizado. Além dessas ferramentas usadas para o registro, outras formas de documentação, como filmagens, fotos e ilustrações, foram materiais recorrentemente utilizados nos locais por onde a pesquisa se desenvolveu.

No decorrer do desenvolvimento da presente pesquisa, identifiquei a importância e a necessidade de delinear esta caminhada através da pesquisa qualitativa, utilizando para tanto a identificação de narrativas e a realização de mapeamento explanativo, pois desta forma poderá oferecer dados acerca da importância da literatura surda em contato com o aluno surdo dentro da escola, permitindo o acesso à língua de sinais, à cultura e à identidade surdas, na aquisição e na ampliação de conhecimentos.

Para se propor algo, é necessário o exercício da escolha. E dissertar sobre a temática selecionada, objetiva construir respostas às diferentes indagações. A problemática central da minha investigação está na tradução de clássicos infantis para a literatura surda, no momento em que a informação cultural é introduzida naturalmente de forma a comportar os signos visuais da cultura surda e modificar o texto clássico. Neste ponto, é possível afirmar a existência da constatação de que estamos adaptando, para os surdos, as histórias clássicas por meio da tradução cultural. É neste contexto que surge a pergunta: em que as traduções destes clássicos infantis estão influenciando no sujeito surdo, para a captação de aspectos culturais e identitários do povo surdo?

Ao problematizar os métodos de tradução cultural costumeiramente adotados, nota-se que a questão da literatura surda passa por um difícil processo de traduções e de implicações para a criança surda. No entanto, nem tudo está respondido, muitas perguntas ainda surgem. E essa questão, no contexto das escolas e universidades brasileiras, tem sido amplamente discutida, tendo a oportunidade de perceber que esta discussão está aliada às lutas empreendidas pelos surdos na busca de um ensino de mais qualidade, como o oferecido pelas escolas que se aproximam do método bilíngue. E a questão que

parece sobressaltar aponta para a incidência que intercorre na cultura e na identidade surda.

Do exposto, coloca-se o problema norteador da presente pesquisa: *como a criança surda, em contato com a literatura surda, adquire conhecimento cultural e, em especial, como se dá a estimulação dos canais visuais, para que possa perceber o mundo e acessar o conhecimento universal produzido da pela humanidade?*

Partindo desta contextualização, o propósito de escrever uma dissertação para o Mestrado tendo como tema “Intercorrências na cultura e na identidade surda com uso de literatura infantil” veio da intenção de compreender, de maneira mais aprofundada o assunto. Percebo que a presente Dissertação foi tecida, desde o início, a partir de meus estudos e pesquisas, mas teve grande relevância toda minha prática enquanto professora de hora do conto e de língua de sinais, bem como as minhas experiências enquanto integrante da comunidade surda, fomentando, no caminho até aqui percorrido, aspectos instigantes em relação ao tema proposto.

Tive a experiência de atuar como professora de uma turma de segunda série do ensino fundamental. E a minha tarefa favorita era contar histórias em Língua de Sinais, o que ocorria sempre nas sextas-feiras, momento em que também outra turma de alunos, da terceira série, se unia à minha, uma vez que a professora deste outro grupo conhecia apenas sinais básicos de Libras. Numa destas tardes foi que comecei a interagir com a história do clássico infantil sobre “*A cigarra e a formiga*” com os alunos. Frente às muitas diferenças culturais e linguísticas que eu fui percebendo na história original do clássico em relação às experiências visuais dos alunos surdos, percebi a necessidade de traduzir para a cultura surda este clássico infantil. Desta vivência resultou a criação do livro de minha autoria “*A cigarra surda e as formigas*”, que foi publicado no ano de 2004, em co-autoria de Carmem de Oliveira, que fez a apresentação do livro, além das ilustrações, de autoria de Lívya Roberta Lira.

Partindo desta experiência exitosa, passei a delinear melhor meu foco para o desenvolvimento da presente Dissertação, elencando como objetivo geral a ideia de *identificar o papel da literatura surda no processo de criação de conhecimentos culturais e identitários da criança infantil*. Para que fosse possível chegar à conclusão deste objetivo mais amplo, precisei refletir mais profundamente sobre as características envolvidas, definindo alguns objetivos específicos, voltados a complementar a ideia de pesquisar sobre as formas de como

os surdos produzem conhecimentos com a literatura surda, inclusive, na escola. Desta forma, defini que seria necessário:

- *Identificar alguns artefatos culturais importantes com o uso na literatura surda.*
- *Captar narrativas dos surdos que viveram o processo de construção (tradução) do texto do livro “A cigarra surda e as formigas”.*

A motivação para a pesquisa partiu da identificação da relevância do desenvolvimento de espaços de interação com a língua de sinais, especialmente em função da importância de incentivar as famílias, as escolas e as próprias crianças surdas a utilizar a literatura surda em sua própria língua. Além disso, a literatura surda é um terreno fértil para traduzir e criar histórias, tendo na hora do conto inventivo um importante momento em que a criança participa, de seu jeito, contribuindo com o desenvolvimento das histórias. É importante ressaltar a necessidade do registro das contribuições dos alunos. Neste sentido, a gravação pode ser através de CD, de imagens ou do uso do *SignWriting*. A constante produção de literatura surda em língua de sinais além de proporcionar o acesso à literatura permite também que os signos nelas constituídos sejam compartilhados socialmente, propiciado maior desenvolvimento de conhecimento pelos surdos. Além de instrumento das representações sociais e culturais ele permite a construção de conhecimento.

A língua de sinais é a primeira língua utilizada pela literatura surda, é uma língua natural, plenamente desenvolvida, que assegura uma comunicação completa e integral. Além da língua de sinais a literatura surda se encarrega também dos signos culturais, colocados como sendo aqueles traços expressivos da cultura surda. Desde muito cedo as crianças ouvintes convivem, diariamente, com as histórias contadas oralmente por seus pais ou seus avós. Os personagens das histórias são reconhecidos e compreendidos no imaginário infantil de acordo com o oralizar, com o cantar e com o falar. A ação de cada personagem assume funções culturais muito específicas, como a de resolver medos e conflitos internos, por exemplo. As crianças costumam se identificar com os personagens das histórias e estes se tornam seus heróis.

Minha reflexão se consolidou a partir do questionamento de como as identidades e a cultura surdas, por meio da literatura surda,

interferem no sujeito, especificamente captadas pelas manifestações narrativas em Língua de Sinais, identificando o conteúdo que os surdos registram em suas vidas e suas produções depois de analisar a história da adaptação do clássico infantil “*A cigarra surda e as formigas*”, buscando perceber o que aconteceu e quais foram os fenômenos à sua disposição após a realização da tradução cultural.

Eu busco as intercorrências do criar, contar e traduzir a história de clássico infantil para a literatura surda unindo contexto e teoria. E, ao mesmo tempo, busco entender o que refere Morais (2012, p.87), quando expressa que a “comunicação, o intercâmbio de experiências, as narrativas, a história do povo surdo possibilitadas pela Língua de Sinais. A experiência visual identifica os sujeitos surdos, que comunicam sentimentos, pensamentos, ideias e agrupa o povo surdo”.

Na busca de traçar caminhos metodológicos para esta pesquisa, além de incursionar no campo dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais em Educação, transito também pelo campo da Linguística. Além disso, também seleciono algumas ferramentas teórico-metodológicas, refletindo acerca do já exposto sobre os clássicos infantis, sobre a tradução cultural, sobre cultura e identidade surdas, sobre a Língua de Sinais e sua escrita, sobre a literatura surda e a educação bilíngue. Estas são ferramentas que me possibilitaram chegar a uma resposta à questão que busco.

Por outro lado, sou também parte daquilo que pesquiso, que se processa na minha participação como professora e como autora, interagindo com os sujeitos da pesquisa. Meu trabalho se debruça no livro “*A Cigarra Surda e as Formigas*”, de minha autoria, para perceber como intercorrências no sujeito pela cultura e identidade surdas fazem com que os alunos surdos possam perceber a diferença e a partir desta possam elaborar suas ideias, relacionando os sinais em narrativas, em vida.

3.1. Usando a Narrativa

Para unir teoria e o contexto de vivências da práxis, nesta pesquisa me servi de narrativas capazes de interpretar os fenômenos ocorridos com sujeitos, atribuindo significados a estes. Neste sentido, escolhi partir das narrativas buscadas naquele momento de intercâmbio entre os sujeitos surdos que aprenderam uns com os outros e deram início à produção da tradução cultural do texto do clássico infantil “*A cigarra e a formiga*”. Cada surdo usou da língua de sinais para descrever, em suas narrativas, como passaram a

visualizar toda a ilustração e posteriormente a sinalizar a história com significados de identidade. Narraram como, por meio da imagem, eles exploraram sua criatividade, conseguindo perceber a história diferentemente, oportunizando assim a exposição da criatividade e o desenvolvimento do imaginário.

Captar as narrativas que, conforme afirma Silveira (2005, p. 198, A), significa reconhecer “um discurso profundamente conectado com a invenção, criação e estabilidade das práticas culturais em geral e das escolares, em particular, assim como das identidades e representações produzidas por estas práticas”.

Silveira (2005, p.198) prossegue, afirmando que, quando trata de narrativa

[...] estou entendendo-a como um tipo de discurso que se concretiza em textos nos quais se representa uma sucessão temporal de ações apresentadas como conectadas — de alguma forma — entre si, com determinados personagens ou protagonistas, em que haja uma transformação entre uma situação inicial e final e/ou intermediárias Assim, determinados personagens, em suas narrativas, expõem o que criaram, reproduziram, entenderam em determinadas circunstâncias e lugares. (SILVEIRA, 2005, p.198).

Escolhi, para sujeitos da minha pesquisa, os ex-alunos e as ex-alunas da escola onde trabalhei como professora e onde, ao final da semana de aulas, contava histórias para as duas turmas de alunos, de segunda e terceira séries do ensino fundamental. Busquei captar as narrativas que eles têm sobre o nosso jeito próprio de conhecer e de expor, bem como de aprender e de construir a história. Entender como suas identidades foram tocadas com a tradução cultural do clássico infantil que originou o livro “*A cigarra surda e as formigas*” configurou-se como meu foco neste momento.

As perguntas foram para aqueles alunos e alunas da sala de aula que vivenciaram no passado o desenvolvimento da história “*A cigarra surda e as formigas*”, compondo o grupo que se apresentou através da montagem de uma peça de teatro e assim puderam vivenciar de muitas formas o contato com a tradução necessária do clássico original, ressaltando ainda que todo o desenvolvimento contou também com os registros através do uso do *SingWriting*. Ou

seja, alunos e alunas que puderam de fato participar de uma verdadeira experiência na cultura surda. Para capturar as narrativas com os sujeitos da pesquisa, foram expressas seis perguntas, cujas questões que serão apresentadas mais adiante no decorrer deste texto. Desta forma, acredito que pude captar o contexto narrativo sobre o que aconteceu, para então analisar os dados e em seguida pesquisar mais profundamente a teoria mais adequada para embasar minhas reflexões e possibilitar o desvelar das intercorrências desta tradução cultural. Naquele momento eu tinha a expectativa de poder encontrar as respostas aos meus questionamentos iniciais, tendo em vista os signos e sinais culturais que movimentaram a história.

Outra parte importante que compôs o processo de pesquisa que originou a presente Dissertação de Mestrado refere-se quanto a realização da análise do livro impresso “*A Cigarra Surda e as Formigas*”, cuja criação teve como objetivo inicial das autoras a realização da tradução da história utilizando-se para tanto de narrativa em língua de sinais e de registros em *SignWriting*, algo que na comunidade de surdos, talvez nem se apresente como necessária.

Uma vez captadas estas narrativas a partir das perguntas realizadas, deixando o sujeito com liberdade de resposta, foram identificadas e arquivadas para que pudessem ser introduzidas no *corpus* do texto, fornecendo os elementos para a organização do mapeamento dos dados. Os trechos legitimadores da experiência vivida pelos sujeitos pesquisados são aqueles que serão capturados para o que se define como sendo as intercorrências do viés da narrativa da dissertação, em resposta ao problema de pesquisa. Estas narrativas devem atestar se estes sujeitos, que experimentaram a evolução da tradução cultural da história do clássico original, se constituíram por meio dela, a partir daquilo que nos explicitam em termos de acontecimentos, transformação, causas e compreensão por imagens.

Se o uso de narrativas tem como objetivo captar o que é referido na pergunta inicial do projeto de pesquisa, a metodologia busca, nas narrativas, a importância da literatura para o desenvolvimento cognitivo do surdo. Busca, ainda, levantar como a imagem da história “*A Cigarra Surda e as Formigas*” contribuiu na construção da sua língua, da sua subjetividade, da sua identidade, da sua cultura, da sua diferença, da sua imaginação e fantasia enquanto sujeito surdo. Captar narrativas se apresenta como de fundamental importância para esta pesquisa, uma vez que através destas que será possível ampliar o corpus da Dissertação.



Figura 6: desenho ilustrando personagens sinalizando (Lívia Roberta Lira).
 Fonte: *A Cigarra Surda e as Formigas* (BOLDO e OLIVEIRA, 2004).

3.2. Contextualizando o Local da Pesquisa

O município Erechim, onde ocorreu a pesquisa, se situa no estado do Rio Grande do Sul e é considerado um centro sub-regional do país. Erechim é a segunda cidade mais populosa do norte do estado, com 101.122 habitantes, superada apenas pelo município de Passo Fundo. O município estava, em 2007, na 17ª posição do PIB no estado do Rio Grande do Sul.

Erechim foi uma das primeiras cidades brasileiras modernas planejadas. O planejamento viário da cidade havia sido inspirado em conceitos urbanísticos usados nos traçados de Washington (1791), Paris (1850), Buenos Aires (1580) e Belo Horizonte (1897), porém recentemente precisou ser alterado para facilitar o fluxo viário. O município localiza-se ao norte do Rio Grande do Sul, na região do Alto Uruguai, sobre a cordilheira da Serra Geral¹⁶.

Nesta contextualização do local da pesquisa, é importante trazer presente a forma como ocorria o desenvolvimento educacional na escola de surdos onde toda a atividade que resultou no livro se desenvolveu, durante o ano 2004. Esta escola, situada no centro da cidade, oferecia apenas o ensino fundamental, que na época ainda era

¹⁶ Fonte disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Erechim> >. Acesso em: 12 mar. 2015.

denominado de 1º Grau e pertencia a Rede Municipal de Ensino. Nesta escola havia turmas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental, além das chamadas Classes Especiais para Deficientes da Áudio Comunicação, onde as crianças surdas da educação infantil e de 1ª a 4ª séries estudavam em uma turma exclusiva. Nesta escola, somente a partir da 5ª série é que os alunos surdos passavam a estudar incluídos com os demais alunos não surdos. A escola funcionava nos turnos da manhã, tarde e noite.

3.3. Contextualizando a Tradução Realizada

Na escola apresentada, eu era professora do grupo de alunos surdos e nas sextas-feiras costumava reunir duas turmas para contar histórias com objetivo de reforçar a comunicação em língua de sinais. A tradução cultural do clássico “*A cigarra e a formiga*” surgiu aos poucos com estas crianças, na mesma medida em que os alunos foram também se identificando à cultura surda. Foram oferecidos aos alunos vários clássicos infantis, para que livremente estes pudessem manuseá-los e posteriormente, para que pudessemos escolher uma história para dar segmento às atividades planejadas.

Certa ocasião, eu estava contando esta história e uma das crianças surdas criticou a minha colocação da história infantil, com uma pergunta em sinais na qual expressou “Não, como ouvir a cigarra cantar?”. Ao ser questionado sobre o porquê de tal inconveniente, isto é, sobre o “cantar” e o “ouvir”, iniciei minhas indagações que me levaram aos caminhos da tradução. Esta pergunta foi muito interessante porque foi a partir dela que se iniciou todo o processo de tradução do clássico infantil. O desenvolvimento dessa tradução passou a fazer com que o texto original passasse a ser traduzido no tempo todo da história, trazendo para a narração da mesma, diferentes características significativas dos surdos, como por exemplo, além do fato de a própria cigarra ser surda, o título da nova história também reforçava esta marca surda. E quando surda, a cigarra começa a apontar para o que queria e a fazer uso da língua de sinais, o que fez com que a formiga percebesse que era surda.

Este fato na tradução da história também me leva a perceber a importância da convivência com a comunidade surda. A história foi ficando diferente a partir dos significados culturais que foram acrescentados. O trabalho meu e das crianças surdas foi de colocar signos surdos na mesma história do livro, o que resultou na ideia de fazer na tradução uma nova história.

As crianças surdas gostam de histórias e esta em especial também foi trabalhada de maneira interdisciplinar, abordando conteúdos de Ciência e de Geografia. Entra as várias experiências, um dos momentos mais interessantes foi quando as crianças usaram terra, cataram formigas e fizeram uma maquete, mostrando muito interesse durante o desenvolvimento desta atividade.



Sob orientação, crianças criaram um formigueiro em sala de aula

Figura 7: Construção de Maquete.

Fonte: *A Cigarra Surda e as Formigas* (BOLDO e OLIVEIRA, 2004).

Para apropriar-se e aprender a usar *SignWriting*, as crianças usaram, durante 1 ano, o dicionário de Capovilla¹⁷. Com a realização de alguns exercícios, os alunos surdos aprenderam usar e demonstravam gostar de aprender o *SignWriting*, entendendo a escrita de sinais. Durante os exercícios as crianças sentavam-se juntas para fazer as tarefas de escrever em *SignWriting*, usando palavras em português faziam o exercício de sinalizar e colocar no papel através da escrita de sinais, para então depois confeccionar algumas frases, sendo que muitas delas estão no livro “*A cigarra*

¹⁷ O chamado “Dicionário Capovilla” (CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte (Ed). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira, 2001*) foi produzido e distribuído gratuitamente pelo Ministério da Educação no início dos anos 2000, sendo um dos primeiros materiais desta natureza elaborados a partir de processos científicos mais elaborados, servindo como uma dos principais materiais de aporte ao uso da língua de sinais na educação de surdos no Brasil.

surda e as formigas”, que também foi traduzido em *SignWriting*. Desta forma, é possível afirmar que os alunos surdos conseguiram aprender a utilizar o *SignWriting*, também entre si. O que pude observar é que as crianças apreciavam muito a forma do visual da escrita de sinais, sendo que a compreensão da escrita de sinais ocorreu de maneira natural e muito prazerosa.

Outro momento vivenciado foi quando os alunos produziram alguns desenhos da cigarra surda e das formigas. A produção do texto final, porém, contou com a escrita de uma profissional, inspirada a partir de alguns dos desenhos das próprias crianças.

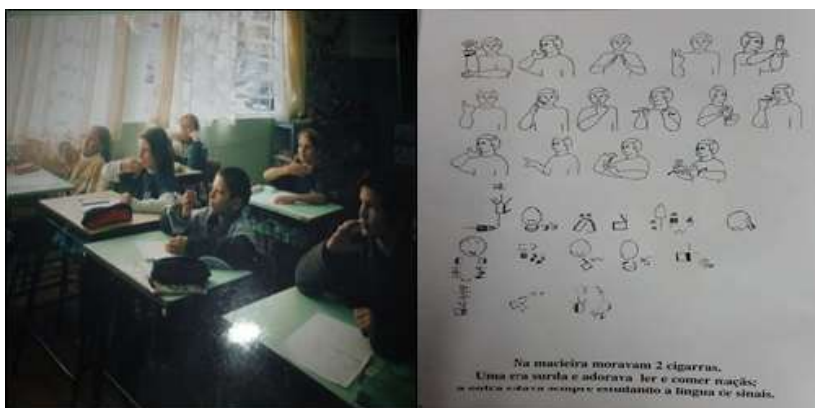


Foto 1: Escrita de Sinais e Português.

Fonte: Arquivo pessoal

Outro momento vivenciado foi quando cada aluno fez sua narrativa e expôs a história em língua de sinais, tudo acompanhado com expressão facial e de forma visual, elementos próprios da cultura surda.

Por fim, as crianças surdas treinaram a história fazendo teatro em língua de sinais com cada personagem e desenvolveram através da criação de diálogos do que intercorre na história. A história “*A cigarra surda e as formigas*” transformou-se em uma peça de teatro que foi apresentada na Semana do Surdo, fazendo muito sucesso, ocasionando que posteriormente fosse apresentada em outros eventos, por quase um ano.



Figura 8: Teatro em Língua de Sinais.

Fonte: *A Cigarra Surda e as Formiga* (BOLDO e OLIVEIRA, 2004).

Antes da apresentação pública, na sala da aula, houve a apresentação teatral realizada por crianças surdas em língua de sinais. As crianças surdas fizeram todo o trabalho de apresentação, obtendo assim, um alto grau de aprendizado por meio dos personagens principais de narrativas infantis e, conseqüentemente, no uso de língua de sinais por esses personagens, bem como de elementos culturais da língua. As crianças surdas perceberam as intercorrências entre as duas culturas. A tradução proporcionou estimulação para o aprendizado na Língua de Sinais, a percepção da identidade e cultura surdas.

Esta sucessão de traduções feitas pelas crianças, como a tradução cultural, seguida pela interlingual, intermodal e intersemiótica, foram intensas. Sutton-Spence e Quadros (2006, p. 116-117) comentam “que esse contexto sócio, histórico, cultural e político da tradução para a reprodução em Língua de Sinais apresentam repercussões no empoderamento do povo surdo”. Neste sentido, pode perceber que as crianças surdas mostraram expressão implícita do seu orgulho pela Língua de Sinais. A narrativa, que parte das mãos das crianças, ao recontar a história da cigarra e das formigas, atraiu a atenção. O desempenho foi além das expectativas e o resultado final foi lindo: o uso do olhar, a expressão corporal e facial foram muito significativos. Percebeu-se, nas crianças, a predisposição para a teatralidade, improvisação, espontaneidade e carisma.

3.4. Questões da Pesquisa

Para entrevistar as crianças e coletar as narrativas elaborei as seguintes questões:

- *Por que são traduzidos os clássicos para a literatura surda como material cultural em escolas bilíngues?*
- *É importante traduzir clássicos infantis para a cultura surda?*
- *Como os alunos surdos adquirem o conhecimento da cultura e da identidade surdas por meio da literatura surda?*
- *Como ocorre o conhecimento da criança surda, por meio da literatura surda, acerca da comunidade surda?*
- *Como a literatura surda interfere nas vidas surdas?*
- *Que intercorrências acontecem com estas histórias infantis em que há tradução cultural?*

3.5. Sujeitos da Pesquisa

A escolha dos sujeitos para captar narrativas, num total de 04 surdos, se deu em virtude do envolvimento de cada um junto à trajetória educacional dos surdos na literatura naquela escola de Erechim, bem como de seu envolvimento e sua participação na cultura e identidade surda.

Escolhi utilizar outros nomes para identificar os sujeitos da pesquisa, nomes relativos às histórias infantis e demais clássicos mencionados nesse trabalho. Os sujeitos são identificados com iniciais de personagens de literatura infantil, partindo do perfil de cada um para justificar a escolha dos nomes. Desse modo, nas narrativas que serão apresentadas a seguir não são colocadas os respectivos nomes, mas sim as iniciais dos nomes que tem relação com os personagens de livros das histórias infantis mencionadas nesta pesquisa:

R: Romântica, brincalhona, divertida, brava e simpática e muito inteligente, esperta, corajosa.

P: Ele sempre está feliz e fazendo brincadeiras; simpático e esperto. Um pouco nervoso.

T: Sempre tímido, não fala muito. É inteligente e simpático.

C: É esperta e simpática, muito inteligente e corajosa.

Os sujeitos entrevistados assinaram a declaração de consentimento livre esclarecido, confirmando que estavam cientes de que eu não seriam utilizados seus verdadeiros nomes no registro da pesquisa e que ao invés disso seriam utilizadas apenas letras fictícias. Ainda, é preciso citar aqui que já se passaram 10 anos desde o fato em questão e os sujeitos já não são crianças, mas sim adolescentes.

3.6. Coletando narrativas

Para iniciar a coleta de narrativas convidei o grupo todo. Porém devido a compromissos destes decidi coletar por duplas as narrativas dos sujeitos da pesquisa.

De início convidei *R* e *P* para ir até minha casa a fim de que eu pudesse realizar o trabalho de coleta de narrativa em língua de sinais e gravar por meio de filmagem. Convidei-os a ir comigo na sala da casa de minha mamãe. Lá tomamos chimarrão e comemos bolo, para depois fazermos as filmagens das narrativas em língua de sinais.

Os surdos se recordaram de seu passado, há cerca de 10 anos atrás, quando fizeram parte das atividades relacionadas à história da cigarra e da formiga, por meio de contação de história, bem como pelo uso de *SignWriting*, de desenho, das narrativas e do teatro. As narrativas estavam muito boas e com isso foi possível observar que houve intercorrências da cultura e identidade.

Na outra ocasião nosso encontro foi na casa da *C. T* nos encontrou lá. Conversamos muito. Tomamos chimarrão e depois fizemos a filmagem para coletar as narrativas em língua de sinais. A entrevista foi muito importante e significativa.

Nessas narrativas, os surdos se recordaram das histórias e do teatro em língua de sinais. No final das narrativas houve a conversa sobre a importância de histórias, onde os surdos opinaram e se posicionaram sobre suas impressões em uma discussão sobre os livros de histórias infantis, a fim de ampliar as traduções e também possibilitar mais conhecimentos adquiridos, bem como ampliar as informações obtidas a partir de interação com histórias filmadas e registrada em língua de sinais.

As intercorrências foram observadas a partir do conhecimento deles a respeito da cultura e identidade surda, produzido em língua de sinais.

Eu traduzi as filmagens realizadas, sendo que para melhorar a escrita do português providenciei outro processo de tradução, para a língua portuguesa.

As narrativas encontram-se gravadas e devidamente arquivadas e em meu texto são citadas de acordo com o arquivo criado em 2014, com referência à página deste arquivo. E de acordo com a narrativa utilizada, eu uso a inicial do sujeito pesquisado e uso o ano e a página do arquivo, como por exemplo, “R. (2014, p.3 e 4)”.

3.7. Identificação das Narrativas

A identificação e o reconhecimento das narrativas captadas é a chave para o mapeamento. De acordo com Biembengut (2000) a identificação das narrativas consiste em identificar cada tema a que o indivíduo da pesquisa refere. Dessa forma, classificam-se blocos de narrativas por temas. Assim, identificados vários temas a eles são agregadas as narrativas, ou seja, os temas levantados. Identificadas as narrativas, estas oferecem condições que permitem elaborar um sistema de explicação ou de interpretação. Dai, se estabelece o tema a ser investigado em questões como as que ficaram salientes. Na figura 7 para mostrar como são alimentados os diferentes temas salientes da pesquisa.

Para se fazer a identificação de temas precisa-se conhecer cada sujeito da pesquisa e ter uma ideia sobre o que poderia ser aproveitado de sua narrativa para cada temática. Dessa forma algumas narrativas não são aproveitadas e são rejeitadas devido a não se encaixarem nas temáticas pretendidas. Vamos ao quadro de mapeamento das narrativas das indivíduos da pesquisa.

3.8. Mapeamento das Narrativas dos Estudantes

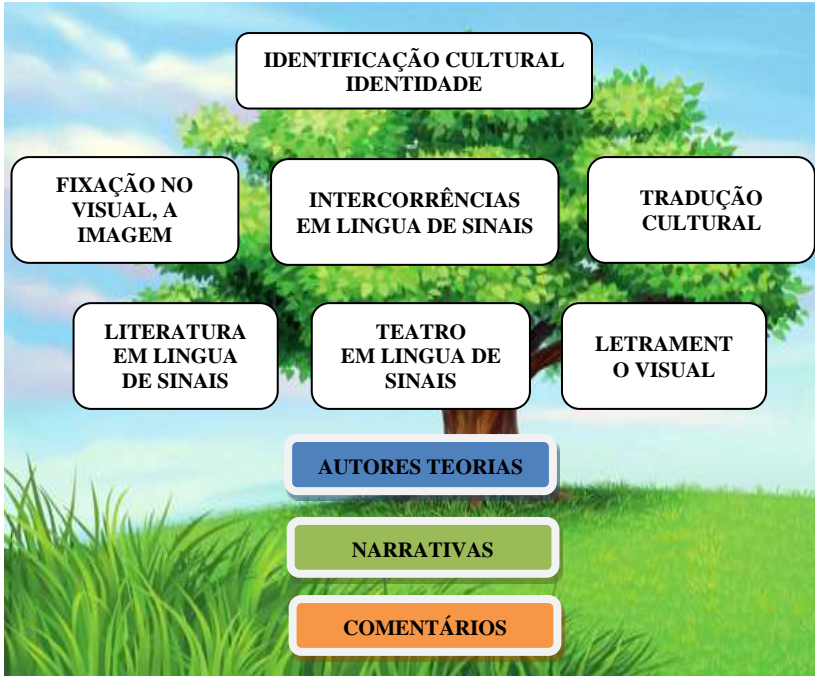


Figura 9: Mapeamento com o *corpus* de pesquisa.

Fonte: mapeamento de criação pessoal. Disponível em:

<<http://pt.hereisfree.com/materials/download/3764.html>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

Biembengut (2000) nos insere na forma de fazer mapeamento:

O mapeamento faz-se presente desde coisas simples do cotidiano a complexas das mais diversas áreas do conhecimento. No cotidiano, por exemplo, fazemos mapeamento ao esboçar para alguém um caminho para se chegar a determinado lugar, constando distancias, referencias, tempos: ou ainda, ao relatar nossas historias, nossas experiências, nossos tempos de vida significado, resgatando os caminhos trilhados por nossos familiares, encontros e desencontros, cruzando tempos escolares, tempo de trabalho como pessoas, fatos e historias. (BIEMBENGUT, 2000 p. 02).

Percebo que o princípio metodológico de mapeamento pode ajudar o desenvolvimento da pesquisa. Com o uso do mapeamento das narrativas já identificadas se agiliza em fazer a organização e representação de seu contexto.

Biembengut (2000) prossegue:

Embora a palavra mapeamento signifique ato ou efeito de delinear espaço geográfico, ou transferir, classificar e ordenar dados na base de sua distribuição espacial, de forma estática, como princípio metodológico de pesquisa, significa principalmente, a compreensão da estrutura e dos entes nela inseridos, a organização e a representação ou mapa dos dados em um contexto, de forma dinâmica. (BIEMBENGUT, 2000, p. 02).

O importante do conhecimento do mapeamento é fazermos caminho com os diversos temas identificados. Através do mapeamento dos processos, é possível identificar os principais caminhos nos processos organizacionais, sejam os de apoio, de forma a solucioná-los pelos meios mais seguros e eficientes, prezando sempre pela qualidade final do produto pela organização.

Para fazer o mapeamento, minha percepção, a partir da identificação das narrativas e da compreensão dos sujeitos, apontava para o que possui relevância, para desta forma fosse possível organizar os dados de acordo com as exigências da pesquisa.

Biembengut (2000) prossegue:

O catalogo das questões gerais a serem investigadas pode ser expresso na forma de relaciono, rol, descrição pormenorizada, ou na forma de mapa (desenho, fluxograma, esquemas). O catalogo ou mapa bem produzido apenas facilita a identificação das questões que pretende abordar como torna, relativamente fácil de interpretar, a posição, a forma e a dimensão em que estão inseridos os dados, bem como possíveis conexões entre eles. (BIEMBENGUT, 2000, p. 02).

O mapeamento será organizado através do estabelecimento de uma estrutura, ou seja, do conjunto dos temas. Cada tema pode ser

entendido como um espaço do mapeamento. Assim, cada tema vai receber a teoria correspondente, a narrativa e os comentários ou reflexões e conclusões do pesquisador. Dessa forma o mapa pode ser caracterizado como constante da relevância da pesquisa.

3.9. Transcrição para o texto

No mapeamento há a identificação dos espaços, sendo preciso levar em consideração pontos relevantes ou significativos que valham como guia para compreender os elementos pesquisados. Ao identificar o espaço, fica determinado como coletar a teoria, colocar as narrativas e as reflexões.

Uma primeira exploração teórica ou uma espécie de inventário teórico pode permitir ilustrar o espaço a ser feito. Segue a isto acrescentar as narrativas e os comentários. A temática da pesquisa se desenrola com o mapeamento referente ao que acontece por posição ao que foi desejado, preparado ou previsto; ou ainda, algo ligado à singularidade dos traços visados.

O aparato destes elementos me ajudou a perceber o objeto investigado e ajudou a resgatá-lo, assim como fala Buges,

Não basta que deles tornemos consciência tais objetos não preexistem em si mesmos é necessários para que eles, “sujem”, que sejam inventados, engendrados, a partir de um complexo feixe de relações. (BUGES, 2002, p.23).

Na escrita feita no espaço, busca-se introduzir a teoria, a narrativa e a reflexão. Dai surge o texto. A partir daí o espaço do tema vai conter as citações de autores e as narrativas e comentários para gerar a informação precisa. Saliento que a forma de citação das narrativas, já descrita na página 72, se utiliza dos referenciais expressos.

Numa perspectiva de interação destes elementos transcrevi os textos do capítulo 3, sendo que cada elemento foi usado de forma a desenvolver o tema do mapeamento. Assim, consegui mostrar os significados captados e enfatizar o objeto de pesquisa. Espero com estas reflexões estruturadas a partir dos elementos, colocar luz sobre a reflexão com perspectivas convincentes.

4. INTERCORRÊNCIAS DO CONTATO COM A LITERATURA

Atualmente, os surdos que antes eram crianças, hoje adolescentes e mais maduros, trazem novamente a narrativa sobre o livro infantil “*A Cigarra e a Formiga*”. Nesse capítulo apresento as narrativas e as intercorrências percebidas em relação à cultura surda e à identidade. As narrativas que eles expõem contêm expressivo número de intercorrências, uma vez que os sujeitos da pesquisa lembram em suas narrativas como a literatura lhes foi importante.

A ação da pesquisa finalmente está por ser mapeada neste capítulo. Toda a trajetória pela teoria já esta percorrida, a metodologia da pesquisa delineada e no presente capítulo esta por vir uma reflexão final a partir das narrativas coletadas.

As intercorrências da literatura infantil na identidade e na cultura surda possibilitaram uma serie de temáticas que ficaram expostas no referencial teórico e na tomada de reflexão. Estes temas provindos da identificação das narrativas captadas na pesquisa serão foco de tensão entre a teoria e a reflexão. Os temas já nomeados e que fazem parte no gráfico da arvore cuja gravura encontra-se no capítulo anterior (Figura 09, na página 71), como sejam: a Identificação Cultural e Identidade; a Tradução Intersemiótica; as Intercorrências em língua de sinais; a Tradução Cultural; a Literatura em língua de sinais; o Teatro em língua de sinais e o Letramento Visual. Todos estes serão desenvolvidos a seguir. Minha reflexão pretende entender, pelo mapeamento, cada espaço temático e a partir dai dar asas ao pensamento.

4.1. Identificação Cultural e Identidade

Falando sobre a identidade surda, as autoras Perlin e Reis (2005, p. 17) assim expressam: “quanto a nós, pesquisadoras, também nos sentimos sujeitos surdos, nos sentimos sujeitos militantes surdos, sentimos resistência, também participamos da experiência, também nos descrevemos como sujeitos culturais”.

E ainda, segundo Perlin,

Ao focalizar a representação da surda em estudos culturais, tenho de me afastar do conceito de corpo danificado para chegar a uma representação da alteridade cultural que simplesmente vai explicar identidade surda. O conceito de corpo

danificado remete a questões de necessidade de normalização, o que significa trabalhar o sujeito surdo do ponto de vista do sujeito normal ouvinte. (PERLIN, 2005, p. 17).

Minha entrevistada surda, R, inicia sua narrativa também citando seu desconhecimento e posterior encontro com a identidade surda:

Quando eu tinha 10 anos de idade, não conhecia nada sobre identidade surda. Com o passar dos anos, eu compreendi o que é ter identidade surda e também a identidade de cidadão de cada um dos surdos. No teatro eram apresentados temas. Eu trabalhava com expressões faciais, como atriz e fico admirada com as identidades surdas, com a aprendizagem visual dos surdos dos elementos que envolvem a cultura surda. (R. 2014, p. 2)¹⁸

Ao mesmo tempo, em Erechim, não havia informação sobre a cultura surda em língua de sinais, porque não se conhecia a língua de sinais. A partir do momento em que passei a atuar na educação municipal, com minha presença como a professora surda na escola que ensina em língua de sinais, os surdos passaram a aprender a conhecer a própria língua de sinais. Nesta época foi muito importante para aqueles sujeitos surdos, possibilitando-os conhecer a própria cultura e identidade surda. Os surdos de Erechim instintivamente passaram a buscar junto a professora surda, formas de encontrar-se com a identidade surda e a cultura, formas de muito valor para eles para se identificarem ao povo surdo. O surdo que reconhece sua própria cultura e identidade informa à comunidade, à associação e à escola. O livro “*A cigarra surda e as formigas*” surgiu destas narrativas e hoje apoia a literatura surda. Também o teatro em língua de sinais possibilitou acesso a identidade dessa cultura.

Segundo Morais,

A narrativa parte das mãos dos contadores de historias e atraem a atenção de seu publico. O

¹⁸ As narrativas de meus entrevistados, como já descrevi na metodologia, estarão assim referenciadas ao longo do capítulo, desse forma.

desempenho é sedutor; as mãos, a expressão corporal e facial, encantadoras. Não se concebe em sua atuação a destituição da teatralidade, da improvisação, da espontaneidade e do carisma. (MORAIS, 2012, p. 38).

A identificação parte da percepção da narradora sobre seus iguais. A criança vai concebendo e compreendendo que a professora narradora da história é surda e, desta forma, também vai se apropriando pela intuição e subjetividade do próprio ser surdo. Nota-se, então, que

As explicações são importantes, mais ainda quando tem o uso de recursos visuais durante as narrativas da literatura infantil para os surdos. Os surdos gostam de histórias e o livro também é uma maneira de organizar a narração. O dia 26 de setembro é um dia muito especial para os surdos. Um momento em que há o encontro entre surdos e ouvinte, onde familiares e amigos conhecem mais a respeito da cultura surda e dos movimentos surdos. Onde os sujeitos surdos mostram o que é ser surdo e sobre a própria identidade. A literatura traz elementos da cultura surda para os surdos e para os ouvintes. (R. 2014, p. 3).

A história sobre *A cigarra e a formiga*, traduzida em língua de sinais, em cultura e em semiótica é próprio da identidade cultural, demonstrando que é possível perceber e reconhecer o povo surdo pela sociedade. O povo surdo tem uma história longa, possui muitas tradições e histórias nas organizações das comunidades surdas, que podem surgir em contextos de educação bilíngue, nas famílias de surdos, nas associações de surdos e em vários outros espaços de interação social. O aluno surdo, imerso nestes contextos, desperta interesse por tudo o que se desenvolve em língua de sinais e também pela possibilidade de apresentação de teatro em língua de sinais. Daí a importância do livro que agrupa e identifica os surdos, possibilitando que estes se identifiquem.

A pesquisadora surda Gládis Perlin identifica esta necessidade de contato surdo-surdo:

Os surdos vivem muito tempo sem terem a possibilidade de se mostrarem de exporem sua língua e cultura. Não possuíam direitos como sujeitos de uma sociedade. *Por isso, ser surdo é uma identidade que se aprende em grupo e só pode ser aprendida nos grupos dos surdos.* (PERLIN, 1998, p. 34)

Por exemplo: quando uma família tem dois filhos surdos eles desenvolvem facilmente a língua de sinais, a cultura e a identidade. Muito melhor se dá a aquisição da cultura e da identidade surda na família cujos pais e irmãos são surdos. Oliveira (2015), ouvinte cujos pais são surdos, afirma que

“No contato com o outro, aprendemos sobre o outro, sobre seu mundo e construímos o nosso mundo, o nosso olhar. Eu e meus irmãos crescemos na e com a diferença buscando entender o olhar do outro. Um olhar que nos julgava que nos colocava em posições que não entendíamos. Tínhamos nossos pais como referencia. Não víamos neles pessoas incapazes, diferentes, víamos nossos pais. A escola, a sociedade nos mostrou a diferença. Crescer no meio de pessoas surdas nos faz diferente de outras pessoas?” (OLIVEIRA, 2015, p.31)

Oliveira continua e ressalta que

[...] o jeito surdo de ser e mundo fez parte da constituição do meu ser ouvinte. Sempre percebia e percebo o mundo também com os olhos. Meus pais me ensinaram que ser surdo era natural. Crescemos em meio a festas e encontros de surdos. (OLIVEIRA, 2015, p.31)

Uma de minhas pesquisadas apresentou a seguinte narrativa:

Desde os nove meses eu tive contato com a língua de sinais porque tenho um irmão surdo. Em

contato com o grupo de ouvintes, eu já havia aprendido a língua de sinais, foi possível perceber a diferença entre as culturas surdas e ouvintes. A cultura surda traz a língua de sinais como uma forma de estimular os surdos com a aquisição da língua, com o teatro, com as piadas e o envolvimento com todas as pessoas da Comunidade Surda. (C.2014, p. 8).

A criança surda necessita adquirir, como língua materna, a língua de sinais. Esta aquisição deve ocorrer, preferencialmente, através do contato e da interação social da criança surda como outros surdos mais velhos, que dominem a língua de sinais.

A identidade surda se aprende no grupo surdo, pois o intercâmbio é muito importante no povo surdo, sendo este também um fundamental momento de trocas. Os conhecimentos, atitudes, interesses, cultura e língua são desenvolvidos e vividos no povo surdo. De fato, é no povo surdo que começa a se desenvolver identidades surdas. Estabelecem, então, contatos entre si, através deste contar de histórias em língua de sinais, fazem troca de diferentes representações sobre as identidades surdas.

4.2. Fixação no visual, a imagem

A criança surda se fixa no visual. A imagem a atrai. O sujeito surdo se fixa no visual. Ao observar uma dada situação, por exemplo, a criança surda diz “olha como o passarinho é lindo” ao invés de dizer “escuta o lindo canto do passarinho”. Santaella fala de um campo delicado e aberto, um território específica.

Quando alguma coisa se apresenta em estado nascente, ela costuma ser frágil e delicada, campo aberto a muitas possibilidades ainda não inteiramente consumadas e consumidas. Esse é justamente o caso da Semiótica: algo nascendo e em processo de crescimento. Esse algo é uma ciência, um território do saber e do conhecimento ainda não sedimentado, indagações e investigações em progresso. (SANTAELLA, 1994, pg.1).

Fixar-se no visual é algo importante não somente para o surdo, mas também ao ouvinte. De acordo com Santaella (1994, p.13), signos ou significações da estética e do sensível, a diferença ajuda a entendermos como conseguimos interpretar imagens com narrativas, interpretar literatura ou até mesmo como se comunicar com pessoas através de sinais.

Em um dos trechos da narrativa de R, apresenta-se o seguinte:

Porque a tradução dos clássicos para a literatura surda contribui para a educação das crianças surdas; apresenta elementos culturais que não são da cultura ouvinte. Para os ouvintes, os livros e as histórias contadas também têm importância. (R. 2014, p.2)

O livro que é próprio para o ouvinte e muitas vezes o surdo não consegue entender, por isso é necessário fazer tradução do livro para uma ideia que ressalte o visual, onde a criança surda possa se identificar culturalmente. A tradução em língua de sinais é própria da cultura e identidade surda, e a ela acompanham desenhos diferenciados, cenas de teatro, etc., de forma que a criança possa absorver com narrativa visual. A criança aprende a ler com os olhos, com a língua de sinais a história infantil torna-se para o surdos muito mais importante e adquire conhecimentos diferentes.

Como a semiótica significa signo, no caso do surdo significa signos visuais. A linguagem não-verbal, neste caso visual, faz com que a comunicação aconteça através de cores, fotos, gestos, movimentos, gráficos, entre outros, sendo que o uso da língua de sinais é apenas uma dessas formas de produzir sentido e significação.

A narradora P já entende sobre as questões necessárias que envolvam semiótica surda, conforme pode-se perceber neste trecho de sua narrativa:

Porque a tradução cultural da personagem Cigarra cantora e Cigarra surda mostraram que enquanto a cigarra da história dos ouvintes canta para se distrair, a Cigarra surda apresentara a língua brasileira de sinais e a identidade surda. (P.2014, p.5)

As histórias desenvolvidas no período em que atuei com os alunos surdos em Erechim costumava ser mostrada através de imagens

dispostas no quadro. Eu utilizava estas imagens, mas as histórias eram contadas em língua de sinais. As imagens que embasavam minhas contações de história podiam ser as do próprio livro, mas também poderiam ser de outra natureza: desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, etc. É possível perceber o prazer dos surdos no uso da língua de sinais, no estímulo à leitura de imagens e na leitura de vocábulos sinalizados, na identificação dos elementos comunicativos presentes nas expressões faciais e corporais.

Segundo Alves e Karnopp

O surdo como contador de histórias apresentamos algumas das práticas e processos que surdos utilizam para contar e recontar histórias. Destacamos que, no ato de recontar histórias para crianças surdas, os contadores surdos transformam um texto tradicionalmente voltado para uma cultura ouvinte em uma história com elementos da cultura surda. (ALVES E KARNOPP, 2002, p.72).

A semiótica mais uma vez esta presente na narrativa de C.

Porque a tradução desse clássico para a Língua Brasileira de Sinais é uma forma de mostrar o direito dos surdos; ter o aprendizado na língua de sinais direto. Também, porque a leitura do texto em português é difícil e a adaptação para a língua de sinais faz os surdos terem mais interesse em aprender a língua de sinais e assim o aprendizado é mais rápido. (C. 2014, p.9)

Na sala de aula, os surdos leem em língua de sinais quando observam no quadro a escrita de sinais. Os surdos aprendem em língua de sinais visualizando a imagem da escrita e escrevem em língua de sinais. Quando criamos o livro na escrita em língua de sinais meus alunos vivenciaram na prática a importância da escrita de sinais.

4.3. Intercorrências em Língua de Sinais

A presença da narração de histórias e seu registro em língua de sinais escrita, se ocorre como bem enfatiza R. com sua narrativa sobre a escrita da língua de sinais:

Uma forma de escrita que cresce no povo surdo é o SignWriting. Tem especificidades e dificuldades para aprender, porém, seu aprendizado tem importância. O aprendizado da língua portuguesa enquanto segunda língua para as pessoas surdas é considerada importante, porém, enquanto a primeira língua, a língua brasileira de sinais é que deve ser aprendida, pois é uma língua que flui para nós surdos, tem sentido e faz parte da nossa cultura, diferente da língua portuguesa. A construção das frases e os tempos verbais na língua portuguesa é muito difícil. Sempre amei participar de teatro e tive um bom aprendizado nesse sentido. Sou surda de identidade surda, tenho uma vida independente, viajo, estudo, trabalho e me considero uma pessoa responsável. Na literatura infantil, é possível apresentar as questões a respeito das identidades surdas, nesse caso, a história da Cigarra e a Formiga, eu era mais jovem e gostava muito de fazer teatro, foi um momento de lembrar que a partir dessa história, foi possível apresentar quem eu sou, expressando como eu me sinto por meio dessa história. Sou uma boa atriz e sou uma surda maravilhosa. (R.2014, p. 3)

Na escola, com o ensino da escrita de sinais para crianças surdas a intercorrência acontece na primeira aula de *SignWriting*. Depois de algumas tentativas as crianças surdas aprendem rapidamente os sinais de *SignWriting*. No começo de minha experiência com o uso do *SignWriting*, esta escrita passou a ser utilizada no ensino para as crianças surdas. Os alunos demonstraram ter facilidade de perceber a palavra em *SignWriting*. Em Língua de Sinais e em situações práticas em todas as atividades me voltava a explicar para os alunos surdos o que significa o *SignWriting*, escrevendo a palavra usando os signos correspondentes. Pude constatar que em pouco tempo após os primeiros contatos com esta escrita, os alunos surdos já conheciam e usavam os sinais de *SignWriting*, demonstrando que passaram a entender o *SignWriting*. A maioria dos alunos apresentou curiosidade e também facilidade no uso em *SignWriting*, querem aprender cada vez mais, mas também havia alguns poucos que se mostravam resistentes e não queriam porque para alguns surdos pode ser mais difícil entender a

estrutura da língua de sinais escrita. Neste sentido, constatei que é preciso fazer no quadro o desenho do *SignWriting* e explicar o símbolo, relacionando-o com a configuração da mão e a criança, especialmente quando se utiliza de sua própria mão, vai entendendo seu contexto de uso e tal fato contribui para promover a plena compreensão do que se está desejando comunicar. Não foi tão rápido e fácil, porque o tempo passa e a troca de horários das aulas deixava o tempo ainda mais curto, limitando mais evolução dos alunos nesta área.

Tem-se a consciência que este trabalho desenvolvido com a escrita de sinais é muito importante dentro de uma metodologia que significa tanto para as pessoas surdas. Aprender da escrita de sinais para trabalhar novas experiências e conhecer a informação em *SignWriting*. A criança é estimulada a escrever na busca por representar pela escrita a língua pela qual se expressa. Ela tenta desenhar os sinais. O importante é compreender que a escrita de sinais concorre para o desenvolvimento e construção da Língua própria das crianças surdas.

Outro aspecto que sinto desejo de ressaltar diz respeito a interação entre professor e aluno no desenvolvimento das ações voltadas a aprendizagem, onde os alunos interagem com o professor construindo uma troca de conhecimentos. Os meus alunos de fato gostaram de utilizar *SignWriting*, e com ela produziram histórias, frases, enfim, conseguiram expressar suas idéias, lembrando também que . O fato é que poucos deles não entenderam rapidamente o método, mas continuam tentando e para adquirir vai levar mais tempo e necessidade de contato com a escrita de sinais.

A escrita de sinais concorre para o letramento, como também para o registro de pensamento. E Segundo Giordani,

Os letramentos entendidos como fenômenos culturais compreendem um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita e as exigências sociais do uso da língua escrita. Além disso, do ponto de vista sociológico, em qualquer sociedade, são várias e diversas as atividades de letramento em contextos sócios diferenciados, atividades que assim determinados papeis na vida de cada grupo e de cada indivíduo. Letramento não necessita ser associado com escolarização ou pedagogia. É no contexto social que se dá sentido às práticas de leitura e escrita de uma determinada comunidade ou grupo social. (GIORDANI, 2005, p. 93 e 94).

Este aspecto reforça aquilo que entendemos de que a escrita de sinais assume importante papel no momento de letramento para a criança surda. Na prática do letramento, a leitura com escrita de sinais também concorre para a posterior rapidez no aprendizado da leitura do português. Nas vivências apresentadas nesta Dissertação, pude identificar que a leitura em *SignWriting* possibilitou que as crianças que de fato internalizassem as informações de maneira mais completa, posteriormente demonstrando sua compreensão através da apresentação teatral, onde foi possível observar claramente que aquilo que reproduziam na peça estava de acordo com o que leram em escrita de sinais. As crianças em contato com a escrita de sinais conseguiram entender melhor a história, o que não acontecia no contato apenas com livros de literatura escritos em língua portuguesa.

Novamente R enfatiza este aprendizado com sua narrativa:

A literatura surda tem interferência na vida e aprendizagem das pessoas surdas, principalmente para a leitura e a escrita. A tradução em língua de sinais ajuda nesse aprendizado. Também, a participação em palestras com temas sobre Cultura Surda. A participação como atriz em atividades teatrais demonstrando o quanto as histórias infantis contribuíram para a leitura e o aprendizado da língua de sinais. O teatro sempre fez parte da minha vida, me ajudando na aprendizagem, na construção da identidade surda e deixando minha vida muito mais feliz. (R. 2014, p.3)

O ler e traduzir em língua de sinais é um exercício muito importante. Neste sentido, muitas vezes desenvolvia atividades com os alunos surdos, que observavam no quadro as imagens, juntamente com a escrita em português, traduzindo o que viam em seguida para a língua de sinais. Este exercício ajudava os alunos, utilizando sua própria língua, tanto em sala de aula, quanto posteriormente através das apresentações da peça de teatro em língua de sinais. O escrever e ler em língua de sinais, para o surdo, é o caminho natural em todo este contexto. A criança, no momento que é estimulada na escrita, busca representar por ela a língua pela qual se expressa. O código *SignWriting* deve ser naturalmente introduzido nos contextos de aprendizado escolar de crianças surdas, tal como ocorre com o alfabeto da língua portuguesa.

Assim, ocorre uma alfabetização paralela no aprendizado das duas línguas. Esta realidade pode e deve ser estimulada desde a Educação Infantil, quando as crianças surdas já devem ser motivadas a desenvolver as atividades que envolvem o uso do *SignWriting*, adquirindo conhecimentos básicos desta escrita, facilitando sua capacidade de perceber a escrita de sinais e com ela registrar os sinais com os quais se comunica.

De acordo com a autora Strobel, cabe destacar, que a literatura

[...] traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais. (STROBEL, 2009, p.61)

Alguns outros autores, como Karnopp e Silveira (2014); Sutton-Spence (2013)

abordam três formas de produção de literatura sobre surdos e/ou literatura em língua de sinais: a) literatura escrita sobre surdos dentro do cânone de literatura escrita; b) literatura escrita por surdos com alguns deles culturalmente surdos; c) literatura em línguas de sinais quase sempre produzidos por surdo. (KARNOPP E SILVEIRA, 2014, p. 99).

Considerando as contribuições relevantes destas autoras que, é possível afirmar que a literatura surda se apresenta como sendo muito visual ou com linguagem atrativa através de imagens. É inegável a existência de uma literatura surda, com manifestações culturais dos surdos, marcadas pela experiência visual, pela imagem e pelo modo como a língua de sinais é produzida em relação aos signos e significados construídos.

As narrativas de C já apontam para estas diferenças quando fala das experiências diferentes com os surdos:

Quando era criança, via quantas informações a língua de sinais apresentava. Observava as expressões de adultos surdos que eu acompanhava e achava muito bom. As histórias

de vidas contadas por meio de narrativas eu ficava observando. Minha família me contava muitas histórias e eu ficava sempre querendo ver mais histórias. (C.2014, p. 10)

As relações cognitivas são importantes para o desenvolvimento e estão relacionadas a capacidade da criança em organizar suas ideias e pensamento através de uma língua na interação com os demais colegas e adultos, que discutem e pensam sobre o mundo no processo de aquisição da leitura em sinais e da leitura e escrita de sinais, configurando-se enquanto três momentos distintos de alternativas do aluno.

A criança surda necessita adquirir a língua de sinais e, neste contexto, a literatura surda ganha destaque. Esta aquisição deve ocorrer, preferencialmente, através do contato com o outro igual e da interação social da criança surda como outros surdos mais velhos, que dominem a língua de sinais, o que pode ser fortemente complementado através da literatura surda.

As intercorrências são percebidas e ocorrem quando os sujeitos surdos, antes crianças, passam a conhecer a língua de sinais e a literatura surda, as reconhecendo em sua própria cultura e identidade como um fator muito importante. Essa percepção e este conhecimento partem das conversas e discussões sobre o livro em questão, o que faz com que estes surdos desenvolvam o conhecimento sobre a cultura surda de uma forma natural.

4.4. Tradução Cultural

Como percebemos em Bhabha, a tradução cultural introduz e separa o que compete a cada cultura. Segundo o autor,

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do contínuo de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” tona-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 2005, p. 27)

R esta mostrando a realidade desta tradução com já presentes elementos culturais:

Porque a tradução da literatura infantil para a educação das crianças surdas faz com que os surdos aprendam as histórias por meio da língua de sinais. (R.2014, p. 2.)

A tradução cultural do clássico infantil “*A Cigarra e a Formiga*” introduz na narrativa surda o contar histórias em língua de sinais. Os alunos surdos aprendem a ler com mais eficiência um livro quando este é expresso em língua de sinais e conseguem entender a história, além de captar aspectos culturais. É muito interessante observar o quanto os alunos surdos expressam emoção e demonstram nostalgia em perceber a literatura surda e isto se torna muito importante para seu desenvolvimento integral.

A interação ocorrida em sala de aula, especialmente através do uso de um livro que apresenta sua narrativa em língua de sinais, proporciona que o professor e o aluno surdos se envolvam com o saber, ajudando ainda a apontar o papel de cada um em sala de aula. Neste sentido, é muito comum observar que o professor surdo, na escola dos surdos, se sente responsável pelo ensino dos conteúdos e realiza a mediação do conhecimento para seus alunos, uma vez que recorrentemente traduz os conteúdos escolares para a língua de sinais e para a cultura surda.

Na tradução cultural, o livro assume a narrativa em língua de sinais, necessariamente feita com os surdos. Realmente a tradução em suas diferentes formas é eficiente porque diverte e estimula o desenvolvimento dos alunos na escola dos surdos. Através da tradução cultural, presente no livro abordado na presente Dissertação, os alunos surdos puderam perceber a ordem narrativa da tradução em língua de sinais. Lembro do quanto esta atividade se desenvolveu de forma divertida e interessante, servindo como o melhor apoio para novos aprendizados. Assim, concordo com Karnopp e Silveira (2014), que citando Muller (2012) explicam que

[...] por traduzir o universo ficcional, linguístico e cultural de surdos, é no campo da literatura surda e da literatura em línguas de sinais que membros das comunidades surdas produzem e exercitam o

humor, o prazer estético e a tradução cultural, oportunizando a circulação e o consumo da cultura surda. Assim é possível (re) constituir heranças histórico-culturais das comunidades, testemunhando as práticas cotidianas e as ações da comunidade surda através de romances, fábulas, lendas, contos, poemas, piadas, crônicas, mitos, trova e de outras produção (KARNOPP E SILVEIRA, 2014, p. 97)

A tradução cultural na comunidade surda sempre esta presente. Nos momentos de convívio entre surdos, ou seja, encontros da comunidade surda, sempre existem produções de piadas, de historias, de contos e estes sempre são colocados como sendo surgidos na cultura surda, como uma nova história, não importando se a mesma já existe em outras culturas. O fato é que se tornam invencionais, com símbolos e significados surdos.

A afirmação de *T* é de que esta tradução cultural, especialmente importante, presente e diferenciada, é percebida pelos surdos:

A importância da tradução cultural dos livros impressos na Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais é que para os surdos os livros impressos utilizados pelas pessoas ouvintes não transmitem nenhum tipo de emoção. Quando a tradução é para a língua de sinais, a “leitura” é muito mais interessante e com as emoções linguísticas que fazem parte da cultura surda. (T.2014, p.7).

O livro impresso na língua portuguesa é próprio da cultura ouvinte. O livro impresso em língua de sinais é mais apropriado para a cultura surda. Essa compreensão é muito importante, entendendo que através de um livro escrito em sinais os surdos conseguem acessar de maneira mais aprofundada todas as informações apresentadas, partindo de uma forma de comunicação visual que desperta o interesse pela leitura. Neste sentido, Anater considera que

Ao falarmos das relações entre surdos e ouvintes, em situações de interação e de necessidade comunicativa, em que a língua daquelas e o conhecimento acerca de seus elementos culturais são necessários para a compreensão, devemos

pensar em articulação das linguagens. Torna-se importante, também, nossa aproximação das questões relacionadas às identidades que constituem os sujeitos em contato, conseqüentemente, às culturas envolvidas nessa relação, de forma a nos voltarmos às línguas em cena, uma vez que estamos falando de surdos (a Língua de Sinais) e de ouvintes (usuários de língua oral), ambos brasileiros. (ANATER, 2008, p.128)

Estes aspectos diferenciam-se pela tradução cultural, como é evidenciado na narrativa que segue:

Porque a tradução cultural da personagem Cigarra cantora e Cigarra surda mostrara que enquanto a cigarra da história dos ouvintes canta para se distrair, a Cigarra surda apresentará a língua brasileira de sinais e as questões sobre identidades surdas. (P. 2014, p.5).

Os conteúdos a serem desenvolvidos em aula, em virtude da prática de tradução cultural, apresentam-se de maneira mais aprofundada e ajudam os surdos a se inteirar e produzir intercorrências culturais e indenitárias, de acordo com signos e significados presentes. Neste sentido, acredito ser possível afirmar que, em grande parte, as dificuldades em perceber e compreender os signos culturais e indenitários presentes nos textos escritos em Língua Portuguesa passa a ser vencida. Cabe ressaltar que quanto mais elaborado, organizado e exigente for o texto em Língua Portuguesa, mais ainda se torna fundamental a realização da tradução cultural, propiciando que o surdo tenha um nível de compreensão adequado, em sua língua.

Quando tratamos da apropriação de informações mais específicas, pelos leitores ouvintes, é comum que as pessoas afirmem ser necessário a realização da leitura várias vezes, para entender com mais aprofundamento o conteúdo que se apresenta na forma escrita, percebendo a presença dos significados culturais, linguísticos e identitários. Quando esta mesma situação se aplica aos surdos, é possível perceber que mais facilmente é possível entender o que se quer comunicar através da tradução cultural. A pessoa ouvinte escuta, fala, lê, escreve e pensa baseada na língua oral, de acordo com a própria da cultura ouvinte. Já a pessoa surda usa os aspectos visuais, os

próprios sinais, a leitura visual, a escrita dos sinais, as imagens, o pensamento viso-espacial, elementos próprios da cultura surda. Estes aspectos foram fundamentais na construção da história traduzida de “A Cigarra e a Formiga”, que se transformou no livro, considerando na tradução cultural as características da cultura surda, como no caso da personagem principal que passa a ser a cigarra surda, mostrando a língua de sinais e apresentando o cenário de forma visual.

4.5. Literatura em Língua de Sinais

Para Karnopp

Pesquisas que objetivam registrar, escrever, filmar e divulgar a produção literária de surdos encontram, em geral, os seguintes dilemas: as dificuldades da tradução ou talvez o desconhecimento da língua de sinais e das situações cotidianas dos narradores, do significado de suas lutas, de sua língua, dos costumes, da experiência visual e das situações bilíngues. (KARNOPP, 2006, p.102)

Ainda conforme a autora:

É possível, no entanto, encontrar formas de escrever e apresentar as histórias que traduzam a modalidade visual que os surdos utilizam para narrar suas histórias de vida, piadas, mitos, lendas..., sem perder o movimento que as mãos produzem as expressões corporais e faciais que vão construindo e desvendando o enredo, as personagens, o cenário. Para isso, acreditamos que é necessário produzir material bilíngue (língua de sinais e língua portuguesa), coletar histórias contadas por surdos e garantir a participação de surdos e intérpretes no processo de tradução de histórias sinalizadas. Interessa-nos, portanto, na análise de materiais que estamos produzindo e analisando, fazer um registro do mundo surdo – de suas diferenças linguísticas e culturais – e trazer à tona o cotidiano, as lutas, e as

reivindicações linguísticas, sociais e educacionais dessa comunidade. (KARNOPP, 2006).

Pensando nesta perspectiva, a educação bilíngue precisa de material que contenha a literatura em língua de sinais, para levar o aluno surdo a se sentir contemplado em sua própria cultura e assim passar a apropriar-se destes saberes com mais prazer. Na verdade, a sensação nostálgica que o surdo sente ao se deparar com um material que é seu, que contenha elementos simbólicos especialmente desenvolvidos para ele se torna mais presente, é claramente visível nas situações em que isso se faz presente.

Como afirma R. em sua narrativa ajuda mais no encontro com as pessoas surdas.

O povo surdo é lugar certo para o contato e as interações entre as pessoas surdas. Também, um espaço de discussões sobre a Educação Bilíngue fortalecendo o grupo de surdos e incentivando a fundação das Associações de Surdos, para divulgação dessa Educação Bilíngue, envolvendo o esporte, lazer, comunicação e lugar de encontro para as pessoas surdas (R.2014, p.2)

O importante conhecimento que a literatura possibilita ao povo surdo é o contato dos surdos em aprender através da interação em língua de sinais, como acontece na educação bilíngue. Para a promoção do desenvolvimento integral do aluno surdo, a escola não somente deverá trabalhar no sentido da aceitação da língua de sinais, mas também e principalmente no sentido de perceber e valorizar a comunidade surda, a literatura, bem como os mais diferentes signos culturais do povo surdo.

Lebedeff, em suas pesquisas percebe que:

Os surdos têm sido narrados como sujeitos visuais há muito tempo. Entretanto, Skliar (2001) comenta que muitas vezes a caracterização dos surdos enquanto sujeitos visuais fica restrita a uma capacidade cognitiva e/ou linguística de compreender e produzir informação em língua de sinais. Este autor salienta que a experiência visual dos surdos envolve, para além das questões linguísticas, todo tipo de significações comunitárias e culturais, exemplificando: os surdos utilizam apelidos ou nomes visuais;

metáforas visuais; imagens visuais, humor visual, definição das marcas do tempo a partir de figuras visuais, entre tantas outras formas de significação. (LEBEDEFF, 2010, p.176).

Este momento de introdução de literatura surda serve especialmente como um momento de educação cultural. Em vivências como estas os surdos podem ser levados a treinar o olhar, a atenção, o ser diferente. O uso dos olhos é este aspecto de significação de comportamento cultural do povo surdo.

Este jeito de entender se encontra nas narrativas de T.

A comunidade surda apresenta várias atividades consideradas importantes para o aprendizado das pessoas surdas como piadas, o trabalho com os aspectos linguísticos da língua de sinais como: expressão corporal e facial, e também com a presença dos surdos nas igrejas onde todos são convidados participar e conhecer a comunidade surda.(T. 2014, p.7).

Assim como na cultura ouvinte existem atitudes iguais com significados diferentes, na cultura surda também existem atitudes iguais com significados diferentes.

Para Giordani, a língua de sinais, enquanto L1 para os surdos, apresenta alguns aspectos importante, ressaltando que

As pesquisas que desenvolvem o tema da língua escrita na educação de surdos, em sua significativa maioria, apresentam análises em torno de três eixos: um relaciona-se com as preocupações no campo da didática, enquanto recursos e estratégias escolares de ensino da língua escrita; outro diz respeito aos aspectos relacionados ao código, destacando as produções em língua escrita dos alunos; p terceiro situa-se nas questões que envolvem a discussão de desenvolvimento, onde são apresentados os estudos que envolvem a L1 – língua de sinais – e a L2 – língua portuguesa. As discussões sobre código, desenvolvimento e didática aparecem em algumas pesquisas como elementos concomitantes de análise. (GIORDANI, 2005, p.94)

A língua de sinais é um fator importante para a leitura e compreensão do surdo. A narrativa de C enfatiza o fato de que aspectos linguísticos devem ser evidenciados.

Quando pequena, frequentando a pré-escola, era surda e estava sozinha entre as demais crianças e professora ouvintes. Foi um momento muito difícil, e a aquisição linguística foi bem complicada. Na primeira série, foi matriculada em uma escola para surdos, fazendo com que tivesse satisfação de ir para a escola. A professora surda, contava as histórias infantis e as narrativas sempre em língua de sinais. (História de Bruxas, o Patinho feio, Os três porquinhos). Na aquisição da língua de sinais, como primeira língua, os aspectos linguísticos deveriam ser evidenciados, iniciando principalmente com as expressões faciais, sendo uma forma das crianças aprender e a desenvolver a língua mais rapidamente. A aquisição da língua brasileira de sinais como primeira língua é primordial, enquanto pessoa surda, o português deve ser a segunda língua na modalidade escrita. As duas línguas tem sua importância, mas não sou ouvinte, tenho aprendizagem visual e a língua de sinais é a mais adequada. (C. 2014, p.9)

Temos como exemplo a expressão facial onde a criança surda aprende ler sinais de bom ou mau, expressões que comunicam, transmitem e contem ideias, enunciados que provavelmente interferem na aquisição do conhecimento, bem como na aquisição do próprio comportamento social.

Para Karnopp

[...] a experiência “literatura surda” é utilizada no presente texto para histórias que têm a língua de sinais, a identidade e cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que a surdez como presença de algo e não como falta que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como

um grupo linguístico e cultural diferentes.
(KARNOPP, 2010 p. 161)

A narrativa de P demonstra o mesmo pensamento de Karnopp ao expressar que

Com a literatura surda, as crianças surdas, por meio da aprendizagem visual, poderão aprender a história não somente por meio da língua de sinais, mas também, as questões sobre as identidades surdas, sendo uma literatura que poderá beneficiar também as famílias e amigos dos surdos no sentido de trabalhar a língua de sinais. (P.2014, p. 5).

As histórias e a literatura surda estão aí como meios de explorar tais aspectos e tornar acessível à criança todos os recursos possíveis de serem explorados. O professor surdo, neste contexto, através de sua identidade e cultura surdas, torna-se uma peça fundamental para o desenvolvimento dos alunos, o que incontestavelmente tem grande valor, sendo que as crianças surdas olham o sujeito do professor surdo como um elemento de identidade.

A língua de sinais faz parte da experiência vivida na contação de histórias, sendo que esta prática repleta de artefatos culturais, sua forma surda de expressar-se também é amplamente utilizada na literatura surda. Nesta submissão aos critérios socialmente valorizados, a pesquisa linguística tem provado que a língua de sinais apresentam sistemas de linguagem ricos e independentes, capazes de satisfazer as necessidades linguísticas de seus falantes.

4.6. Teatro em Língua de Sinais

Segundo Strobel, “respeitando a cultura surda, substituindo as músicas ouvintizadas, surgem artistas surdos em diferentes contextos como: músicas-sem-som, dançarinos, atores, poetas, pintores, mágicos, escultores, contadores de histórias e outros” (2008. P.70). Já Wrigley, um importante pesquisador das políticas surdas, fala sobre as manifestações teatrais dos surdos acontecidas no correr da história como concepções em que a literatura surda foi se mantendo, ampliando e corroborando para a cultura surda, ressaltando a

tradição dos contadores de histórias que passam narrações e, mais importante, a tradição da arte de contar histórias em si mesma para gerações mais jovens. Esta auto-educação dentro dessas instituições tem sido pouco estudada, mas ela surge em caminhos importantes de regeneração culturais previamente ignorados. (WRIGLEY, 1996, p.25).

R menciona em sua narrativa sobre como conseguiu vencer no teatro e conquistar um troféu:

E vou narrar um pouco da história da minha vida: comecei a fazer teatro quando era criança. Eu aprendia muitas coisas e me superava a cada dia. Todo o trabalho voltado para a movimentação do corpo com expressão corporal e expressão facial era realizado. Não era algo fácil, eu estudava, treinava e aprendia cada vez mais sobre o ser atriz e me apaixonava por perceber que o ser surdo não me limitava a ser o que eu desejava, e que por meio do teatro demonstrava todos os meu sentimento e sonho real de ser atriz. Sou grata a todos pelos ensinamentos que me fizeram, e o resultado do que aprendi, além demonstrar a todas as pessoas, me deixou muito orgulhosa de ser uma atriz em destaque e de fazer muito bem esse trabalho. Minha primeira apresentação no teatro com o público presente, foi de grande nervosismo que com o passar do tempo e a experiência, fez com que fosse algo natural apresentações de teatro. Em 2007 e 2008, com grande alegria recebi dois troféus de melhor atriz. Fiquei orgulhosa de mim mesma, e foi emocionante! Todos ficaram orgulhosos de mim e eu só tenho a agradecer. (2014, p. 3 e 4.)



Foto 2: A Vassoura da Bruxa Bruxela

Fonte: Revista APADA - 10 anos (Ano 05 n° 05 / Erechim, nov. 2007).



Foto 3: O Fantasma Ziguezague

Fonte: Revista APADA – 11 anos (Ano 06. N° 06. Erechim, nov. 2008).

A realidade que posso afirmar pela observação da experiência vivenciada é a de que as crianças transformaram seus comportamentos no sentido de se posicionarem de forma mais atenta, apresentando melhor desenvoltura, socialização, envolvimento nas atividades, melhora da autoestima, entusiasmo, tudo isso em grande parte estimuladas pelas vivências nas quais se sentiram valorizadas pela comunidade, em especial pelo que aconteceu com o teatro.

No desenvolvimento das atividades que levou a dramatização adaptada da história da literatura, os alunos surdos tiveram momentos de estímulos criativos bem como a oportunidade de expor suas emoções, enquanto que em outros momentos os próprios alunos sentiram-se motivados de expressar sua própria realidade cotidiana a partir das cenas dramatizadas. Assim, também foi possível fazer o uso de suas expressões de forma de formas mais ou menos acentuadas, sem serem obrigados a fazer o uso de língua de sinais. Através do teatro, o aluno surdo tem a possibilidade de expressar suas ideias envolvendo-se em meio a essa arte, pois a pessoa surda comunica através da produção da narrativa, da imagem do cenário e dos espaços em língua de sinais.

Através do teatro, a visão que a aluna tem de si mesma melhora, sentindo-se uma pessoa como qualquer outra, inserida nos mais variados grupos. É o caso que acontece que a atriz Paula Baú, surda, que atua nos espaços do teatro na cidade de Erechim, RS. Esta atriz foi minha aluna durante o período em que atuei como docente naquele município, participando da dramatização de “A Cigarra surda e as formigas”. Hoje, mediante apresentação em língua de sinais, expressões faciais e corporal, Paula se destaca e se tornou uma das melhores atrizes da região. Ela já é famosa, ganhando no quesito de Melhor Atriz do Prêmio Descobrendo Talentos do SESI/ RBS. A conquista do título de melhor atriz em teatro foi muito importante para ela, mas também para todo o povo surdo, pois valoriza a expressão artística que parte da cultura surda em língua de sinais. Esta atriz, cabe destacar, já conquistou dois troféus, um pelo teatro “A vassoura da Bruxa Bruxela” e outro com a peça “O Fantasma Ziguezague”. Na competição, os grupos os alunos surdos e outros grupos os alunos ouvintes apresentaram-se no teatro, passando por uma banca de avaliação, concorrendo com outras apresentações de grupos de teatro ouvintes. O resultado final da avaliação destacou a participação do grupo de surdos e a presença de uma atriz surda, que futuramente veio a se profissionalizar, expressando-se em língua de sinais e utilizando-se de expressões faciais e corporais foi muito importante. Foi visível a admiração dos alunos ouvintes, percebendo a potencialidade dos surdos, que conseguem apresentar teatro em língua de sinais.

Afirmam Rude e Guerchon que

O teatro proporciona aos alunos espaço para expressar ideias e opiniões, liberar a imaginação, a criatividade e a habilidade de discernir criticamente. [...] Seja no ato de ouvir histórias ou

contar, seu corpo vai criando formas e sons, e a comunicação vai se dando com total liberdade de expressão. É uma atividade dinâmica, lúdica e expressiva que enfoca o corporal, sensorial e emocional, englobando formas de comunicação e expressão através do corpo, do desenho, da língua de sinais, da linguagem oral e escrita, na busca incessante das diversas formas artísticas para contar e viver suas próprias histórias. (RUDE, GUERCHON, 2002, p. 23).

As narrativas de T. já identificam este pormenor de Rude e Guerchon, quando destaca que

O teatro pode contribuir para a divulgação da Língua Brasileira de Sinais e influenciar na construção das identidades surdas. (T. 2014, p.7).

O teatro, como uma forma artística capaz de apresentar a cultura e identidade surda, mostrou a toda uma comunidade escolar o quanto pode ser rica e bela uma apresentação inventada pelos alunos surdos, fazendo o uso da língua de sinais. Naquela ocasião pode-se também perceber o valor que pode ser estabelecido através da relação entre escola e comunidade, que no caso passou a valorizar mais as potencialidades dos alunos surdos. Os alunos se sentiram verdadeiramente motivados a aprender a partir de novas experiências, demonstrando querer sempre mais e melhor comunicar-se através dos sinais, das expressões, das emoções, da maneira e dos sentimentos.

As expressões artísticas dos surdos, na área das artes visuais, é representada por diferentes expressões: o teatro, o desenho, a pintura, entre outras. Assim, o surdo inserido no mundo cultural passa a descobrir-se a si mesmo como um sujeito que poderá utilizar a arte como expressão da sua cultura.

No caso apresentado na presente Dissertação, o teatro estimulou o uso de expressão facial e corporal, bem como inter-relacionou-se com atividades variadas. Os alunos surdos mostraram sentir orgulho de si próprios a partir da possibilidade de se apresentarem no teatro, conquistando a fama e o respeito na comunidade onde vivem. A comunidade surda e cultura surda se constituem no contato surdo como outros surdos.

4.7. Letramento Visual: percebendo o mundo do sujeito surdo

A autora Lebedeff, em um de seus artigos, refere-se ao letramento visual como sendo abordado

a partir de varias disciplinas que buscam estudar os processos físicos envolvidos na percepção visual; usar a tecnologia para representar a imagem visual; desenvolver estratégias para interpretar e entender o que é visto. Nesse sentido, letramento visual para os surdos precisa ser compreendido, também a partir de pratica sociais e culturais de leitura e compreensão imagens” (LEBEDEFF, 2010 p.179).

O letramento visual como sendo leitura de imagens, signos e significantes, possibilita a criança surda uma aquisição do conhecimento mais rápida. As narrativas de C falam deste letramento quando apontam que

O clássico da Cinderela em língua de sinais pode contribuir para a aquisição da língua brasileira de sinais pelas crianças surdas rapidamente a partir da visualização da história no próprio livro, da tradução para a língua de sinais e com a teatralização da história. Se o ensino for pautado somente na língua portuguesa, a criança poderá ter atrás o na aprendizagem, tornando muito mais lenta a aquisição da língua de sinais. Com a tradução para a língua de sinais e o uso dessa língua, a criança se desenvolverá na aprendizagem com mais facilidade. (C. 2014, p. 9)

Por meio do ato de visualizar as imagens em língua de sinais, os surdos aprendem os sinais e símbolos presentes nesta imagem. Letramento visual é pensar em uma modalidade de produção narrativa que utiliza a visão como principal fonte de compreensão da informação. Nesta, o visual como área de conhecimento nos possibilita conhecer um pouco mais as possibilidades de apropriação, produção e fruição, como o que aconteceu com a historia da cigarra e formiga sinalizada.

Conceitos como cultura surda, experiência visual e cultura visual remetem, conseqüentemente, ao conceito de letramento visual. Com relação ao letramento, Soares (2002) salienta que este conceito não pode ser visto apenas como um conjunto de habilidades individuais, mas, sim, como um conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os sujeitos se envolvem no contexto social. Discutir então letramento para a surdez requer pensar em práticas culturais e sociais: pensar em como os surdos leem e interpretam o mundo a partir de suas singularidades linguísticas e culturais; pensar em como os surdos utilizam social e culturalmente a língua escrita. Por exemplo, pesquisas demonstram que as singularidades da surdez estão para além da língua, os surdos utilizam estratégias diferentes das dos ouvintes para o ensino de língua escrita (LEBEDEFF, 2006b) e para o conto de histórias (LEBEDEFF, 2003; 2007).

Na sala da aula pode acontecer esta prática no letramento visual em língua de sinais. Os alunos conseguem ter mais sentido, entender melhor, serem mais ágeis no uso dos olhos. A imagem representada na descrição em língua de sinais e a experiência visual compõem o importante entendimento da mensagem do desenho que esta imagem assume quando expressa em língua de sinais.

Afirma Pereira que

Além das atividades que envolvem a leitura, as crianças são inseridas, desde o início do processo escolar, em atividades de escrita dos seus nomes, da professora e dos familiares, de rotinas diárias, do calendário e de pequenas produções com base em relatos e narrativas produzidos pelas crianças na Língua Brasileira de Sinais e escritos na Língua Portuguesa pela professora, na lousa... Desde o início da escolaridade, os alunos são inseridos em textos de diferentes gêneros e tipos textuais nas duas línguas, a de sinais e a portuguesa e, na medida em que manifestam interesse, a professora explica diferenças e semelhanças entre as duas línguas. (PEREIRA, 2014, p. 15)

A narrativa de C sobre o letramento nos possibilita um feedback neste aspecto, quando afirma que

Para aquisição da língua portuguesa enquanto L2 é necessário ter adquirido a língua brasileira de sinais enquanto L1, não tenho feedback auditivo e a língua de sinais pode auxiliar na escrita do português. Considero importante aprender as duas línguas, mas a língua de sinais enquanto primeira língua. (C. 2014, p.10)

É necessário investir na formação de professores surdos, que serão os verdadeiros referenciais: um referencial cultural e um referencial linguístico para seus alunos surdos. O professor surdo ensina a seus alunos surdos com métodos diferentes, utilizando o canal visual. Do ponto de vista profissional, o professor surdo está conquistando cada vez mais espaço na sociedade, e não somente no “mundo dos surdos”. Estão sendo respeitados e valorizados tanto pelos surdos como pelos ouvintes. O letramento visual é possível e hoje os professores surdos dispõem de aparato tecnológico, que pode ser usado para o letramento visual. Neste sentido, a língua de sinais é a língua que o surdo pode dominar plenamente e que servirá para todas as suas necessidades de comunicação consequentemente cognitiva.

Como refere Pereira, a educação Bilíngue

[...] defende o uso de duas línguas na educação dos surdos: a língua de sinais como primeira língua, e a língua majoritária (a Língua Portuguesa, no caso dos surdos brasileiros), como segunda língua. No Brasil, o direito dos alunos surdos a uma educação que contemple as duas línguas- a Brasileira de Sinais e a Portuguesa- é garantido pelo Decreto nº 5.626, de dezembro de 2005. (PEREIRA, 2014, p147).

Neste caso a própria lei garante o letramento visual. A narrativa de T está mostrando a necessidade deste letramento ao afirmar que

Os recursos visuais são muito importantes na aquisição da Língua Brasileira de Sinais enquanto L1 para as crianças surdas, pois para

essas pessoas se a aprendizagem é visual, há necessidade da utilização de imagens significativas com a língua de sinais juntamente com as palavras no português. As palavras apresentadas isoladamente para as pessoas surdas acabam não tendo nenhum significado. Lembrando que a primeira língua para as pessoas surdas é a língua de sinais. A L2, enquanto segunda língua para as pessoas surdas é a língua portuguesa.(T. 2014, p. 7)

A escola que trabalha com a metodologia bilíngue para educação dos sujeitos surdos, prioriza a língua de sinais como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua (L2). Partindo desta compreensão, é necessário refletir sobre como proporcionar o letramento visual e sobre o que é necessário aprender em uma sala, se estes conteúdos contribuem para a construção de conhecimentos dos alunos surdos, se estas vivências serão capazes de considerar todo conhecimento anterior bem como sua capacidade individual, cabendo sempre ao professor estar se perguntando o porquê de trabalhar com aquela ou com esta atividade, incentivando e discutindo, sempre respeitando as diferenças.

A língua brasileira de sinais é a língua natural da comunidade surda brasileira e é uma língua que necessita de letramento visual, especialmente pelo fato de esta ser de natureza visual- gestual- motora, apresentando gramática e estrutura próprias, característica características que lhe conferem status de língua. Partindo desta compreensão, é possível diferenciar as necessidades dos alunos surdos, possibilitando que os surdos aprendem uma segunda língua, como a língua portuguesa para os surdos brasileiros, e para que desta forma estejam também plenamente inseridos na sociedade do País. Para aprender e melhorar a comunicação entre ouvintes e surdos, bem como ampliar esta área do conhecimento humano.

O Decreto 5.626/2005 divulga a Língua de Sinais, e diz que todas as instituições públicas devem garantir às pessoas surdas o acesso às informações necessárias, desta forma, é preciso que toda a comunidade ouvinte tenha conhecimento a cerca do letramento visual do surdo para, efetivamente, garantir esse acesso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas leituras e teorias foram necessárias para construir o contexto da presente pesquisa, bem como para elaborar a produção e chegar às conclusões dessa dissertação.

A minha experiência através desta pesquisa de dissertação, em grande parte motivada e alimentada pela experiência com a criação do livro de história no qual houve um processo de tradução para a literatura surda, uma experiência inédita para todos os envolvidos, me possibilitou observar as crianças surdas em situação de construção de conhecimentos e aprendizados. O desenvolvimento das atividades que resultou na criação do livro “*A Cigarra Surda e as Formigas*” foi um momento importante para meu conhecimento acerca da divulgação e ensino da cultura surda e identidade, na perspectiva educacional em uma proposta bilíngue para surdos. De maneira objetiva e resumida, posso dizer que a história foi estudada com um grupo de alunos que prepararam uma peça de teatro para apresentar na Semana do Surdo, com o objetivo de ressaltar a importância de proporcionar estes momentos de encontro com a cultura surda.

No contexto, a narrativa assume importância no âmbito das reflexões da presente pesquisa, que parte do reconhecimento do valor da literatura para o desenvolvimento cognitivo do surdo, partindo de experiências que considerem o uso da imagem e a língua de sinais na construção dos mais variados aspectos de sua subjetividade, nas mais variadas identidades possíveis, especialmente através do estímulo ao uso da imaginação e fantasia, sem esquecer de conectar as ideias aos fatos da realidade.

Na tradução que resultou na criação do livro “*A Cigarra Surda e as Formigas*” a metodologia que norteou a sequência didática das ações pedagógicas trouxe à criança surda uma imersão na cultura visual pela imagem, estimulando a leitura, a escrita de sinais, a produção de narrativa em sinais e a criação de teatro em língua de sinais, fomentando o desenvolvimento da cultura surda, como fator determinante para a construção da identidade formada na convivência com os diferentes elementos da Comunidade Surda.

É interessante perceber que toda esta experiência vivenciada constituiu-se em uma gama de conhecimentos que foram capazes de fazer com que as crianças surdas se sentissem contempladas e conseguissem desenvolver melhor sua percepção e atenção em aula, acalmando seu comportamento habitualmente agitado pela imposição de

barreiras comunicativas. Pude perceber que na verdade a criança surda encontra-se ávida e sedenta pela informação. Percebo que as crianças surdas que são amplamente expostas a nossa Literatura Surda, passam a demonstra-se cada vez mais empenhadas, naturalmente, em produzir narrativas com qualidade visual e focalizadas na língua de sinais, fato de valorização e pertencimento que também se amplia nas narrativas que são expressas nos livros da Literatura Surda.

Reconhecendo a importância do aprendizado da literatura surda, acredito que esse estudo pode oferecer um dado importante: proporcionar que o aluno surdo nas escolas tenha pleno acesso à língua de sinais, possibilitando a este aluno múltiplas vivências da cultura e identidade surda, estimulando assim a aquisição e a ampliação de conhecimentos. Já que a língua de sinais é a primeira língua dos sujeitos surdos, cabe ao professor investir o empenho necessário para que consiga apresentar o quanto esta é uma língua muito, possibilitando seu uso para tratar de todo e qualquer tipo de informações, o que exige do professor muito esforço para saber adequar a literatura para contemplar a cultura dos surdos, proporcionando prazer e estimulação para o aprendizado da língua de sinais, a construção da identidade e da própria cultura surda.

Pude perceber, analisando o processo descrito ao longo desta dissertação e as narrativas coletadas com os sujeitos desta experiência, pude perceber que o conhecimento das crianças surdas, ao ler os sinais que passam então a fazer-se presentes na história infantil proporcionou aos alunos envolvidos uma verdadeira mudança de comportamento, no sentido de melhorar seu desenvolvimento escolar de maneira qualitativa. Sabe-se que é importante a literatura surda para desenvolvimento da formação global do aluno surdo, proporcionando uma melhora e ampliação da linguagem, especialmente pela constituição da própria identidade, que vai se delinear através do uso da língua de sinais e da imersão na cultura surda.

A criança surda deve ser estimulada a ter contato com a escrita de sinais e com o próprio uso da língua de sinais desde cedo, sendo apoiada pelos adultos durante este processo. Os professores e os pais devem ir incentivando o gosto pela literatura surda por seus filhos desde criança, oferecendo livros que sejam atrativos e estimulantes, sendo muito importante que eles façam do momento da leitura na língua de sinais um momento prazeroso.

A língua de sinais e a cultura surda, expressa através de textos narrativos, pode ter vários gêneros literários. Portanto o surdo e a comunidade surda, inclusive o povo surdo, repassa de geração a geração

a sua pátria de sinais e marcadores culturais surdos que ajudarão a constituir as produções da literatura surda. Assim, a literatura surda teve origem pela necessidade de representar em língua de sinais e de forma visual os conhecimentos da humanidade expresso através do registro em livros de história, mas que raramente traziam elementos culturais dos surdos de maneira positiva, ressaltando o valor desta cultura e da língua de sinais para o povo surdo.

É importante que as pessoas ouvintes que convivem com pessoas surdas, em todos os ambientes, seja na família, no trabalho, na escola e nos demais ambientes de convívio social, tenham acesso à comunicação em língua de sinais para que desenvolvam sua compreensão da cultura surda.

Especialmente as escolas com alunos surdos devem refletir sobre a importância da literatura Surda e assim incentivar os alunos a “criarem” histórias adaptadas baseadas na sua cultura. Isto incentiva sua criatividade e reforça positivamente as potencialidades existentes na diferença surda.

Outro aspecto importante a ressaltar é de que na perspectiva metodológica utilizada nas escolas bilíngues para surdos, onde se utiliza a língua de sinais em todos os contextos educacionais, o que ocorre é que nestes casos os alunos vivenciam uma verdadeira imersão linguística, pois estão o tempo todo em contato com a língua de sinais, seja enquanto conversam entre si em língua de sinais, seja nos momentos em que estão assistindo uma aula ou uma explicação, tudo em língua de sinais.

Diferentemente, na inclusão em classes ouvintes, as aulas são ministradas em português, por professores ouvintes, que dominam pouco ou nada a língua de sinais, o que praticamente inviabiliza ou prejudica muito a compreensão de parte dos alunos. Muitas crianças, adolescentes e até adultos surdos, que vivenciam as práticas da Comunidade Surda e usam a língua de sinais apresentam dificuldade em conseguir ler “semioticamente” as imagens visuais pouco ou mal desenvolvidas nestas salas de inclusão.

Muitas vezes o indivíduo surdo cria seu próprio mundo devido à barreira da comunicação, que continuará existindo enquanto não houver entendimento, compreensão e respeito por sua língua natural e própria

O conhecimento dos adultos surdos, expressos no ato de contar histórias através de suas narrativas, proporciona que a criança surda observe estes adultos e consiga aprender e adquirir a língua de sinais de forma natural e contextualizada.

O surdo precisa adquirir a língua de sinais como primeira língua, o que se constitui como imprescindível ao seu desenvolvimento cognitivo bem como para que possa conviver em sociedade de maneira participativa. Os surdos constituem-se em uma comunidade independente e a língua de sinais deve ser a primeira língua.

Um trabalho pedagógico com surdos que priorize ou supervalorize a língua portuguesa, bem como apenas reconheça as narrativas da cultura oral presentes nas histórias em português, não consegue contemplar a especificidade linguística dos alunos surdos. A língua portuguesa, desenvolvida na condição de segunda língua, precisa ser apresentada aos alunos surdos através de práticas de tradução em língua de sinais, sua L1, considerando ser importante que o processo de tradução em si sempre venha acompanhado da escrita de sinais e também do uso de registros através de desenhos, estimulando primeiro a compreensão da correspondência entre sinais e palavras, para posteriormente estimular a construção de algumas frases simples em português. Mesmo com toda esta consciência, cabe ressaltar que se trata de outra língua e esse processo é difícil para o surdo.

Posso afirmar que criar um livro da narrativa em língua de sinais, com imagens e muito preocupação com a qualidade visual e com o estímulo ao uso da escrita de sinais ajudam muito no desenvolvimento da concentração e do gosto pela leitura. Os surdos apreendem mais facilmente ao ler um livro da narrativa de sua própria cultura surda. Na história “*A Cigarra Surda e as Formigas*”, os alunos surdos encontraram o espaço de que necessitavam para ampliar a cultura surda, a identidade surda e a língua de sinais.

O uso da literatura serve como a construção da consciência de mundo, relacionando a interpretação com a realidade. Os alunos precisam compreender a experiência de seres humanos diferentes. Pode acontecer no futuro de serem adultos com menos problemas, sabendo olhar com respeito para cada pessoa, respeitando o diferente.

O surdo tanto na sua língua, a língua de sinais, e principalmente no português, a língua com a qual ele se comunica com a sociedade, tem direito de ser visto com um indivíduo diferente e deve ser respeitado, assim como sua cultura. A sua felicidade e emancipação dependem de que essas crianças adquiram o mais cedo possível a língua de sinais, inseridas em sua comunidade.

As intercâmbios são fatores relevantes, uma vez que permitem a criança surda conhecer a língua de sinais por meio de sua literatura, vivenciando sua cultura e identidade. Seu crescimento, desenvolvimento efetivo e saudável, depende do fato de as crianças conhecerem cedo e

com antecedência sua língua, terem acesso o povo surdo, interajam com seus pares surdos, compartilhem de sua cultura e identidade surda. Os surdos constituem-se em intercorrências em espaços de interação do povo surdo, por meio da língua de sinais, literatura surda e cultura surda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. J. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez Ed., 1994, v.32.
- ALVES, A. C.; KARNOPP, L. *O surdo como contador de histórias*. In: LODI, Ana et al. *Letramento e Minorias*. Porto Alegre: Mediação: 2002.
- ANATER, G. I. P. *Pensando em tradução cultural a partir do sujeito não-surdo*. In: QUADROS, R. (Org.). *Estudos Surdos III*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.
- AVELAR, T. F. *A questão da padronização linguística de sinais nos atores - tradutores surdos curso Letras - Libras da UFSC: estudo descritivo e lexicográfico do sinal “cultura”*. 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- BAUNAM, H-D.; MURRAY, J. J. *Estudos surdos no século 21: Deaf-Gain e Futuro da Diversidade Humana*. In: ANDREIS, S.; FILIETAZ, R. P. (Org.). *Educação de surdos em debate*. Curitiba: Ed. UEPFR, 2014.
- BIEMBENGUT, M. S. e HEIN, N. *Modelagem Matemática no Ensino*. São Paulo: Contexto, 2000. Disponível em: <<http://nilsonjosemachado.net/lcal8.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2015.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BOLDO, J.; OLIVEIRA C. *A cigarra surda e as formigas*. Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande de Sul. Porto Alegre, 2004.
- CAMPELLO, A. R. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação). Pós-Graduação de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte (Ed). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira*. 2. ed. Ilustrações de Silvana Marques. São Paulo: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.v. I: sinais de A a L e v. 11: sinais de M a Z.
- COELHO, N. N. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 7 ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSTA, A. C.; STUMPF, M. R.; FREITAS, J. B.; DIMURO, G. P. *Um convite ao processamento da Língua de Sinais*. UCEPEL-RS, PGIE/UFRGS, RS, PPGC / UFRGS, RS, Brasil. Disponível em: <<http://gmc.ucpel.tche.br/TIL2004/til-2004-slides.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2014.
- COSTA, M. V. (org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*- Rio de Janeiro: D&A, 2002.
- GIORDANI, L. F. *Uma carta, um bilhete, um desenho: representações culturais da escrita na educação de surdos*. In: LEBEDEFF, T. B.; PEREIRA, I. L. S. (orgs). *Educação Especial olhares interdisciplinares*. Passo Fundo: UPF, 2005.
- HALL, S. *Cultural Representations and Signifying Practices*. London. 1997.
- _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HELSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. B. *Cinderela Surda*. Canoas, RS: ULBRA, 2003.
- HELSEL, C.; ROSA, S. F.; KARNOPP, L. B. *Rapunzel surda*. Canoas, RS: ULBRA, 2003.
- HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. *Coleção é maravilhosa são 10 livros + 10 Cds com interpretação em Libras*. Ciranda Cultura Editora e Distribuidora Ltda. São Paulo, SP, 2010.

JAKOBSON, R. *Aspectos linguísticos da tradução*. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

KARNOPP, L. B. *Texto-base de Disciplina de Literatura Surda*. Material didático para Curso de Letras-Libras – EaD. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf>. Acesso em: 18 out. 2013.

_____; Literatura surda. In: Letramento e Práticas Educacionais Grupo de Estudos e Subjetividade. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/viewFile/1634/1482>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____; MACHADO, R. N. *Literatura surda: ver histórias em Língua de Sinais*. Anais do 2º. *Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação - 2 SBECE*. Canoas: ULBRA, 2006. CD-ROM.

_____; KLEIN, M.; LAZZARIN, M. L. L., *Cultura Surda na contemporaneidade negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

KLEIN, M. *Educação e movimento surdo: histórias de rupturas e contestações*. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M. *A língua na educação do surdo*. V. 1. Porto Alegre: Secretaria Estadual de Educação, 2005.

KYLE, J. *O ambiente bilíngue: alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilinguismo para os surdos*. In: SKLIAR, Carlos. (org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos. Processos e projetos pedagógicos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

LEBEDEFF, T. B. *Práticas de letramento na pré-escola de surdos: reflexões sobre a importância de contar histórias*. In: THOMA, A.; LOPES, M. C. (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

- _____. *Educação especial Olhares interdisciplinares*. In: LEBEDEFF, T. B. ; PEREIRA, I. L. S. Universidade de Passo Fundo: UPF, 2005.
- _____. *Aprendendo a ler “com outros olhos”*: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. *Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPeI | Pelotas* [36]: 175 - 195, maio/agosto 2010.
- MAGALHÃES Jr., E. M. *Sua Majestade o Intérprete*: o fascinante mundo da interpretação simultânea. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MAGNANI, J. G. Cantor. *A antropologia urbana e os desafios da metrópole*. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/AntropologiaUrbanadesafios-metrópole.html>>. Acesso em: 15 dez. 2014.
- MELO, L. E. *Tópicos de psicolinguística aplicada*. 3ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- MORAIS, C. *Contadores de histórias surdos na arte em movimento, no recinto, na recreação e na memória*. In: PERLIN, G. & STUMPF, M. (orgs.). *Um olhar sobre nós surdos*: leituras contemporâneas. Curitiba: CRV, 2012.
- MOURÃO, C. H. N. *Literatura Surda: produções culturais de surdos em língua de sinais*. UFRGS. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32311/000785443.pdf?sequence=1>. Acesso em 21 out. 2014.
- NASCIMENTO, F. D. S.; SCARELI, G. *A cigarra e a formiga*: Uma leitura textual e imagética na Fábula de esposo. In: *Leitura: Teoria & Prática / Associação de Leitura do Brasil*. – ano 1, n.0, 1982. Campinas, SP: Global, 2012. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais18/pdf/ltp_5_8_suplemento_18cole_1602_1999.pdf>. Acesso em 30 set. 2014.
- OLIVEIRA, S. M. DE. *Educação de Surdos e Currículo*: reflexões acerca do reconhecimento da língua de sinais e dos artefatos culturais surdos. Dissertação (Mestrado em educação). Pontifícia

Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte- MG, 2015.

PERLIN, G. *Identidades Surdas*. In: SKLIAR, C. (org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2013.

_____. *Identidades Surdas*. In: SKLIAR, C. (org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____; REIS, F. *Surdos: cultura e transformação contemporânea*. In: PERLIN, G. & STUMPF, M. (orgs.). *Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas*. Curitiba: CRV, 2012.

_____. *O lugar da cultura surda*. In: THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (org.). In: *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

_____; STROBEL, K. *Texto-base de Disciplina de Fundamentos da Educação de Surdos*. Material didático para Curso de Letras-Libras – EaD. Florianópolis: UFSC, 2006.

QUADROS, R. M. *O 'bi' em bilinguismo na educação de surdos*. In: FERNANDES, Eulália (org.). *Surdez e bilinguismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005, p. 26.

_____; KARNOPP, L. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. (org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

_____. (org.). *Estudos Surdos III*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

_____; SOUZA, R. *Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras*. Florianópolis: UFSC/CCE, 2008.

Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Grupo de trabalho, designado pelas Portarias n. 1.060/2013 e n. 91/2013 do MEC/SECADI. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513>>.

Acesso em: 01 jun. 2014.

RIBEIRO, E. S.; SOUSA, E. S. *A Libras como tradução intersemiótica: um caminho para a compreensão do bilinguismo*. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012

ROSA, F.; KARNOPP, L. B. *Patinho surdo*. Canoas: Editora ULBRA, 2005.

_____; KARNOPP, L. B. *Adão e Eva*. Canoas: Editora ULBRA, 2005.

_____; KLEIN, M. O que sinalizam os professores surdos sobre literatura surda em livros digitais. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. (Eds.). *Cultura Surda na contemporaneidade*. Canoas RS: Editora ULBRA, 2012. p. 91-112.

_____; KLEIN, M. *Análises de professores surdos sobre elementos técnicos de sinalização na literatura surda em livros digitais*. In: PERLIN, G. & STUMPF, M. (orgs.). *Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas*. Curitiba: CRV, 2012.

REVISTA, *Uma equipe vitoriosa em 2007*. APADA- 10 anos- ano 05 n° 5- Erechim-RS- Novembro de 2007.

REVISTA, Trabalho e Solidariedade. APADA- 11 anos- ano 06 n° 06- Erechim-RS- Novembro de 2008.

ROZEK, M. *Aprendizagem e sentimentos*. In: LEBEDEFF, T. B.; PEREIRA, I. L. S. org. *Educação Especial olhares interdisciplinares*. Passo Fundo: UPF, 2005.

RUDE, T. C. S; GUERCHON, P. *Teatro para Surdos: Uma abordagem de comunicação e expressão do não verbal ao verbal*. Revista Arqueiro – Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, vol. 6, dez. 2002. Disponível

em:<<http://www.ines.gov.br/paginas/publicacoes>>. Acesso em: 03 de Nov. 2011.

REILY, L. *As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos*. In: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (Org). *Cidadania, surdez e linguagem: Desafios e realidades*. São Paulo, Editora Plexus, 2003.

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. 10. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SANTOS, A. N.; SILVA, B. G.; CARDOSO, R. R. B.; MORAES, V. P. *Diferentes usos da cultura surda na literatura: a língua de sinais atravessada por marcas culturais e resinificada nos processos de inclusão*. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. (Eds.). *Cultura Surda na contemporaneidade*. Canoas RS: Editora ULBRA, 2012. p 46.

SHAVIT, Z. *Poética da literatura para crianças*. Lisboa: Caminho, 2003.

SILVA, F. I. *Ler em SignWriting: possibilidades de desenvolvimento cognitivo da criança surda*. In: PERLIN, G. & STUMPF, M. (orgs). *Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas*. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2012.

SILVA, Tânia dos Santos Alvarez; BOLSANELLO, Maria Augusta; SANDER, Marieuza Endrissi. *Perspectivas para o ensino da escrita de alunos surdos usuários de Libras. Teoria e Prática da Educação*, Maringá, v. 14, n. 3, p. 35-41, set./dez. 2011.

SILVEIRA, C. H., ROSA, F. KARNOPP, L. B. *Rapunzel surda*. Canoas: Editora ULBRA, 2003, p.36.

_____. *Cinderela surda*. Canoas: Editora ULBRA, 2003, p.36.

SILVEIRA, R. M. H. *Contando histórias sobre surdos(as) e surdez*. In: COSTA, M. (org.). *Estudos Culturais em Educação*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

- _____. *Discurso, escola e cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a Educação*. In: SILVEIRA, R. M. (org.). *Cultura, poder e educação. Um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas: ULBRA, 2005.
- _____, BONIN, I. T., SILVEIRA, C. H. *Literatura Infantil do século XXI: surdez e personagens surdos*. In: KARNOOP, L. B. KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Editora da ULBRA, 2011, p. 191-203.
- SKLIAR, C. (org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos*. Porto Alegre: Mediação, v. 1 e 2, 1999.
- SOUZA, R. M. de. *Práticas alfabetizadoras e subjetividade*. In: LACERDA, C.; GOÊS, M. C. R. de (Orgs.). *Surdez: processos educativos e subjetividade*. São Paulo: Lovise, 2000.
- STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.
- _____. *As imagens do Outro sobre a cultura surda*. 2ª ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2009.
- STUMPF, M. R. *Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema de SignWriting: língua de sinais no papel e no computador*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- _____. *Escrita de Sinais I*. Material didático para Curso de Licenciatura Letra-Libras – EaD.. Florianópolis, UFSC: 2008.
- _____. *Transcrições de Língua de Sinais Brasileira em SignWriting*. III Congresso Ibero-Americano de Informática na Educação Especial, Fortaleza, 2002.
- _____. *Sistema Sign Writing: por uma escrita funcional para o surdo*. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Orgs.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

SUTTON-SPENCE, R.; QUADROS, R. M. *Poesia em Língua de Sinais: traços da identidade surda*. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis: Arara Azul, 2006, p. 110 - 165.

_____. *Literatura Surda*. UFRGS, 2013. (Comunicação Oral).

TAVEIRA, C. C.; ROSADA, L. A. D. S., *Por uma compreensão do letramento visual e seus suportes: articulando pesquisas sobre letramento, matrizes de linguagem e artefatos surdos*. *Espaço-Dossiê Letramento e surdez*. Nº 39. Jan- Jun. 2013. PUC- Rio, 2013.

VASCONCELLOS, M. L. *Texto-base de Disciplina de Estudos da Tradução I*. Material didático para Curso de Letras-Libras – EaD. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/estudosDaTraducaoI/assets/316/Texto_Base_Estudos_Traducao_I.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

WRIGLEY, O. *The politics of deafness*. Washington: Gallaudet University Press, 1996..